



FUNDO GERAL

FLUP-BIBLIOTECA (>)



904014

Discursos do Tempo Sentido

- Percepções e usos do tempo

O caso dos Professores Auxiliares -

UNIVERSIDADE DO PORTO

Faculdade de Letras
BIBLIOTECA

N.º

93490

Data 20.07/04/19

Mestranda :

Ana Cláudia S. A. Albergaria

Dissertação no âmbito do mestrado:

Sociologia: Construção Europeia e
Mudança Social em Portugal

Orientadores de mestrado:

Professor Doutor João Miguel Teixeira
Lopes (FLUP)

Professor Doutor Albertino Gonçalves
(UM)

Faculdade de Letras da Universidade
do Porto

Outubro/2006

043 M
A288 d
ex.2

Discursos do Tempo Sentido

Percepções e usos do Tempo
O caso dos Professores Auxiliares

Ao Gonçalo...

*para quem jamais deixarei de ter
todo o tempo do mundo!*

ÍNDICE	Pág.
Agradecimentos	5
I - Introdução	7
II- O tempo	12
2.1. A natureza do tempo	12
2.2. A experiência subjectiva do tempo	16
2.3. O tempo e os estilos de vida	21
III. Tempo e carreira académica	24
3.1. As marcas do tempo: a identidade	24
3.2. O género e o tempo	29
3.3. Ciência, tempo e poder.	31
3.4. A temporalidade do conhecimento	39
3.5. O tempo em contexto organizacional	40
IV- Descobrindo o(s) tempo(s)	46
4.1. O Método	47
4.2. Construção e caracterização da amostra	47
4.3. Técnicas de recolha e análise de dados	50
4.3.1. A entrevista	50
4.3.2. O diário	51
4.4. A análise de conteúdo	52
4.5. O trabalho de campo	53
V - Experiências temporais	56
5.1.(Des)encontros temporais com a profissão	56
5.1.1. Conclusões	70
5.2. Tempos de mudança: o pós-doutoramento e a entrada na categoria de professor auxiliar	72
5.2.1. Conclusões	81
5.3. Discursos do(s) tempo(s) sentido(s)	82
5.3.1 A sobreposição de tempos e a disciplina	82
5.3.2. A temporalidade do espaço e a espacialidade do tempo	93
5.3.3. O género e as estratégias de apropriação do tempo	98
5.3.4. O tempo do futuro	105
5.3.5. Conclusões	108
VI - Considerações Finais	111
6.1. Sugestões para futuros estudos no âmbito da sociologia do tempo	119

VII - Bibliografia	121
Anexos:	130
Anexo I - Hipóteses de Trabalho	131
Anexo II - Guião de Entrevista	132
Anexo III -Quadro de Isotopias	135
Anexo IV -Esquemas de Isotopias das Entrevistas	136
Anexo V - Diário	169
Anexo VI - PROFISSÕES - Guia de Caracterização Profissional: Professor do Ensino Superior.	172

ÍNDICE DE QUADROS	Pág.
Quadro I - Caracterização da amostra: sexo e idade.	50
Quadro II - Caracterização da amostra - tempo na U.M. e na categoria	50
Quadro III - Caracterização da amostra por unidade e departamento.	50
Quadro IV - Isotopia - Escolha da profissão	57
Quadro V - Isotopia - Vantagens da profissão	67
Quadro VI - Isotopia - Desvantagens da profissão	68
Quadro VII - Isotopia - Representações da profissão	70
Quadro VIII - Isotopia - O que mudou com a entrada na categoria	80
Quadro IX - Isotopia - Tempo de trabalho / Tempo livre.	93
Quadro X - Isotopia - A questão do espaço.	97
Quadro XI - Isotopia - A questão do género.	104
Quadro XII - Isotopia - O futuro.	108

Agradecimentos

Quero agradecer aos meus orientadores de mestrado, o Professor Doutor João Miguel Teixeira Lopes e o Professor Doutor Albertino Gonçalves, o apoio que me deram ao nível da concretização da minha tese de mestrado, não só pela orientação, mas também pela força e pela compreensão relativamente à forma como fui gerindo o meu tempo... e como me foram disponibilizando parte do deles...

À Professora Emília Rodrigues Araújo, por todo o apoio que me deu, desde o início da elaboração desta dissertação: pelas leituras dos textos, pelas sugestões, pela disponibilidade permanente, pela escuta dos meus desabafos, pela força e pela amizade, o meu muito obrigada!

Quero agradecer, de forma especial, aos professores auxiliares da Universidade do Minho, do pólo de Braga e de Guimarães, pela sua preciosa disponibilidade e colaboração ao nível da participação e da partilha do tempo para a realização das entrevistas.

À minha irmã, Ana Cristina Albergaria, pelo seu amor, pela sua presença constante na minha vida, pelo seu exemplo de força de vontade e pela vontade que tem em me dar força, pelos meus desabafos, pelos abraços, pelos beijos, pelo carinho e amor com que tratou do meu filho para eu trabalhar neste projecto... por todos os projectos que juntas ainda iremos realizar! Sem a minha irmã seria mais difícil aqui chegar! Obrigada Mana.

Aos meus sobrinhos, Hélder, Nuno e Natércia, agradeço o carinho com que sempre me tratam, agradeço a inspiração que me chegou das suas juventudes, dos seus entusiasmos e dos seus sorrisos... as mensagens de força às 2 e 3 horas da manhã, que me diziam que eu era capaz e que me fizeram acreditar!

Quero agradecer ao meu pai, Ernesto Homem de Albergaria, pela espera contínua... pelas minhas ausências... e pelo brilho que via nos seus olhos sempre que lhe dizia: está quase! Pela força que sempre me transmite e pelo orgulho que tem em mim.

Aos meus cunhados e grandes amigos, Almerinda Silva e Joaquim Silva, quero agradecer todo o apoio que sempre me deram, ficando com o meu filho, de forma especial, nesta fase de conclusão da minha dissertação de mestrado.

Um agradecimento muito especial às minhas verdadeiras amigas: Maria José Vicente, Paula Cruz, Idalina Machado, Elizabeth Santos e Ana Isabel Lopes, pela disponibilidade total para "aturarem" os meus desabafos... me aconselharem... pelas leituras do texto... pelas sugestões, pelas ideias...pelos silêncios, quando assim teve que ser... pelo tempo que dedicaram ao meu filho... pelos dias que ficaram com ele para eu trabalhar...pelos passeios com ele pela baixa do porto... pelos fins de tarde com ele... pelo carinho que sempre lhe manifestaram... e que nessa altura eu não lhe podia dar. Sem o vosso apoio, não teria conseguido!

Agradeço ainda a todos os que, de uma forma menos directa, mas igualmente importante, me deram força e ânimo para prosseguir com este trabalho.

Porto, Outubro de 2006.

I - INTRODUÇÃO

Em discordância com o que se esperava que viesse a acontecer ainda no século passado, a velocidade a que o nosso quotidiano se desenvolve não abrandou. Ao progresso tecnológico, com a entrada do computador nas nossas vidas, com o recurso a equipamentos domésticos cada vez mais sofisticados, com meios de transportes cada vez mais velozes, não correspondeu um aumento do (dito) tempo livre, esse tempo tão ansiado, que supostamente nos proporcionaria o encontro com nós próprios, a fruição da vida através de uma maior dedicação aos nossos amigos, família e a nós mesmos.

Pelo contrário, vemo-nos emaranhados numa sucessão ininterrupta de actividades, num ritmo que nem sempre conseguimos acompanhar, que nos conduz ao cansaço e nos afasta do que a vida tem de melhor. A sensação de falta de tempo (e a sensação de que ele passa muito depressa) entrou nas nossas vidas com uma intensidade difícil de contornar. É neste contexto que se torna sociologicamente pertinente estudar aspectos inerentes às temporalidades sociais que caracterizam as nossas sociedades.

A relação que estabelecemos com o tempo depende não só de aspectos de ordem psicológica, como os que se relacionam com a disciplina e com o senso de responsabilidade, mas também com aspectos de ordem social e organizacional. Se, por um lado, todos conhecemos a experiência da necessidade de regular ou gerir o tempo que consideramos "nosso", por outro lado, também nos vimos envolvidos em decisões e constrangimentos externos que regulam a forma como o usamos e como o gerimos. As culturas e as temporalidades organizacionais são o espelho da temporalidade social dominante e isso reflecte-se, directamente, no dia-a-dia de quem circunscreve a sua actividade profissional em determinado contexto organizacional.

Perante a certeza do interesse em estudar sociologicamente a questão do "tempo", quer devido à escassez de produção teórica sobre esta temática, quer pela dimensão essencial que ocupa nas vivências quotidianas, surgem dúvidas infundáveis sobre a forma como podemos concretizar tal pretensão. No entanto, a necessidade de definir pormenorizadamente os passos que temos de accionar força-nos a estabelecer

opções. Foi neste contexto que surgiu a ideia de estudar uma categoria profissional que, através da consideração das suas especificidades próprias, nos pudesse ajudar a perceber melhor a relação que os actores sociais estabelecem com o tempo, como o vivem, como o sentem, em suma, como lidam com ele. Assim, optamos pelos docentes universitários da Universidade do Minho que estavam, no momento de realização das entrevistas, na categoria de professores auxiliares.

A pertinência de se estudar os docentes universitários baseia-se no facto de o “tempo” se constituir, para esses profissionais, como um tempo flexível, na medida em que se verifica uma ausência de rigidez em termos de horários e em termos de organização do calendário (exceptuando-se as actividades inerentes às aulas, propriamente ditas). De facto, comparativamente a outras categorias profissionais o tempo do docente universitário, assim como os seus espaços de trabalho, adquirem um grau muito elevado de maleabilidade e de autonomia. Estas características são inerentes à própria actividade que desenvolvem uma vez que, para além de implicar o desempenho de tarefas no espaço e tempo da universidade, inclui também um grande número de outras actividades que não dependem de um espaço e de um tempo específico para se realizarem. Torna-se assim muito difícil identificar fronteiras espacio-temporais que delimitem (separem) tempo de trabalho e tempo livre, facto a partir do qual emerge uma forte ambiguidade em termos de distribuição equilibrada do tempo a dedicar a cada actividade.

Outros factores que condicionaram a escolha do objecto de estudo e da própria delimitação territorial da investigação prenderam-se com o facto de se estar a desenvolver, na altura, um projecto de doutoramento na Universidade do Minho, sobre o uso e as percepções do tempo do docente universitário, num período muito particular da carreira académica: dispensa de serviço docente para doutoramento. Sendo assim, pareceu-nos importante a elaboração deste estudo sobre a mesma população, num âmbito mais geral, através do qual se pretende “(des)construir” o quotidiano (tempos) dos docentes universitários que já passaram por essa fase da carreira e se encontram agora na categoria de professores auxiliares.

Em sentido lato podemos dizer que pretendemos, com este trabalho de investigação:

- Compreender o modo como o esquema temporal da universidade é sentido (e vivido) pelos docentes. Ou seja, analisar até que ponto a forma como a universidade se organiza em termos temporais condiciona as estratégias de acção sobre o tempo por parte dos docentes, quer no que diz respeito aos horários quotidianos mais ou menos flexíveis da profissão, quer no que respeita aos tempos inerentes à própria progressão na carreira académica;
- Compreender a influência dos tempos pessoais nos usos e representações sobre o tempo. Pretendemos assim desconstruir a forma como a vivência dos tempos dedicados à família, ao lazer, a si próprios - o tempo para si, condiciona as representações sociais sobre a temporalidade actual;
- Compreender as acções de transição (ou sobreposição) de uns tempos para os outros. Ou seja, que estratégias adoptam os docentes durante a transição do tempo de trabalho para o tempo livre (e/ou vice-versa), assim como identificar os constrangimentos existentes a esse nível;
- Compreender a relação entre (auto)identidade, auto-conceito (profissional) e as experiências e concepções do tempo. (direccionando-nos para os usos e representações sociais sobre a carreira académica, status, privilégios, etc.);
- Perceber de que modo a posição na carreira modela determinados estilos de percepção e usos do tempo.

A apresentação do estudo divide-se em seis partes principais, das quais as três primeiras correspondem ao estado da arte sobre a problemática em estudo, seguindo-se a apresentação das metodologias e das técnicas de investigação, análise dos dados, as conclusões, a bibliografia e, finalmente, os anexos.

Iniciamos, portanto, a exposição teórica do estudo reflectindo sobre “O tempo” (Cap. II). Sendo nosso objectivo perceber as relações que os indivíduos estabelecem com os tempos, tornou-se necessário recolher informação sobre a importância que esta temática tem vindo a assumir no interior da teoria social, analisando as formas como o tempo foi sendo considerado ao longo da história, a sua natureza e o valor que adquire na actualidade. Estudar o tempo tem implicado, tradicionalmente, analisar a relação entre tempo livre e tempo de trabalho, sendo que esta dualidade atravessa a generalidade dos estudos sobre esta temática. Assim, dedicamos uma parte deste trabalho à reflexão sobre a ligação entre estilos de vida e tempo, tendo em consideração

o contexto universitário com os ritmos inerentes às tarefas aí desenvolvidas e as exigências adequadas às especificidades desse meio

De seguida, Havendo aqui lugar à reflexão sobre a ciência, o tempo e o poder.

Porque a carreira académica assume os seus ritmos próprios entendemos como fundamental apresentar, alguns contributos teóricos sobre a questão do tempo na carreira académica (Cap. III). Neste espaço abordamos questões tais como: o processo de construção das identidades na medida em que a identidade se constitui como algo indissociável das representações sociais e, consequentemente, da forma como os indivíduos usam e percebem o tempo; as questões de género; a questão da comunidade científica, definindo-a e expondo algumas das suas características específicas face a outras carreiras profissionais. Categoria profissional; a questão da Temporalidade do Conhecimento, enfatizando precisamente o carácter “não palpável” do trabalho académico, havendo também lugar à problematização da questão do tempo em contexto organizacional, de forma a realçar, com base em estudos realizados, as características específicas da carreira universitária relativamente à temática em análise.

De seguida (Cap. IV) apresentamos a forma como fomos “descobrir os tempos”, através da explicação das técnicas e método accionados para a concretização da investigação, não deixando de referir os principais constrangimentos que fizeram parte deste percurso de investigação.

A análise das informações recolhidas ao longo do trabalho de campo é apresentada no Cap. V, que surge dividido em três partes: a primeira aborda aspectos directamente relacionados com a profissão destes docentes, os aspectos positivos, os negativos, assim como outras especificidades que consolidam as identidades profissionais destes actores; numa segunda parte reflectimos mais especificamente sobre as mudanças que os docentes sentiram, no seu quotidiano, após a entrada na categoria de professor auxiliar; seguindo-se um conjunto de reflexões sobre aspectos fundamentais para a percepção dos usos e percepções do tempo, tais como, a questão da sobreposição de tempos e a disciplina; a relação entre o espaço e o tempo; as questões de género, concluindo-se com a análise das perspectivas futuras destes docentes.

Nas conclusões gerais do estudo confrontamos as hipóteses de trabalho formuladas com os resultados obtidos, havendo também lugar a um conjunto de sugestões sobre o que se poderá vir ainda a realizar no âmbito de estudos sobre o tempo e que, por opções técnico-metodológicas, não se desenvolveu no presente trabalho.

A apresentação do estudo termina com a relação de toda a bibliografia consultada para a sua elaboração assim como com um conjunto de documentos que, pela sua importância no trabalho, mereceram ser anexados à dissertação.

II. O TEMPO

"O tempo perguntou ao tempo quanto tempo o tempo tem e o tempo respondeu ao tempo que o tempo tem tanto tempo quanto tempo o tempo tem"

Adágio Popular.

2.1 A natureza do tempo

O tempo é algo abstracto que a maior parte das sociedades conseguiram (em certa medida) materializar. Seria esta a definição que muitos de nós poderíamos dar quando reflectimos sobre o que é o tempo. Abstracto porque não o tocamos e porque não o vemos. Contudo, sentimo-lo. E, por oposição ao seu carácter imaterial, criamos o relógio para com ele medir o que não podemos tocar nem ver. Se tentássemos explicar isto a uma criança de quatro anos seria muito difícil ela considerar lógica a nossa explicação. E porque se trata de algo controverso vários autores, da área social e de outras áreas teóricas, tais como a biologia, reflectiram profundamente sobre a natureza do tempo.

Tomar o tempo como objecto de estudo sociológico remete-nos, quase que inevitavelmente, para o estudo da passagem do tempo agrícola para o industrial. Isto porque a História nos diz que até ao século XVI a vida diária era orientada apenas pela tarefa¹. Nessa época a semana não era uma unidade de tempo muito importante, na medida em que a organização temporal baseava-se, fundamentalmente, nas feiras, mercados e no calendário religioso. Com a passagem do séc. XVI para o século XVII deram-se mudanças muito importantes, as quais resultaram no aumento do uso dos relógios domésticos, dos relógios públicos e dos sinos. A necessidade de se estabelecerem horários rígidos surge com o aumento da escolaridade para as classes médias e altas, sendo, assim, implementada essa forma de organização temporal nas escolas. O esforço por parte dos puritanos para organizar o seu trabalho com base na calendarização semanal reforçou, também, essa mudança. O crescente

¹ Ver sobre este assunto: E. P. Thompson. (1967) . "Time, Work-discipline and Industrial Capitalism". *Past and Present* 36: 52-97.

desenvolvimento de uma economia monetária tornou, igualmente, necessário o cálculo dos dias de trabalho e dos salários, tendo-se introduzido o termo “pontualidade” no vocabulário corrente.

No séc. XVIII o tempo tornou-se claramente mais desvinculado das actividades sociais devido, em grande medida, às inovações no mundo do trabalho, uma nova disciplina do tempo inerente à sociedade industrial. Outros desenvolvimentos externos à esfera do trabalho contribuíram, também, para esse facto, como são exemplos, o incremento da catequese e da convenção dos fusos horários com base no meridiano de Greenwich.

Apesar da palavra “tempo” adquirir diferentes significados consoante os autores, verifica-se que a maior parte das análises sociológicas presumem que este (o tempo) é social. No livro “As formas elementares da vida religiosa” Émile Durkheim² adverte-nos para o facto de apenas os seres humanos possuírem um conceito de tempo e que o tempo, nas sociedades humanas, é abstracto e impessoal sendo esta impessoalidade organizada socialmente. Nesse sentido, o autor fala-nos de Tempo Social assumindo-o como uma Instituição. Assim, o carácter “natural” do tempo é colocado à margem da teoria Durkheimiana tal como na maior parte dos testemunhos mais actuais sobre esta problemática. Seguindo o raciocínio de Durkheim podemos referir que, se o tempo é uma categoria social do pensamento, objectivamente adquirida no interior das sociedades, então ele varia de sociedade para sociedade. Este pressuposto fez também parte dos contributos teóricos de Sorokin e Merton³ na medida em que deram ênfase semelhante à natureza qualitativa do tempo social. No entanto, foram mais além porque distinguiram as sociedades pelo facto de possuírem ou não uma categoria separada de “tempo-relógio”, além do “tempo social”.

A reforçar o pressuposto que, de facto, o tempo, enquanto categoria social do pensamento, varia de sociedade para sociedade temos o testemunho de Evans-Pritchard⁴ sobre a sociedade dos Nuer que não possuem um sentido de tempo enquanto recurso. O tempo não é visto como algo que passa, que pode ser gasto, ou

² Emille Durkeim (1915). *The elementary Forms of Religious Life. A study in religious Sociology*. London: George Allen & Unwin.

³ Ver a obra: Merton et Sorokin (1937). “Social-time: a methodological and functional analysis”. *American Journal of Sociology* vol. 42: 615 - 29.

⁴ E. E. Evans-Pritchard, (1969). *The Nuer* (first published 1940). Oxford: Oxford University Press.

aproveitado. Para esta sociedade, as expressões de tempo só surgem para fazer referência a actividades sociais baseadas em mudanças ecológicas cíclicas. Ou seja, os períodos em que não se exerce nenhuma actividade social significativa são passados sem qualquer referência ao tempo. Segundo o autor, apesar de em muitas sociedades existir uma certa forma de “semana”, esta pode consistir num qualquer período de tempo, que varia consoante as sociedades. Essas divisões do tempo reflectem um padrão social particular, como são o exemplo as semanas de oito dias, porque existe a feira ou mercado precisamente de oito em oito dias, como é o caso dos Khasi. No mesmo sentido vai o contributo do autor contemporâneo Pierre Bourdieu que nos dá o exemplo dos Cabilas da Argélia que construíram um sistema de “tempo-social” que é contra o “tempo-relógio” – eles referem-se ao relógio como o “engenho do diabo”⁵. Ou seja, desvalorizavam a pressa na vida social, não possuíam noção de precisão temporal nos seus encontros e não estabeleciam um tempo para comer. A importância destes exemplos está, hoje, no reconhecimento de que a rejeição do tempo-relógio não é uma característica apenas das sociedades pré-modernas. De facto, a ligação entre o natural e o social é de tal forma intensa que mesmo nas sociedades modernas se encontram estratégias de “marcar” o tempo, tais como o sono e a própria fome, que são do foro “natural”, isto é, são mais determinados pelos ritmos internos do corpo e do cosmos, do que por uma entidade externa, como é o relógio.

Contudo, o que se passa na maior parte das sociedades modernas é que o tempo não é, geralmente, estruturado em função dos ciclos naturais e biológicos. O tempo-relógio é central para a organização das nossas sociedades e das actividades sociais que lhes estão inerentes. As sociedades actuais centram-se em torno do “esgotar do tempo” (e do espaço). O cálculo de tempo é abstracto, divisível e mensurável universalmente. Baseando-se nos estudos de Marx e de Weber, Thompson⁶ considera que a orientação pelo tempo se tornou na característica crucial das sociedades capitalistas industriais. Este autor, tal como Marx, tentou mostrar que a regulação e a exploração do tempo de trabalho são a característica central do capitalismo. De facto, há, entre estes dois autores, a partilha da ideia de que a troca de mercadorias não é mais do que a troca dos tempos de trabalho.

⁵ Ver sobre este assunto a obra: Pierre Bourdieu (1990). “The attitude of the Algerian peasant towards time”. *Sociology of Time*. London: Macmillan.

⁶ Edward Thompson, *op cit*.

A contemporânea Barbara Adam alerta-nos para a necessidade de terminar com a distinção (e com o dualismo) entre tempo natural e tempo social, assim como as distinções sujeito/objecto, natureza/cultura, como foram preocupações de Durkheim, Sorokin e Merton⁷. Adam refere que o único aspecto que existe no mundo social e que não existe no mundo natural é o tempo-relógio⁸. Ou seja, ao contrário do que as ciências sociais têm feito não se deve considerar o tempo-relógio como a variável definidora do tempo natural. Como diz Barbara Adam “passado, presente e futuro, o tempo histórico, a experiência qualitativa do tempo, a estruturação de uma mudança indiferenciada em episódios, todos são estabelecidos como facetas integrais do objecto de estudo das ciências naturais, e o tempo relógio a medida invariável, o círculo fechado, a perfeita simetria e o tempo reversível figuram como criações nossas”⁹.

Já no fim do séc. XX, Einstein defendeu que não há um tempo fixo, independente do sistema ao qual se refere. Ou seja, o tempo adquire um carácter local. Os cronobiólogos têm também demonstrado que o ritmo é o princípio crucial da natureza e por isso mesmo é também o princípio crucial do próprio homem. Para estes estudiosos as pessoas não são só influenciadas pelo tempo-relógio como também são, elas próprias, um relógio. O que querem dizer é que os seres vivos são compostos por um número indeterminado de relógios treinados para trabalhar em coordenação com os ritmos do mundo físico exterior (diário, lunar, anual e o ciclo de vida).

A natureza é intrinsecamente temporal e nela existe uma pluralidade de tempos diferentes. Como diz Urry¹⁰ as leis da natureza devem ser entendidas como histórias e por esta razão é incorrecto construir uma simples dicotomia entre natureza “sem tempo” ou “atemporal” ou ter uma concepção reversível do tempo. Este autor, na mesma linha teórica de Barbara Adam, identifica duas áreas de debate teórico que lhe

⁷ Ver as obras: Merton et sorokin, *op cit*.

Emille Durkheim (1989). *A divisão do trabalho social*, Presença: Lisboa.

Emille Durkheim(1915). *The elementary Forms of Religious Life. A study in religious Sociology*. London: George Allen & Unwin.

⁸ Os biólogos demonstraram que não são só os seres humanos que experimentam o tempo ou que organizam a vida em função do tempo (do ciclo de vida).

⁹ Barbara Adam(1991). *Time and social theory*. Oxford: Polity Press, p. 150.

¹⁰ Para aprofundar a perspectiva do autor, sobre este e outros assuntos, ver as obras:

J. Urry et M. Sheller(2003). “Mobile transformations of “public” and private Life”, *Theory, Culture and Society* Vol. 20 (3): 107-125.

J. Urry (2002). “Mobility and proximity”, *Sociology*, vol. 36(2): 255-274

J.Urry (2000). *Sociology beyond societies: mobilities for the twenty-first century*. London: Routledge (International library of sociology).

parecem relevantes. A primeira diz respeito à sociologia histórica do tempo e a segunda refere-se ao desenvolvimento do pós-modernismo. A primeira área reporta-se sobretudo à tese de Thompson¹¹, já anteriormente aqui abordada, segundo a qual o capitalismo industrial fez com que se passasse de uma orientação pela tarefa a uma orientação pelo tempo. A segunda área do saber teórico vai no sentido de que o tempo-relógio está a ser substituído pelo tempo instantâneo. A busca pelo prazer imediato, faz com que o futuro se dilua no presente – querer o futuro agora – utilizando uma expressão de Barbara Adam¹². Este facto relaciona-se com a forma como a TV nos mostra acontecimentos distantes em termos geográficos. Às vezes com carácter trágico e impondo isso ao quotidiano das pessoas. Verifica-se o que alguns autores, nomeadamente Harvey¹³, chamam de compressão literal do tempo-espço, como se houvesse uma colagem de histórias que em nada se inter-relacionam e que moldam a vida social. Esta fragmentação temporal e espacial é reforçada, como diz J. Urry, pela “cultura de 3 minutos” (as imagens duram pouco e nada têm a ver umas com as outras).

2.2. A experiência subjectiva do tempo

Até aqui falei, em específico, do tempo como algo quase tangível, que se assume existe e inscreve a vida dos indivíduos. No entanto, falta alguma reflexão sobre a própria experiência (subjectiva) dos actores. E por isso, é central percorrer os principais quadros teóricos sobre o tempo, que mais se debateram com a problemática da vivência do tempo, tendo presente a ideia de que o tempo subjectivo diz respeito, sobretudo, à forma como os indivíduos o experienciam, ou seja, à sincronia e à diacronia inerentes aos seus quotidianos, não negligenciando nunca o facto de que essas experiências temporais se imbuem de sentido.

Weber foi o primeiro teórico a fazer uma análise sociológica sobre esses processos na medida em que problematizou as implicações do tempo na subjectividade dos indivíduos. Partindo da noção de escassez do tempo o autor alertou-nos para o facto de o “perder tempo” ser, à luz ética protestante, o primeiro e, em princípio, o mais fatal

¹¹ Thompson, *op cit.*

¹² Barbara Adam, *op cit.*

¹³ A. Harvey Fisher, Kimberly, Gerhusuny, Jonathan, Akbari, Ather (2000). “Examining working time arrangements using time use survey data.” *working paper, ISER*: www.iser.essex.ac.uk/pubs/workpaps/wp2000-22.php

dos pecados. Segundo aquela ética, a duração da vida humana é infinitamente pequena e preciosa para que se tenha a certeza de que cada um é eleito". Perder tempo devido à sociabilidade, à ociosidade, à luxúria ou até ao facto de se dormir mais do que o necessário para a saúde (...) é digno de uma condenação moral absoluta"¹⁴. Também a frase "tempo é dinheiro" ficou até aos nossos dias como algo que é aceite universalmente. Por tudo isto existe uma consciência de que é necessário "aproveitar" o tempo, que deve ser usado na totalidade, e que cabe a cada um de nós gerir bem o seu tempo e o dos outros. Tanto o trabalho como o lazer deve ser organizado de forma idêntica: ou seja, planeado, calculado, subdividido e lucrativo. As palavras de Jonh Urry traduzem bem a forma como se organiza o lazer nos nossos dias (a preocupação que existe em torná-lo também, de certa forma, produtivo) quando nos fala do lazer como um "divertimento racional".

Segundo Bergson¹⁵, os indivíduos devem ser vistos *no tempo*, em vez de se pensar o tempo como um elemento ou uma presença discreta. É assim que o autor nos diz que o tempo está, inextrincavelmente, ligado ao corpo. Assume que as pessoas não pensam tanto no tempo real, *vivem-no* na realidade, sensorial e qualitativamente. A memória não deve ser considerada como uma gaveta ou armazém. A memória deve ser vista temporalmente como o sobrepor do passado no presente. Ou seja, deve-se ter a consciência de que nenhum elemento está presente e que é mudado sempre que novos elementos são acumulados a partir do passado e é nessa medida que o tempo se percebe qualitativamente. Noutro sentido, o espaço é algo que assume uma forma abstracta e quantitativa. Bergson não defende, portanto, que a existência do tempo necessite do espaço. Ou seja, o tempo, ou a duração, devem ser considerados apenas como "temporais" desenraizados do espaço.

Bergson¹⁶ conceptualizou o espaço como abstracto e quantitativo e assim já Bachelard¹⁷, por seu lado, desenvolveu uma concepção de espaço como uma variável qualitativa e heterogénea, fundamental para a compreensão Bergsoniana do tempo. A casa, por exemplo, não deve ser encarada como simples espaço físico, ela está

¹⁴ Max Weber (1905). *L'Ethique protestante et l'esprit du capitalisme*. Paris: Plon, p. 158.

¹⁵ Bergson (1992). *Durée et Simultanité*. Paris: Presses Universitaires de France, p. 380.

¹⁶ *Idem, ibidem*.

¹⁷ G. Bachelard (1972). *La Dialectique de la Durée*. Paris: Presses Universitaires de France.

carregada de memória. Além disso, a própria duração do tempo, está ela mesma dependente dessa especificidade espacial.

O que se pretende dizer é que o espaço tem um papel particularmente importante na formação da memória. **Bachelard** possui uma concepção da memória como corporizada. “Os nossos corpos não esquecem a primeira casa que encontraram. As suas características ficam inscritas em nós. As memórias são materialmente localizadas e assim a temporalidade espacialmente enraizada. As casas são vividas através do corpo de cada um e das suas memórias”¹⁸. O espaço é necessário para dar qualidade ao tempo. Partindo desta ideia, assumimos como pressuposto que “*a forma como se apropria o espaço (enquanto táctica de organização temporal) condiciona o modo como se usa o tempo*”¹⁹.

Numa linha semelhante, para Heidegger²⁰ o conceito de tempo expressa a própria natureza do sujeito/humano, ou seja, os seres humanos são fundamentalmente temporais e encontram o sentido da sua existência no carácter temporal da sua vida, limitada pelo nascimento e pela morte. O autor alerta-nos para o facto de que a *natureza* do tempo (e do espaço) não pode ser confundida com os instrumentos com os quais se mede o tempo (intervalos, instantes, etc.).

Apesar da amplitude do debate que o conceito de tempo gera, podemos afirmar que o tempo-espaço mensurável foi imposto como eixo estruturante da cultura ocidental. Como nos revela Elias²¹ o tempo inscreve-se num habitus civilizacional do ocidente. A sua incorporação e aprendizagem imbuíram-se de um carácter histórico mas também individual, porque, se por um lado, os actores sociais só podem construir algo a partir de um património de saber já adquirido, por outro, desde crianças que são forçados a desenvolver um sistema de auto-disciplina de acordo com a instituição social que é o tempo, para que no futuro sejam capazes de desempenhar o papel de adultos. Nesse sentido, a socialização adquire um papel fundamental, na medida em

¹⁸ Turner, B. S. Ed. (1996). *Tecnia Social*, Miraflores, Difel, p. 399.

¹⁹ Esta hipótese aparece tratada especificamente em relação aos professores na obra: Emilia Araújo (2005). O doutoramento, a odisseia de uma fase da vida. Lisboa: Colibri.

²⁰ Heidegger, M. (1989/1998). *The concept of time*. London: Blackwell Publishers.

²¹ Norbert Elias (1997). *On time*. Lisboa: Difel

²² Antony Giddens (1991). *Modernidade e Identidade Pessoal /Modernity and self-identity*. Oeiras: Celta Editora.

que através dela os indivíduos e grupos vão interiorizando as normas e simbologias temporais assim como a forma de ordenar os eventos próprios de uma sociedade.

Giddens²² não se afasta muito da concepção de Elias na medida em que defende que a concepção de tempo é resultado de uma "reprodução" de longa duração operada ao nível das Instituições através das sucessivas gerações que "(re)actualizam no dia-a-dia os princípios reguladores estruturais. Neste sentido, na actualidade, as pessoas tornam-se sujeitos temporais, quer porque se orientam "para" o tempo, quer porque são disciplinados "pelo" tempo.

Com base nos contributos de Heidegger, Giddens²³ revela-nos um conjunto de factores específicos, relacionados com a questão do tempo, que fazem com que os sujeitos humanos se diferenciam dos objectos materiais. Assim, o autor convida-nos a reflectir sobre o facto de que só os humanos têm consciência da sua finitude, ou seja são capazes de pensar na sua morte e na dos outros. Além disso, outra especificidade da natureza humana prende-se com a capacidade do ser humano para transcender o imediatismo da experiência sensorial através de formas individuais e colectivas de memória. Capacidade relacionada com o que designa de "interpenetração de presença e ausência". O movimento dos indivíduos pelo tempo e pelo espaço pode ser compreendido através da inter-penetração de presença e da ausência, o que resulta da localização do corpo humano e dos meios de mudança deste no intercâmbio com a sociedade e mais vasta (novas tecnologias da comunicação, transportes, escrita, imprensa, aviões a jacto, etc.) As tecnologias de comunicação e de informação contribuem para a fusão entre presença e a ausência, mudam as formas pelas quais as memórias são guardadas e ponderadas no presente e também alteram os meios pelos quais a duração de longo prazo das principais instituições sociais é construída, tendo em conta acções sociais contingentes.

Segundo Giddens²⁴ os seres humanos não vivem meramente no tempo, mas têm consciência do passar do tempo (o que está incorporado nas instituições sociais). Assim, a experiência do tempo dos humanos não pode ser compreendida apenas ao nível da consciência intencional, mas também do subconsciente individual de cada

²² Ver Antony Giddens, *op cit.*

²⁴ *Idem.*

pessoa sendo que nesta o passado e o presente estão indissociavelmente ligados, isto é, o conhecimento que temos do passado estrutura as nossas experiências de vida no presente. Como nos diz Paul Connerton “Daí a dificuldade de extrair o nosso passado do nosso presente: não só porque os factores presentes tendem a influenciar – alguns diriam mesmo distorcer – as nossas recordações do passado, mas também porque os factores passados tendem a influenciar ou a distorcer, a nossa vivência do presente”²⁵.

Antony Giddens²⁶ preocupa-se também com o trabalho do “tempo-geografia”. Na medida em que considera que existem várias fontes de constrangimento sobre a actividade humana devido à própria natureza do corpo e aos contextos físicos nos quais a acção humana ocorre, sendo que um desses constrangimentos passa pela indivisibilidade e corporalidade do corpo devido ao facto do tempo de vida se ir encurtando até à morte. Outro constrangimento apontado pelo autor diz respeito ao carácter escasso do tempo e à capacidade limitada dos seres humanos para participar em mais de uma tarefa ao mesmo tempo. Finalmente, a acção humana pode ser constrangida por efeitos do tempo devido à restrita capacidade de armazenamento de tempo-espaço, pois dois indivíduos não podem ocupar o mesmo ponto no tempo-espaço.

Segundo o mesmo autor²⁷ estes factores condicionam as redes de interacção formadas pelas trajectórias diárias, semanais e, especialmente, os percursos de vida dos indivíduos na interacção uns com os outros. Temos de ter em conta que os indivíduos se movem pelo tempo-espaço, encontram-se em situações e abrangem grupos. Os actores sociais estabelecem metas, possuem projectos e, para que seja possível alcançá-los, têm de ter acesso aos recursos, cada vez mais escassos, que são o espaço e o tempo.

O mesmo autor distingue, ainda, mais dois tipos de constrangimento: os constrangimentos à capacidade – tais como a necessidade de dormir ou comer e os constrangimentos de ligação – que condicionam actividades que são empreendidas por outros, pelo menos numa parte do tempo. Estes constrangimentos fazem com que a conduta diária não se confine apenas a fronteiras físicas e geográficas mas também a “paredes espaço-temporais” resultantes do facto da globalização ter contribuído para a

²⁵ Paul Connerton (1993). *Como as Sociedades Recordam*. Oeiras, Celta Editora, p. 2.

²⁶ Ver Antony Giddens, *idem*.

²⁷ *Idem, ibidem*.

separação entre o tempo e o espaço. São estas “paredes” que têm sofrido grandes mudanças devido, precisamente, à convergência tempo-espaço e à consequente interpenetração entre ausência e presença, suscitada pelos meios de comunicação e de informação.

Para Le Feuvre²⁸ na modernidade desaparece o tempo vivido. O relógio é o instrumento de medição que substitui esse tempo e que está separado do espaço social. Assim, na perspectiva do autor o tempo torna-se um recurso, separado do espaço social, recurso esse que é consumido, desdobrado e esgotado. A sociedade moderna caracteriza-se pela emergência dos recursos tempo e espaço, relativamente independentes.

Em síntese, recolhendo os contributos dos diversos autores, entendemos, de forma similar a Gurvitch²⁹, o tempo como forte estruturador social, presente nas memórias colectivas e indicador de uma elevada pluralidade de sentidos e de práticas. Estando enredado nas relações e representações sociais, o tempo possui ainda como características essenciais, segundo Robert Lauer, a periodicidade, a duração e a sequência ou hierarquização³⁰. Isso significa que o tempo não existe por si mesmo, é uma dimensão de significado, concebido pelos actores sociais e um meio através do qual nos relacionamos com o meio ambiente e social, dando-nos a capacidade de agir sobre eles.

2.3. Tempo e Estilos de vida

A reforçar a interligação entre (as relações com) o tempo e as formas de estar e de ser dos actores sociais temos os contributos de Pierre Bourdieu³¹, para quem o tempo se traduz em consumos e jogos simbólicos de distinção. Tradicionalmente, as ciências sociais abordam esta questão integrando o tempo num delineamento dualizado em tempo livre e tempo de trabalho, deixando, contudo, claro que o tempo livre não corresponde necessariamente ao tempo de lazer. De facto, o estudo da relação entre

²⁸ H. Le Feuvre (1991). *The Production of Space*. Oxford. Blackwell, pp. 95-6.

²⁹ Gurvitch (1964). “The spectrum of social time”. *Sociology of Time*. J. H. ed. London: MacMillan: 35 - 44.

³⁰ Ver a este respeito R. Lauer (1981). *Temporal man. The meaning and uses of social time*. New York, Praeger.

³¹ Ver a obra: Pierre Bourdieu (1990). “The attitude of the Algerian peasant towards time”. *Sociology of Time*. London: Macmillan.

tempo e estilo de vida passa, usualmente, pelo valor atribuído à duração do tempo livre e às actividades que decorrem durante esse tempo. Ou seja, parte-se do pressuposto de que o tempo de trabalho corresponde ao tempo ocupado e o tempo livre ao não- ocupado. No entanto, consideramos que o tempo, enquanto diferenciador dos estilos de vida, não deve ser considerado como estando apenas relacionado ou com o domínio da produção, ou do consumo, ou do tempo livre. Corresponde, também, a um tempo de consumos materiais e simbólico-culturais, permitindo aos indivíduos, assim, afastarem-se da rigidez e da monotonia inerentes ao tempo de trabalho. Por esse motivo, torna-se importante olhar para os usos do tempo, procurando inseri-los e estudá-los como configurações, isto é, como um conjunto articulado de práticas cujo desenvolvimento é precedido de representações estruturadas mediante valores e esquemas particulares dos diferentes grupos sociais e à posição ocupada por estes na sociedade³².

Horning³³, ao analisar a forma como os actores sociais lidam com o tempo, concluiu que a temporalidade do estilo de vida inclui três referências temporais, ligadas entre si, a saber: o tempo social, o tempo institucional (ou dos subsistemas) e o tempo subjectivo.

O tempo social relaciona-se com o que Horning³⁴ identifica como “O tempo do Mundo”. Este tempo refere-se, fundamentalmente, ao tempo estandardizado, uniforme, que permite manter a comunicação e as relações de interdependência entre vários sistemas. No fundo, o tempo social é aquele que integra os tempos específicos de cada subsistema social num só. Esses sub-sistemas diferenciam-se entre si, na medida em que actuam de forma diferenciada perante essa estandardização. Além disto, o tempo social diz ainda respeito à representação social do tempo nos processos históricos. Ou seja, trata-se de um tempo linear, que temporaliza a própria história.

A um nível mais micro, podemos referir que a relação do tempo social com os estilos de vida passa, nomeadamente, pela necessidade de os actores sociais justificar em os usos dos seus tempos, por relação com o tempo social dominante. No fundo,

³² Em Portugal, ver especificamente Emília Araújo (2005) . O doutoramento: a odisseia de uma fase da vida. Lisboa: Colibri

³³ K , Horning and A. M. M. e. Gerhard (1995). *Time Pioneers, Flexible Working time and new Lifestyles*. Cambridge: Polity Press.

³⁴ Idem.

trata-se de perceber a existência de um tempo integrador estandardizado que está para além da forma como cada pessoa utiliza os seus tempos.

O tempo institucional, ou dos sub-sistemas, por sua vez, diz respeito aos esquemas temporais das organizações e instituições concretas. Estes esquemas temporais reflectem-se nos estilos de vida dos indivíduos, ou seja, influenciam o modo como se experiencia a vida quotidiana e, consequentemente, a forma como se usa o tempo. Assim, podemos dizer que o tempo dos sub-sistemas é aquele que se relaciona com esquemas disciplinantes.

Apesar de nem todas as organizações exercerem constrangimentos à acção de forma intensa e fortemente disciplinante, a verdade é que as organizações de trabalho impõem mais constrangimentos aos tempos quotidianos na medida em que estabelecem limites e fronteiras para o “dito” tempo livre.

O tempo subjectivo, reporta-se à experiência do tempo, à diacronia e à sincronia inerentes ao dia-a-dia dos actores sociais. Numa linha fenomenológica podemos dizer que ao tempo corresponde um fluxo contínuo no qual o presente se torna num “just-has been” e um “foi”. Cada fase é, ao mesmo tempo, passado e futuro sob a forma de antecipação. Segundo alguns autores da fenomenologia, tais como Shutz, Luckman e Luhmann, o ritmo ou a densidade das acções humanas varia de acordo com o tipo e a intensidade dos constrangimentos externos, mas também consoante o tipo de motivação associado, os temas e as actividades executadas³⁵.

Para além de reflectir sobre as temporalidades inerentes ao quotidiano dos indivíduos, Horning³⁶ fala-nos de dois estilos de vida: o “convencional” e o “pioneiro”. O estilo convencional caracteriza-se pela necessidade que os actores sociais sentem em equilibrar as quantidades de tempo a “alocar” a cada esfera, pessoal e profissional. Ou seja, o estilo convencional caracteriza-se pela valorização da dimensão mensurável e concreta do tempo. Aqui, mesmo o tempo livre não o é verdadeiramente, porque o tempo tem, antes de mais nada, de ser “ocupado”. Perante isto, este estilo de vida caracteriza-se pela necessidade de planear a forma como o tempo deve ser preenchido.

³⁵ Para ver mais sobre este assunto consultar a obra: K. Horning, and A. M. M. e. Gerhard (1995), *op cit*.

³⁶ Idem.

O tempo de lazer é ocupado com actividades com os filhos, ou idosos, ou até com outras actividades remuneradas ou de carácter associativo.

De facto podemos dizer que o tipo convencionalista é o dominante, no entanto, destacamos a importância crescente que o “tempo para mim” tem vindo a adquirir (Nowotny, 1996). Vários estudos têm revelado que as pessoas cada vez mais desejam ter mais tempo para elas próprias. No entanto, isso é verbalizado mais como um projecto do que como algo concretizado. Podemos então dizer que coexiste com o estilo de vida convencional, um estilo tendencialmente Pioneiro, onde a busca da felicidade e a procura de si passam a ocupar um lugar central nas estratégias de alocação do tempo. No estilo pioneiro conceitos como “gastar o tempo” ou “matar o tempo” perdem a sua força, surgindo o “dispor do tempo” ou o “usufruir do tempo” como conceitos mais verbalizados.

III - TEMPO E CARREIRA ACADÉMICA

3.1 As marcas do tempo: identidade(s)

Estudar o tempo, os seus usos e representações implica dar alguma atenção à problemática da identidade profissional uma vez que, sendo o tempo uma construção social, não podemos analisa-lo descuidando outras dimensões da vida dos actores, dimensões essas que se relacionam com as suas vivências, práticas e habitus, tal como é o caso da profissão, uma vez que vários autores deixaram bem clara a centralidade do trabalho no processo de (re)construção identitárias, como é exemplo o contributo de Claude Dubar³⁷.

Quando se problematiza o processo de formação da identidade profissional do docente universitário, não podemos negligenciar a união que existe entre o profissional como pessoa e o docente como profissional. Isto porque não se pode esperar que um profissional ofereça mais do que as suas possibilidades e limites resultantes do seu processo educacional. O que pretendemos dizer é que não é possível que actue em discordância total com as suas crenças ou que se liberte das especificidades do seu carácter quando está no exercício das suas actividades profissionais. Por maior que seja a semelhança dos trajectos pessoais e das origens de classe, cada docente irá desenvolver uma forma própria de organizar o seu trabalho e de reagir diante dos conflitos que vão surgindo. A identidade profissional é uma dimensão da identidade social que, por sua vez, se constitui como uma dimensão do *auto-conceito*. Neste sentido, podemos afirmar que os indivíduos pertencentes ao campo científico e académico podem auto-definir-se como pertencentes a várias categorias, em função das actividades que desempenham. As representações sociais que possuem sobre a forma como o trabalho científico e académico está organizado e sobre a própria ciência vão influenciar o tipo de categorias que escolhem para se auto-definirem.

No estudo coordenado por Correia Jesuíno, sobre a comunidade científica portuguesa³⁸, considerou-se que os membros desta se poderiam definir a partir das três principais vertentes desse trabalho que são:

³⁷ Ver sobre este assunto as obras: Claude Dubar (1991). *La socialisation: construction des identités sociales et professionnelles*. Paris: Armand Collin.

³⁸ Jesuíno, et al, *op cit*.

1. A actividade de investigação,
2. A docência
3. A actividade de gestão.

No estudo acima referido os autores mostraram que os membros da comunidade científica se auto-definem, em primeiro lugar, como pertencentes ao grupo dos “universitários”, seguindo-se a inclusão no grupo dos “investigadores”. A categoria de “técnicos/gestores” não merece quase nenhuma identificação por parte dos inquiridos. Assim, os autores concluíram que os membros da comunidade científica se assumem maioritariamente como docentes ou professores universitários sendo com base nessa realidade que organizam e desenvolvem a investigação e a docência. Estes dados ajudam a consolidar a ideia, largamente explorada no âmbito da sociologia segundo a qual a construção da identidade social implica um processo muito complexo pelo qual a dimensão “pessoal” se confronta, continuamente, com a dimensão social, sendo praticamente impossível destrinçar a fronteira entre ambas. É por essa razão que podemos dizer que a identidade social resulta da articulação do “processo biográfico” com o “processo relacional”³⁹. Aliás, segundo Dubar⁴⁰, será o processo biográfico do indivíduo que produzirá a “identidade para si”, ou seja, a identidade que o indivíduo atribui a si próprio e que se relaciona com os actos de pertença que mais não são do que as características e categorias que o indivíduo reconhece como suas. O mesmo autor chama-nos ainda a atenção para um aspecto inerente ao processo biográfico dos indivíduos que se prende com a “transacção subjectiva”. Com efeito, a construção identitária implica uma transacção que acontece entre as “identidades herdadas” da pertença familiar e as “identidades visadas” que mais não são do que aquilo que o actor deseja vir a atingir (expectativas, aspirações e “futuro” no sentido lato).

O pressuposto base do qual devemos partir está definido em vários quadros teóricos da Sociologia (nomeadamente em Pierre Bourdieu) e argumenta que o processo relacional é responsável pela produção da “identidade para o outro”, isto é, a identidade que os outros consideram que o indivíduo possui, estando esta intimamente ligada com os “actos de atribuição”, ou seja, com as características e

³⁹ Ver sobre este assunto: Claude Dubar, *op cit.*

⁴⁰ Idem.

categorias que os outros atribuem ao indivíduo. É certo, no entanto, que enquanto o processo biográfico dá lugar a uma identidade social real, o processo relacional apenas consegue criar uma identidade social virtual, na medida em que a identidade que os outros atribuem ao indivíduo pode não ser aceite por ele. Assim, a identidade social resulta da articulação entre a identidade para si e a identidade para o outro, sendo construída e reconstruída dentro dos “sistemas de acção” nos quais os indivíduos estão implicados.

Se é no desenrolar da actividade social que as identidades sociais se constroem, não podemos negligenciar a importância das trajectórias sociais dos indivíduos, isto é, da forma como os actores sociais (re)constroem, subjectivamente, os acontecimentos da sua biografia social que consideram ser significativos. Se a trajectória social dos indivíduos é tão determinante na construção das suas identidades, não podemos deixar de reflectir sobre a importância que os grupos têm nesse processo. A este nível, Pierre Tap identifica dois tipos de processos inerentes à construção da identidade que são o processo de “identificação” e o de “identização”⁴¹. A Identificação corresponde ao processo através do qual os indivíduos se integram em conjuntos mais vastos de pertença ou de referência, havendo tendência para se confundirem com esses grupos. No que diz respeito ao processo de “identização” verifica-se que os actores sociais tendem a autonomizar-se e a diferenciar-se socialmente, fixando bem as distâncias que mantêm face aos outros. Por outras palavras, podemos dizer que os actores sociais necessitam de se reconhecerem no que é semelhante e de se diferenciarem do que é o seu oposto sendo assim que se constroem e reconstroem as identidades sociais. Neste sentido, a pertença a um grupo, profissional por exemplo, é muito importante ao nível quer da construção da identidade social quer para a manter e reforçar.

O processo de construção identitária implica redefinições sucessivas, sendo sempre um processo inacabado. Esta perspectiva é usada sempre que se trata de justificar a complexidade do processo de formação e de (re)construção identitária pela qual aprendemos a situar-nos no mundo e a percebê-lo (Peter Berger et Thomas Luckmann)⁴², não se ajusta apenas ao “processo subjectivo em si”. Com efeito, tem

⁴¹ Pierre Tap (1986). *Identités collectives et changements sociaux*, Toulouse. Privat, p. 12.

⁴² Consultar sobre este assunto: Ana Maria Brandão, Ana Paula Marques, Emília Araujo (orgs.) (2004). *Formas Identitárias e Modernidade Tardia: Actas de encontros em sociologia*. Braga: Universidade do Minho/Núcleo de Estudos em Sociologia.

sido muito explorada recentemente, sobretudo no âmbito da problemática colocada pela designação “modernidade tardia”. Neste caso, os pressupostos de “fragmentação” e de “incompletude permanente” de formação identitária, para além de denominarem processos intrínsecos ao (re)conhecimento dos actores, classificam padrões de comportamento e formas de estar (estilos) de grupos e de sociedades. Nesse sentido, as teses sociológicas sobre esta temática tendem a reforçar a ideia de que hoje, contrariamente ao que aconteceu até aos anos oitenta do século XX, as estruturas sociais, os conjuntos de valores e de normas existentes são incapazes de dar uma só resposta à diversidade, à heterogeneidade, à fragmentação e à fluidez dos percursos⁴³. A respeito desta ideia, parece-me importante citar Carlos Fortuna que nos diz que assistimos, na modernidade, à “Destruição criadora”⁴⁴ das identidades. Este autor advoga que *“a destruição criadora das identidades implica que o significado atribuído aos centros ou matrizes das identidades seja objecto de análise e revisão, uma vez que esses centros ou matrizes primordiais das identidades não são sempre os mesmos. Vão sendo redefinidos, à medida que os contextos sociais e culturais se vão transformando”*⁴⁵.

Numa linha claramente Giddensiana⁴⁶, Fortuna diz-nos ainda que assistimos actualmente ao “descentramento do mundo” na medida em que vão surgindo novos centros e novas personalidades que se caracterizam pela ausência de vínculos e compromissos duradouros. A esse descentramento corresponde um “recentramento no sujeito” – isto porque se passa a valorizar novos signos culturais. Trata-se portanto de um processo de destruição/reconstrução das identidades em função dos novos contextos sociais e culturais.

É, assim, nesta base que assenta a exposição que apresentamos nesta dissertação onde a identidade se torna um conceito mediador para a análise das representações subjacentes aos usos do tempo (quotidiano e biográfico): além de pretender individualizar os diversos casos, mostrando como os actores esbarram constantemente na necessidade de fazerem opções na sua vida diária e biográfica, procuro situar essa prática (neste caso sobretudo discursiva) num contexto mais lato que é o modo como a

⁴³ Idem.

⁴⁴ Conceito de autoria de J. Shumpter. Ver sobre este assunto: Carlos Fortuna (1995). “As cidades e as identidades: patrimónios, memórias e narrativas sociais”, in Maria de Lourdes Lima dos Santos (coord.), *Cultura e Economia*, Lisboa, ICS: 211.

⁴⁵ *Op cit.*, p. 211.

⁴⁶ Antony Giddens, *op cit.*

(re)construção identitária dos actores se dá no contexto vasto de (re)definição de categorias de inclusão mediadas por variáveis diversas, entre as quais sobressai a do género.

3.2. O Género e o tempo

Ao longo dos séculos XVIII e XIX assiste-se a uma grande mudança ao nível do sentido do tempo que culminou, como já referido anteriormente, na interiorização do tempo da máquina tornando o tempo económico e produtivo dominantes, face a todos os outros tempos.

As mudanças nos sentidos do tempo progridem a par de alterações nas representações dos espaços de produção e de reprodução. Nesse sentido, o espaço de produção é construído como sendo do domínio do homem ao passo que o da reprodução é socialmente atribuído ao domínio da mulher. Esta dualidade de sentido deu lugar a um conjunto de representações sociais em que ao homem se passou a associar a auto-afirmação da razão científica e a dominação - indicadores de "civilização". À mulher, por sua vez, fez-se corresponder os desejos, as paixões e as fragilidades, ou seja o domínio da irracionalidade.

Uma das hipóteses que propomos refere que *"as estratégias de acção sobre o tempo são condicionadas pela variável género"*. De facto, a problematização da relação entre o tempo privado e o tempo público leva-nos a reconhecer que essa dicotomia se baseia no princípio da separação entre tempos (e espaços) "interiores" e "exteriores". Com efeito, na cultura temporal industrial, predomina a valorização do tempo/espaço "exterior", ao qual se faz corresponder, o tempo/espaço masculino. Este, no entender de Edward Hall⁴⁷ é caracterizado pela monocronia, ao contrário do tempo/espaço feminino que se constitui como sendo predominantemente policrono⁴⁸. Com efeito, trata-se de atribuições sociais que, tal como é largamente discutido por diversos autores que se debruçam sobre as relações sociais de género e sobre o domínio do

⁴⁷ Ver a Obra: Edward Hall(1996). *A dança da vida: a outra dimensão do tempo*. Lisboa: Relógio d'Água.

⁴⁸ Dizer que o tempo/espaço feminino é predominantemente policrono relaciona-se com o facto de que no mundo da mulher verifica-se muito a sobreposição mental de tempos exemplificada em situações tais como "estar a cozinhar e a pensar no artigo que tem de escrever", transportar os filhos à escola e estar já a pensar como vai dar a aula, etc.

masculino sobre o feminino (entre os quais, Bourdieu⁴⁹ com a sua obra “A dominação masculina”) estão enraizadas nas disposições incorporadas sendo por isso, constituintes de um *habitus* que determina os papéis atribuídos a cada um dos sexos.

A atribuição da policronia à mulher ganha mais sentido porquanto se assume que esta, ao entrar no universo “exterior”, do trabalho e da produção, não abdicou ou transferiu de todo para outra(s) esfera(s) os seus papéis no interior do espaço doméstico, incluindo o de mãe e o de esposa, tendo assumido essa duplicidade de papéis como inerentes à sua identidade como mulher.

Na verdade, podemos dizer que, a partir do momento em que a mulher entrou no espaço considerado da produção a identidade feminina passa a incorporar o referencial da profissão, para além das referências que compunham tradicionalmente essa identidade, as de filha, esposa e mãe. Perante esta nova realidade a sociedade espera das mulheres o cumprimento das tarefas tanto no campo doméstico como no campo profissional.

Novas cobranças e ambiguidades passam assim a preencher o quotidiano das mulheres, obrigando-as a se (auto)disciplinarem cada vez mais, a se sujeitarem à normatização e, como consequência, a se “desdobrarem”, vendo a possibilidade de estarem plenamente presente “no momento” quase inexistente.

Em Portugal, os dados do INE referentes ao ano de 2000, resultantes de um inquérito realizado sobre a ocupação do tempo, evidenciam igualmente o forte carácter modelador das variáveis atrás referidas. Mostra-nos ainda o grau de variabilidade das quantidades de tempo em termos de género, associada à existência de filhos, estatuto marital e tipo de profissão. Neste contexto, é possível concluir que as mulheres são o grupo que dispõe de menos tempo para o lazer pois, entre outros factores, sentem-se sobrecarregadas com os tempos relativos ao desempenho de tarefas inerentes ao espaço doméstico e ao cuidado com as crianças e os idosos.

Vários estudos⁵⁰ na área da sociologia do tempo, realizados em países (ditos) desenvolvidos e em países em vias de desenvolvimento, têm revelado que a idade, o

⁴⁹ Ver a obra: Pierre Bourdieu (1999). *A Dominação Masculina*. Celta Editora.

estatuto marital, a existência, número e idade dos filhos são variáveis determinantes na alocação/ocupação do tempo de trabalho, assim como a sua natureza e duração. O número de horas dedicado à actividade profissional parece também variar em função do género, sendo mais as mulheres que afirmam trabalhar menos de 8 horas por dia e mais os homens a afirmarem que trabalham mais de 12 horas.

Uma importante conclusão dos estudos sobre os usos do tempo e género conclui que a classe de origem social determina os usos e as representações do tempo. A esse respeito, Le Feuvre⁵¹ argumenta que quanto maior for o capital cultural das mulheres maior será o seu distanciamento relativamente aos tempos não pagos (domésticos) de modo a reservar parcelas de “tempo para si”. Segundo o autor essas mulheres tenderão a pagar a outrem a realização das tarefas do foro doméstico e outras com elas relacionadas. A um menor capital cultural corresponderiam, ainda segundo o mesmo autor, práticas viradas sobretudo para a família e para o espaço doméstico.

3.3 Ciência, tempo e poder.

Como vimos anteriormente os esquemas temporais inerentes às instituições constroem fortemente a forma como se vive e como se experiencia o tempo. Assim sendo, o contexto universitário está também ele condicionado pelas influências externas exercidas pelo tempo social dominante, não descurando também a influência da acção dos actores sociais que actuam nessa organização.

Partindo deste pressuposto, e se pretendemos centrar o nosso olhar no contexto universitário, torna-se necessário problematizar a questão da “comunidade científica”, reflectindo sobre as suas funções profissionais e sociais, assim como sobre algumas das suas especificidades. O conceito de comunidade científica é relativamente recente, sendo que a primeira referência a esse conceito atribui-se a Polanyi⁵², para quem essa comunidade corresponde a uma espécie de “república da ciência”, cujos membros se caracterizam, antes de mais, por serem exploradores (aventureiros) que buscam e anseiam, constantemente, atingir a realidade oculta, em nome da satisfação intelectual.

⁵⁰ Ver: Lúcia Amâncio, et al, *op cit.*, p. 149.

⁵¹ Le Feuvre, N. (1994). “Leisure, Work and Gender: a Sociological study of Woman’s time in France”. *Time and Society* 3: 151-78.

⁵² Ver a obra: M. Polanyi (1962). *Personal Knowledge: Towards a Post-critical philosophy*, London.

Assim, à satisfação desta necessidade dos cientistas corresponderá o contributo para o auto-aperfeiçoamento intelectual da sociedade a que pertencem, na medida em que divulgam o saber adquirido.

Actualmente, o conceito de “comunidade científica” imbui-se de um carácter mais complexo, sendo utilizado quer para definir a totalidade dos cientistas que partilham as mesmas normas, valores e atitudes, quer num sentido mais restrito, para se referir às comunidades científicas enquanto grupos disciplinares, ou ainda para definir comunidades científicas nacionais.

Na mesma linha teórica de Polanyi, Hagstrom⁵³ remete-nos também para a vertente das recompensas que os cientistas recebem em troca do seu trabalho e que deveriam corresponder ao reconhecimento dos pares pela informação científica produzida. Estas concepções dos cientistas afastam-se das teorias que enfatizam as recompensas materiais, dando mais importância ao factor “realização profissional”, através do reconhecimento do valor do trabalho científico. A grande questão que Hagstrom colocou e que se mantém actual, é o facto de o reconhecimento ser uma recompensa escassa, aliás, a dificuldade em se obter o reconhecimento pelos pares é considerado o grande motor no clima de competição que se vive dentro da comunidade científica. Nesta linha, importa citar Robert Merton⁵⁴ que, veiculando uma concepção funcionalista da ciência (pois faz corresponder a ciência a um sistema social independente do contexto social em que se insere), propõe a ideia da existência de uma “estrutura normativa da ciência”. De facto, identificou quatro normas reguladoras das comunidades científicas que ainda hoje servem de guia de análise a estudos sobre a comunidade científica. Essas normas são: universalismo; comunalismo; desinteresse e cepticismo organizado.

A primeira norma atrás referida relaciona-se com a avaliação das contribuições científicas que deverá ser feita com base em critérios impessoais pré-estabelecidos. Ou seja, não deverá tomar em consideração questões de raça, religião, género ou classe social. Para além disto, a norma do universalismo estipula também que as recompensas

⁵³ Ver a obra: Hagstrom (1972). “Gift giving as an organizing principle in science”, in B. Barnes (org.), *Sociology of science*. Harmondsworth, Penguin.

⁵⁴ Ver a obra: R. K. Merton, (1984/70). *Ciencia, tecnologia y sociedad en la Inglaterra del siglo XVII*. Madrid: Alianza Editorial.

(o reconhecimento do trabalho científico) sejam proporcionais aos méritos dos cientistas para a evolução da ciência.

O comunalismo, por sua vez, corresponderá à norma que estipula que o conhecimento científico deverá sempre ser divulgado e não mantido em sigilo, pelo facto de se tratar do resultado do esforço de toda a comunidade científica.

A norma do desinteresse relaciona-se com os motivos que devem estar por detrás do trabalho científico. Ou seja, esta norma revela ao cientista que este deverá sobrepor os interesses da ciência a quaisquer outros de ordem pessoal ou económica. Neste sentido, Merton considera o reconhecimento pelos pares a maior recompensa que se pode adquirir.

A norma do cepticismo organizado regula a atitude perante o produto final do trabalho científico. Ou seja, esta norma estipula que os cientistas deverão suspender o juízo final, ou seja, a divulgação dos resultados obtidos, até ao momento em que possuam provas suficientes sobre a validade dessas conclusões. Esta norma adquire também um carácter regulador da própria instituição científica na medida em que implica que o juízo dos pares seja uma prática generalizada, para que se garanta a existência de mecanismos de controlo sistemáticos.

Como se depreende, as quatro normas identificadas por Merton não cobrem a totalidade da realidade reguladora da comunidade científica e o próprio autor veio a admitir que os cientistas são (tal como todos os actores sociais), por vezes, ambivalentes, o que torna possível a necessidade de se accionar comportamentos de acordo e contra essas normas. Um exemplo poderá ser o facto de as características sociais e psicológicas dos cientistas influenciarem fortemente a forma como o seu trabalho é avaliado, o que contrapõe, desde logo, a norma do particularismo à do universalismo. O mesmo se pode dizer relativamente às outras três normas, pois pode-se contrapor ao comunalismo a norma do isolamento; à norma do desinteresse pode-se contrapor a norma do interesse baseado na busca do prestígio e à norma do cepticismo se poderá contrapor o dogmatismo organizado que se baseará no facto do cientista

dever acreditar nos seus próprios resultados, questionando⁵⁵ o dos outros, sempre que entenda necessário.

Num estudo sobre a comunidade científica em Portugal no final do século XX⁵⁶, verifica-se que a norma que surge com maior correspondência na prática científica actual é a do cepticismo organizado (controlo crítico pelos pares). Em sentido oposto surge a norma do comunalismo, ou seja, a maior parte dos cientistas inquiridos revelaram que não existe, na maioria dos casos, tendência para que os colegas cientistas divulguem sem reservas os procedimentos e resultados de pesquisa resultantes do esforço individual.

A perspectiva funcionalista da ciência e dos seus actores foi sendo criticada ao longo do século XX e hoje são conhecidas teses que desequilibram grandemente aquele quadro teórico sistémico, ao introduzirem na problematização do funcionamento do campo científico e académico o peso de outras variáveis que o condicionam e moldam. Um dos traços mais relevantes e pertinentes destas abordagens consiste, justamente, no argumento de que a ciência e a academia não formam um sistema articulado de subsistemas e funções existente num terreno à parte, independente, da sociedade e dos actores sociais que a compõem. Estando implícita nesta teorização a importância atribuída aos interesses e às estratégias dos actores (organizados ou não), dá-se um relevo fundamental às relações recíprocas que se estabelecem entre a Ciência e a Sociedade⁵⁷. Esta última visão é mais alargada e admite de forma mais explícita a vulnerabilidade dos “sistemas” científico e académico a factores e a variáveis “externas”, sendo, portanto, mais “realista” no que concerne à admissão dos grandes índices de abertura da comunidade científica ao sistema ambiente exterior. É por essas razões que considero basilar desenvolver o raciocínio a partir daqui, tendo em conta o peso de elementos cuja formação, capacidade de afectação e compreensão exigem que se ultrapasse a concepção mertoniana.

A dimensão do poder é fundamental na análise dos tempos biográficos, sobretudo porque é um recurso de cuja gestão resulta uma maior ou menor redução dos compassos de espera. A este respeito, a proposta do contemporâneo Pierre

⁵⁵ Ver a obra: Merton, *op cit.*

⁵⁶ Ver a obra: L. Amâncio, et al (1995) *A Comunidade Científica Portuguesa: nos finais do século XX*, p. 14.

⁵⁷ Ver sobre este assunto: D. Crane (1988). *Invisible colleges*. Midway

Bourdieu⁵⁸ reforça a ideia de troca inerente ao campo científico, comparando-o com o “mercado capitalista”, que mais não seria do que o “locus” da luta, da competição pelo monopólio; neste caso, do crédito científico, que para o autor corresponde a um tipo de capital simbólico que apelida de “autoridade científica”. A luta por essa autoridade é desenvolvida por parte dos diferentes agentes pertencentes a esse campo que accionam estratégias diferenciadas, em função das posições que nele ocupam, com vista à acumulação do capital científico⁵⁹. O que o autor tenta transmitir é que existem desigualdades sociais entre os cientistas e que essas desigualdades condicionam a forma como fazem ciência e como estão na ciência. Essas desigualdades passam por uma dimensão exógena (classe social de origem, acesso à carreira, questões de género, etc.) mas também pela dimensão endógena, na medida em que o facto de se pertencer, por exemplo, a esta ou àquela área disciplinar condiciona também a forma como lutam e o tipo de luta que têm de enfrentar. Isto porque existem poderes, recursos e oportunidades diferentes, consoante a área científica a que se pertence.

Uma vez que a aquisição de autoridade científica passa também pelo reconhecimento em função da informação produzida podemos dizer que o cientista dos nossos dias, porque se vê confrontado com a necessidade de dividir a sua actividade profissional em funções não só técnicas mas também administrativas, vê também penalizada a possibilidade de “troca” entre informação produzida e reconhecimento (no sentido de Hagstrom), já que os cientistas tendem a ser separados dos meios de produção ficando subordinados às ordens de outros sobre os usos que poderão fazer dos instrumentos de pesquisa. Assim, “os cientistas tornam-se mais interessados nas suas organizações particulares e nas reacções dos líderes politicamente poderosos do que nas opiniões da comunidade científica mais alargada”⁶⁰.

Em Portugal, a maioria dos cientistas encontram-se nas universidades e aí também eles se confrontam com problemas de gestão do tempo de trabalho, na medida em que se vêem forçados a articular tarefas de carácter administrativo, de gestão, de

⁵⁸ Ver sobre este assunto a obra: Pierre Bourdieu (1984a). *Homo Academicus*. Paris: Ed. Minuit.

⁵⁹ Na categoria “capital científico” pode-se incluir: grau académico, categoria profissional, coordenação de equipas de investigação, direcção de instituições científicas, frequência de deslocações ao estrangeiro, número de projectos de pesquisa, número de publicações, número de orientações de teses de doutoramento, etc.

⁶⁰ Jorge Correia Jesuino, et al (1995). *A comunidade Científica Portuguesa nos finais do século XX*. Celta Editora: 3, p. 3.

ensino e investigação. Com base na existência da representação social da profissão de cientista e/ou de professor universitário que atribui a esta categoria profissional um carácter “nobre” e uma certa associação com a “intelectualidade”, os docentes universitários sentem uma pressão muito grande no sentido de corresponderem às expectativas que essa representação pressupõe. Esta postura implica uma dedicação total à sua profissão. Queremos dizer que, com base em estudos realizados sobre a comunidade científica portuguesa⁶¹, a grande maioria dos universitários portugueses trabalham entre 8 e 12 horas por dia, salientando-se que a percentagem de universitários que trabalham mais de doze horas por dia corresponde ao dobro da percentagem de outros investigadores que trabalham igual número de horas (de instituições privadas e de laboratórios do Estado). Entre os investigadores que estão na carreira universitária e os que estão na carreira de investigação as diferenças reforçam mais uma vez a assimetria na medida em que os primeiros se vêm forçados a trabalhar diariamente três vezes mais, em termos de horas, do que os segundos. Estes dados poderão, eventualmente, ser explicados pelo facto dos profissionais universitários se verem obrigados a dividir o seu tempo de trabalho pela ensino e pela investigação, para além das tarefas administrativas e de gestão. O tempo de trabalho dedicado a estas últimas vai aumentando à medida que se sobe de estatuto.

Alguns autores conseguiram constatar⁶² que, para além do dilema no grande número de horas de trabalho diário, os universitários possuem também a dificuldade em dedicarem o tempo que seria desejável à investigação⁶³. Também neste aspecto os cientistas universitários não conseguem competir, ou, para usar a terminologia de Bourdieu, não possuem trunfos suficientes para “jogar” bem, porque, ao contrário de investigadores que estão bem situados noutras instituições, onde se podem incluir alguns laboratórios associados de investigação, têm, face às exigências crescentes relativas às actividades pedagógicas e de gestão, pouco tempo para a investigação. Desde logo, a preparação do trabalho docente condiciona o acesso ao exercício de investigação, uma vez que essas actividades vão muito além do tempo lectivo, passando pela preparação das aulas, atendimento a alunos, orientações, participação em júris, etc.

⁶¹ Ver a obra: L. Amâncio, et al, *op cit*.

⁶² Ver: Emília Araújo (2004b). “Representações sobre a ascensão na carreira académica em Portugal”, comunicação apresentada no VII Congresso de Sociologia. Braga: Universidade do Minho, 14-17 Maio

⁶³ Esta ideia aparece também desenvolvida por Emília Araújo, a propósito do universo dos docentes em dispensa para doutoramento

A observação dos quotidianos da investigação e da prática académica indica haver um dilema maior na formulação e na avaliação da “carreira” universitária, uma vez que os docentes convivem diariamente com a necessidade cada vez mais acrescida de responderem, por um lado, a exigências lectivas e administrativas e, por outro, a provarem a sua capacidade e competência científicas através de publicações e participações em projectos de investigação.

Com efeito, a obtenção dos graus académicos, incluindo o de doutoramento, por parte dos investigadores é um dos factores principais de diferenciação em termos de *estatuto* social no campo científico. Por exemplo, a estratificação interna entre doutorados e doutorados é, assim, inerente ao campo científico⁶⁴. Apesar de haver progressivas alterações nos contextos organizacionais que sustentam um esbatimento progressivo das fronteiras de comunicação e de poder impostas pelas divisões conferidas pelos graus académicos, estes continuam a ser um recurso fundamental de poder no “sistema” universitário português. Ora, o meu estudo aborda a construção identitária dos docentes mas, tal como ficou explicito nos parágrafos anteriores, trata-se de uma realidade múltipla e complexa que, a ser estudada em profundidade, requeria uma reconstrução histórica do próprio papel dos universitários e do seu valor ao longo da história. Do mesmo modo, implicaria uma imersão directa na sociologia do trabalho e na sociologia das profissões.

Tal não é, no entanto, o nosso objectivo. Pretendemos estudar o modos de usar o tempo por parte dos doentes destacando a relação entre esses usos e as representações de si mas focando especificamente o modo como certos pontos de viragem na sua trajectória académica, como o doutoramento, vem condicionar o modo como concebem e usam o tempo. Nesse sentido, estudamos mais concretamente a categoria dos professores auxiliares que vivem neste momento um período de transição não só porque deixaram de ser assistentes mas porque as pressões para a redução dos custos nas universidades e a congelação dos quadros de promoção estão a reduzir as possibilidades de promoção académica. Passamos agora a abordar mais concretamente as dimensões que nos interessam, dando especial relevo a transição identitária que ocorre com o doutoramento.

⁶⁴ Ver a obra: Emília Araújo (2005). O doutoramento, a odisseia de uma fase da vida. Lisboa. Colibri.

Como referimos, para que se entendam os padrões que regem os usos e as representações dos docentes universitários é necessário ter em conta as próprias representações do doutoramento, pois é este representa um momento vital de mudança identitária (hetero e auto percebida). O grau de “doutor” representa a possibilidade do assistente ascender à categoria de professor auxiliar, significando um aumento de poder de decisão, visto que, assim, se reconhece formalmente aptidão para participar nas decisões de índole científica, dirigir e participar em projectos de investigação, cursos de licenciatura, mestrados e doutoramentos⁶⁵.

Ora, as mudanças de categoria, dentro da carreira académica⁶⁶, correspondem determinadas fases pelas quais se tem de passar, nas quais os prazos surgem como controladores temporais no quotidiano dos docentes. Segundo Bergmann ⁶⁷ os prazos representam a marcação da duração dos acontecimentos e das acções, pois ajudam a sequenciar os eventos e a localizá-los, no tempo “objectivo”. Neste sentido, podemos dizer que a existência de prazos imprime a necessidade de existirem também estratégias de controlo do tempo, tais como o preenchimento da agenda ou a imposição de horários de trabalho. No fundo, estas estratégias funcionam como instrumentos disciplinadores que obrigam os indivíduos a negociar os vários tempos a que se tem de dar resposta. Além disso, representam também a capacidade de os actores reflectirem sobre a forma como “gerem” o tempo, propondo alternativas.

Como nos diz Delamont⁶⁸, não podemos esquecer que o campo académico é discriminatório e hierarquizado e que a vida e cultura académica estão dependentes do investimento de tempo. A escassez do tempo relaciona-se com as relações de poder, desigualdade e cooperação e deriva sobretudo, do conflito entre o tempo disponível para realizar determinada acção e o tempo necessário para satisfazer as necessidades individuais. Neste sentido, as estratégias desenvolvidas pelos actores com o intuito de controlar o tempo, tais como os planos, as agendas, o estabelecimento e horários

⁶⁵No artigo 17º, cap. III do Dec.Lei nº 236/92 de 13 de Outubro podemos ler que “o grau de doutor comprova a realização de uma contribuição inovadora e original para o progresso do conhecimento, um alto nível cultural numa determinada área do conhecimento e a aptidão para realizar trabalho científico independente”.

⁶⁶ Ver em Anexo: Guia de Caracterização Profissional: professor do ensino superior.

⁶⁷ W. Bergmann, (1992). “The problem of time in sociology: in overview of the literature on state”. *Time and Society*, 1, p. 103.

⁶⁸ S. Delamont, Paul Atkinson, (2001). “Doctoring uncertainty: mastering craft knowledge”. *Social Studies of Science* 31 (1), p.7.

relacionam-se com o tipo de actividades (intelectuais, manuais, etc). Através destas estratégias os indivíduos pretendem evitar ou impedir os momentos (ou fases) de distração, ou de perda de tempo.

Em síntese, as fases da carreira académica pressupõem esperas, pressupõem investimento no presente para se alcançar o que se pretende no futuro. Um aspecto muito relevante neste contexto é, no entanto, o tempo do próprio conhecimento já que lidamos com profissões estritamente relacionadas com actividades não plenamente previstas ou planeadas.

3.4.A Temporalidade do Conhecimento

Em termos gerais, e na sequência do que referimos anteriormente, podemos afirmar que à temporalidade capitalista associamos uma concepção do tempo que nos remete para os conceitos de progresso e de produtividade. No entanto, não podemos negligenciar o facto de o modo de produção capitalista pressupor, também, a construção de um tempo alienado, pois à classe responsável pela criação de riqueza não é dada a possibilidade de se apropriar do tempo em benefício próprio. Carlos Bruni⁶⁹ chama-nos, contudo, a atenção para o facto de existirem acções e comportamentos “não institucionalizados” que procuram um “outro tempo”, situando-se, portanto, contra as determinações mais violentas da produtividade da instituição ou da empresa. Estas acções, apesar de dispersas e de subtis, exercem, de certa forma, uma espécie de resistência quotidiana à temporalidade do sistema capitalista, impedindo-o de funcionar como um sistema pleno.

Propomo-nos reflectir sobre a especificidade do trabalho intelectual no que concerne às suas formas temporais. A grande questão passa por saber se o trabalho intelectual está, ou não, também ele, submetido às mesmas determinações do trabalho manual, ou seja, aos pressupostos da temporalidade da produtividade. Sobre este aspecto poderemos dizer que sociedade capitalista tende a postular uma certa unidade relativamente a esses dois tipos de trabalho, pois ambos produzem valores de troca. A

⁶⁹ Ver J. C. Bruni, (1991). “Tempo e trabalho intelectual”. in *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP* (São Paulo, 3 (1-2), pp. 155-68.

Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252002000200026&script=sci_arttext&tlng=pt

ciência torna-se ela própria uma força produtiva. Contudo, como nos revela Giannotti, torna-se necessário reflectir sobre as especificidades do trabalho intelectual, nomeadamente no que diz respeito ao carácter mensurável do tempo de trabalho. Tal como o autor refere “Uma coisa, porém, é medir, por exemplo, a eficácia dum trabalho produtor de um carro, outra medir a eficácia duma consulta médica, dum parecer ou duma aula. Quando o trabalho resulta num objecto exterior à medida adere a ele e leva em conta as qualidades do acto de transformação da matéria. Como operar, a não ser agregadamente, quando a prestação dum serviço se evapora num gesto?”⁷⁰.

Logo à partida conseguimos identificar especificidades do trabalho intelectual que o colocam numa posição ambivalente face ao que a temporalidade capitalista espera dele. Ou seja o tempo de trabalho, inerente à produção do trabalho manual, pressupõe a divisão do tempo em unidades precisas, a sequência, a previsibilidade, implicando por isso uma sucessão e ordenação racional de gestos precisos e o estabelecimento de rotinas. Todavia, no trabalho intelectual, pelo contrário, esses traços são muito ténues. Portanto, apesar de o trabalho intelectual não excluir totalmente essas características, verifica-se que nele a previsibilidade, à exclusão do acaso e à serialização existem, não como condições objectivas, mas sim como metas ideais a atingir. Tentamos argumentar que o carácter criador, livre, crítico e autónomo caracterizador (ou deveria caracterizar) do trabalho intelectual acaba por não se coadunar com a pressão exercida pela temporalidade da produtividade industrial que não se inclina para a valorização no mesmo grau, das condições subjectivas do trabalho, tais como o gosto pelo trabalho, a sensação de liberdade e a curiosidade⁷¹.

3.5.O Tempo em Contexto Organizacional

Na sequência da reflexão anterior sobre o tempo dos sub-sistemas ou das instituições que Horning⁷² estudou no âmbito da relação desta temática com os estilos de vida (ponto 2.3 deste estudo), cabe agora reflectir um pouco mais sobre o tempo em contexto organizacional.

⁷⁰ J. Artur Giannotti, (1986)., *A universidade em ritmo de barbárie*. São Paulo, Brasiliense, p. 43.

⁷¹ Ver a Obra: Emília Araújo (2005), *op cit*.

⁷² Horning, *op cit*.

Em qualquer contexto de trabalho existe uma pluralidade de perspectivas do tempo merecedoras da atenção por parte das ciências sociais. O tempo constitui-se como um dos aspectos fundamentais da experiência humana e da vida social. Sendo socialmente construído, surge também como auxiliador da vida organizacional, pois orienta os próprios indivíduos e fomenta a cooperação entre eles no que toca à sincronização das actividades.

Os autores Finlandeses, Oili-Helena Ylijoki e Hans Mantyla⁷³ realizaram um estudo sobre as perspectivas do tempo no trabalho académico e chamam a nossa atenção para o facto de a ordem temporal implicar sempre horários explícitos, ritmos implícitos e ciclos comportamentais de acordo com as normas culturais existentes. Neste sentido, afirmam que o tempo não é apenas percebido enquanto facilitador da vida em sociedade, enquanto recurso cultural, mas também como um constrangimento externo que conduz, muitas vezes, a atitudes de submissão por parte dos actores sociais. Em algumas obras de Hassard encontramos referências ao facto de a *estrutura temporal nas organizações reprimir as experiências individuais e impor disciplina e requisitos standardizados*⁷⁴. Nesta perspectiva, os autores sustentam que as estruturas temporais formam uma espécie de prisão que condiciona e limita os movimentos dos membros da organização.

Esta pesquisa dos autores finlandeses acima referidos assume um papel fundamental nesta dissertação. Com efeito, os autores estudaram a perspectiva temporal partilhada pelos académicos no seu dia-a-dia assim como as tensões inerentes a esse contexto organizacional. Identificaram quatro perspectivas (ou tipos) de tempo: o tempo “marcado” (linear e burocrático); o tempo “parado” (o da investigação e da reflexão, não possível de ser cronometrado), o tempo “constrito” (tempo cada vez mais dividido entre muitas tarefas) e, finalmente, o tempo “pessoal”.

O tempo marcado é o que é determinado por condições externas e controlado por horários, tais como os projectos com prazos de finalização e as tarefas administrativas.

⁷³ Ver: O.-Helena Ylijoki, et H. Mäntylä, (2003). “Conflicting Time Perspectives in Academic Work”, *Time and Society*, 12(1), pp. 55-76.

⁷⁴ Ver sobre este assunto as obras:

J. Hassard (1990). *The sociology of time*. London: MacMillan Press.

J. Hassard (1989). “Un paradigme qualitatif du temps de travail”, *Revue Internationale des sciences sociales* 119, 97-110.

O tempo marcado está relacionado com a noção de escassez do tempo na medida em que o tempo se percebe como sendo cada vez menos em termos objectivos, tendo em conta a quantidade de tarefas que os académicos se vêm obrigados a realizar. Os dias tornam-se muito longos e, ao mesmo tempo, fragmentados, devido à diversidade de acções que se desenvolvem nele. A falta de tempo e o facto de viverem constantemente em pressão caracteriza o dia-a-dia do trabalho académico. Uma das especificidades inerentes ao tempo “marcado” são também as novas tecnologias da informação, sobretudo o correio electrónico, uma vez que esses instrumentos influenciam muito o trabalho académico tornando a comunicação fácil e rápida. A sensação de falta de tempo e da existência de uma pressão constante é manifestada pelos académicos de todas as posições, no estudo acima referido. O problema mais frequentemente levantado, e já enunciado por nós, prende-se com a dificuldade em conciliar a docência, a investigação e as tarefas administrativas e resguardar ainda o tempo pessoal.

Num plano teórico, Oili-H4elena Ylijoki e Hans Mantyla, alertam para o facto de o tempo marcado ser, simultaneamente, cíclico, natural e linear. Linear porque tem um início e um fim, implicando mudança e transformação. Neste caso, a perspectiva do futuro está também presente na forma como os entrevistados se referem às tarefas administrativas que lhes são impostas. Para eles, este tipo de tarefas “roubam-lhes” imenso tempo, no entanto consideram esta situação passageira, antevendo um futuro com mais autonomia ao nível da gestão do tempo. Isto reflecte a concepção linear do tempo marcado uma vez que a previsão de uma mudança/transformação no futuro torna o presente menos desgastante.

O tempo marcado possui também um carácter cíclico na medida em que as mesmas coisas se vão repetindo, o que traduz uma visão pessimista e ansiosa relativamente ao futuro, dando a sensação que não vai ser fácil escapar aos constrangimentos do tempo presente, sobretudo aos cortes orçamentais impostos pela racionalização económica. Este tempo apela à autodisciplina e ao senso de responsabilidade, não sendo pouco comum as situações em que existem sentimentos de culpa devido ao não cumprimento dos planos estabelecidos, à incapacidade de gerir o tempo de forma adequada e, assim, à consciência de que se deve legitimar o salário que se recebe. Nesse sentido, o tempo marcado, que está interiorizado como valor, tem

muito a ver com estratégias temporais de tipo disciplinar. Porque as tarefas inerentes ao trabalho académico se inscrevem, maioritariamente, num contexto de flexibilização horária (com excepção do tempo de aulas) a auto-disciplina temporal assume-se como uma característica da cultura temporal universitária, de forma mais vincada na actividade de investigação⁷⁵. Assim, a auto-disciplina é indissociável do conceito de “rentabilização” do tempo.

Lembremos que, segundo Norbert Elias⁷⁶ a emergência da auto-disciplina deveu-se ao processo de complexificação crescente das sociedades modernas que implicou um progressiva necessidade de interiorização e de aprendizagem individual do valor do tempo. Ora, apesar da auto-disciplina estar directamente relacionada com o acréscimo de responsabilidade verifica-se que, em vários estudos, ela é considerada um privilégio, na medida em que implica autonomia. Quem a possui, tem mais poder para dispor do tempo conforme a circunstância. Assim, e apesar de implicar também uma certa submissão e obediência a um tipo de auto-controlo, podemos dizer que possuir ou não a oportunidade de gerir o tempo de uma forma autónoma surge, no contexto actual, como uma marca distintiva, como diferenciador de posições sociais. Nesse sentido, levantamos a hipótese segundo a qual *“As representações sociais positivas face à profissão dependem sobretudo da possibilidade dos docentes universitários gerirem o tempo de uma forma autónoma”*. A vertente natural do tempo marcado prende-se com a questão do conflito entre querer ter mais flexibilidade e liberdade para investigar, por exemplo, e não ser capaz de gerir o tempo a favor desse ideal.

O tempo “parado” em sentido oposto ao “tempo marcado” não tem nada a ver com as pressões externas. Refere-se, de forma específica, ao tempo transcendente, intemporal, aquele tempo inerente à imersão numa tarefa que se tem em mãos. Tem a ver com a motivação e com o entusiasmo, fascinação com que se faz a imersão no trabalho. Geralmente, corresponde ao tempo de leituras, de escrita de artigos ou de comunicações que exigem “paz e sossego”. Este tempo “intemporal” baseia-se na autonomia e na liberdade académica, pelo que implica grande concentração e longos períodos de trabalho. Devido aos constrangimentos do tempo marcado, os académicos (neste caso) raramente podem usufruir do tempo “parado”. Assim, para muitos esse tempo é tido como um ideal a ser realizado no futuro.

⁷⁵ Ver sobre este assunto: B. Adam, (1995). *Timewatch: the social analysis of time*. Oxford, Polity Press

⁷⁶ Elias, *op cit*.

O tempo “constrito” refere-se à perspectiva de tempo que inclui, por exemplo, o tempo dos contractos, aquele tempo que faz surgir questões como “quanto tempo me resta?” e que apela à necessidade de mostrarem produtividade e competência.

O tempo pessoal, por sua vez, refere-se à parte do tempo em que os académicos reflectem sobre as suas vidas e sobre o papel que o trabalho e a profissão aí assumem. A grande base desta perspectiva do tempo é a inevitável finitude da existência humana – nascimento e morte – levantando-se a questão de como usar o seu tempo de vida, como conciliar trabalho e outras áreas da vida, tais como a família. Isto porque este tempo fica muito limitado, as pessoas queixam-se muito de falta de tempo para eles, para a sua vida privada, uma vez que trabalhar ao fim de semana, à noite e nas férias não é algo excepcional na maioria dos casos. Uma conclusão deste estudo desenvolvido por Oili-Helena Ylijoki e Hans Mantyla⁷⁷ foi o facto de constatarem que o ritmo académico de trabalho é incompatível com o ter crianças, estando também muito presente no discurso dos académicos a questão de “sacrificar a família” uma vez que dizem dedicar demasiado tempo à profissão.

Estes quatro tipos de tempo entram sistematicamente em conflito entre si. Os autores falam mesmo de dilemas entre as perspectivas temporais. Em situações típicas de trabalho as pessoas estão sob pressão causada pelos horários e também numa situação de insegurança devido aos contractos, por exemplo, anseiam por ter mais tempo “parado” para a investigação e em geral mais tempo “pessoal”.

A pressão que o tempo marcado exerce sobre as pessoas cria nestas sentimentos de culpa, ansiedade e até vergonha, nos casos em que não conseguem gerir o tempo de acordo com o planeado. Vários trabalhos empíricos vão nesse mesmo sentido. Esta tensão é comum à maior parte dos indivíduos que vivem a mesma situação: desespero e controlo externo, diminuição da autonomia e falta de poder de gestão do tempo. O tempo para investigar torna-se apenas um ideal. Por isso, referem também a vontade em aprenderem a dizer “não” a algumas solicitações profissionais, e a necessidade de organizarem o dia e a semana.

⁷⁷ -Helena Ylijoki, et H. Mäntylä, *op cit.*

A tensão entre o tempo marcado e o tempo parado sente-se na medida em que a qualidade do próprio trabalho fica posta em causa devido aos constrangimentos resultantes das pequenas tarefas que interrompem constantemente o trabalho de investigação, diminuem a capacidade de concentração e limitam a criatividade. Tudo isto se reflecte no tempo pessoal na medida em que se fazem horas extras e se passam os fins-de-semana e noites a trabalhar. No fundo, todos estes constrangimentos e conflitos entre os diferentes tempos estão associados à forma como a universidade está organizada. O tempo é tratado como unidireccional, uniforme e absolutamente divisível. Como nos diz Barbara Adam⁷⁸, a eficiência e a produtividade são avaliadas em função do tempo gasto a fazer o trabalho. Assim, o tempo surge como um problema de alocação sendo muitas vezes tratado na literatura como uma forma de poder medir o dinheiro (contado, dividido em unidades). Com efeito, trabalho académico é transformado em medidas quantificáveis que não tomam em consideração os ritmos internos do próprio trabalho, como nos diz Edward Hall *“em todas as línguas ocidentais o tempo é tratado como um fluxo contínuo composto de um passado, um presente e um futuro. Conseguimos, de certo modo, concretizar ou exteriorizar o modo como representamos a passagem do tempo. Podemos também ter a impressão de dominar o tempo, de o controlar, de o passar, o ganhar ou o desperdiçar. Também, o processo do «tempo que passa» nos parece real e tangível porque podemos atribuir-lhe um valor numérico”*⁷⁹.

Assim, os planos anuais de trabalho, as agendas, os cronogramas, podem ser entendidos como esforços por parte dos docentes universitários no sentido de alterarem a realidade do seu dia-a-dia. *“Em si, programar, selecciona o que é ou não percebido e observado e só permite ter em conta um número limitado de fenómenos num lapso de tempo dado; assim, um programa constitui um sistema que permite estabelecer prioridades, ao mesmo tempo para os indivíduos com quem se está em relação e para as tarefas que se realizam. Tratam-se primeiro os assuntos importantes, consagrando a isso a maior parte do tempo disponível e apenas em último lugar, os assuntos secundários que se secundariam ou se abandonam se o tempo faltar”*⁸⁰. Assim levantamos a hipótese de que *“O grau de controlo do tempo por parte dos docentes universitários depende de tácticas de gestão do tempo como é exemplo a elaboração de planos de trabalho”*.

⁷⁸ B. W., Adam, Richard & Sabelis, Ida (2002). Choreographing Time and Management: Traditions, Developments, and Opportunities. *Making Time: Time and Management in Modern Organizations*. B. A. a. I. S. Richard Wipp. Oxford: Oxford University Press: 1-30.

⁷⁹ Hall, *op cit.*, p. 47.

⁸⁰ Hall, *idem.*, p. 59.

IV - DESCOBRINDO O(S) TEMPO(S)

A pesquisa social coloca o investigador numa posição ambivalente, uma vez que ele próprio se torna objecto de investigação. Neste estudo isso não é excepção. A vivência do(s) tempo(s) é parte integrante do quotidiano do investigador social e, por isso, também ele reflecte sobre ela, no seu dia-a-dia. Assim sendo é necessário, tanto quanto possível, colocar as ideias pré-concebidas sobre essa temática de parte. Ou seja proceder a uma ruptura com as convicções, opiniões e juízos de valor que podem interferir (e interferem!) no processo de investigação.

A consciência da influência da subjectividade do investigador social não deve, contudo, levá-lo a anular-se, ou a considerar-se um simples observador passivo da(s) realidade(s) envolvente(s). Ele pertence a essa realidade e não pode ignorar isso. O que deve, isso sim, é ter essa consciência e, no momento de analisar meticulosamente os materiais recolhidos, ter presente a sua interferência sobre eles de modo a minorar ao máximo essa influência.

O objectivo do nosso estudo consiste em entender como os professores universitários compreendem os usos do “tempo” no quadro das representações sobre a (auto)identidade e sobre o auto-conceito enquanto “profissionais”. Por isso, no centro da análise estão as experiências e as concepções do tempo, (onde se incluem os usos e representações sociais sobre a carreira académica, status, privilégios, etc.). Tratando-se de uma “realidade” fluida e eminentemente discursiva, optamos por um método de tipo qualitativo, pois entendemos que esta é a mais adequada para dar conta dos objectivos que pretendemos alcançar. O método qualitativo providencia, sobretudo possibilidade de aceder directamente aos discursos dos actores potenciando aos mesmos espaços de descoberta e de reflexão. É certo que as opções metodológicas são vastas e, como já referimos, a pesquisa sobre este objecto implica um grande envolvimento do investigador. Nesse sentido, a abordagem através de entrevistas semi-estruturadas revelou-se fundamental para dar estatuto aos sentidos que os próprios docentes atribuem aos usos que fazem do tempo.

4.1 - O método

Porque a(s) realidade(s) social(ais) não se apresenta(m) como um dado aprioristicamente atingível e porque existe uma pluralidade de caminhos que conduzem o investigador ao conhecimento dessa(s) realidade(s) torna-se imprescindível optar pelo accionamento de um dispositivo de elucidação do real. Ou seja, um método de investigação que não se apresente como “ uma simples soma de técnicas mas sim um percurso global do espírito que exige ser reinventado para cada trabalho”⁸¹. Nesse sentido, optamos pelo “método de análise intensiva ou de estudo de casos” (segundo a classificação de Greenwood)⁸², que permite o estudo em profundidade, de uma unidade de análise específica, que no presente caso corresponderá aos professores auxiliares da Universidade do Minho.

Este método para além de permitir analisar uma multiplicidade de dimensões de forma aprofundada, possibilita também uma maior flexibilidade no que diz respeito à selecção das técnicas de investigação a utilizar, constituindo-se, assim, como um meio de obtenção de uma grande quantidade de material informativo e bastante heterogéneo. O volume da informação assim como a sua heterogeneidade sugerem, no entanto, duas considerações centrais: por um lado, exige um maior cuidado, por parte do investigador, na interpretação dos dados, mas, por outro, ao potenciar a diversidade de informação constitui-se como um recurso muito valioso para a análise aprofundada de um objecto de estudo, como este, relativamente pouco explorado em termos de investigação social.

4.2. Construção e caracterização da amostra

Ao considerar a opção metodológica atrás referida, optamos por técnicas de amostragem que se inserem na amostragem não probabilística, o que significa que não podemos calcular a probabilidade que cada elemento tem de ser incluído na amostra. No entanto, numa terceira fase da construção da amostra (como esclarecemos de seguida) recorreremos também à amostragem intencional que pressupõe, segundo João

⁸¹ L. Quivy; (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, p. 13.

⁸² Ver a obra de: J. Almeida, e J. M. Pinto, (1991), *A investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa, Editorial Presença, pp. 86-87.

Ferreira de Almeida, e José Madureira Pinto que “com boa intenção e uma estratégia adequada é possível relacionar elementos que devam ser incluídos na amostra” ⁸³. Ou seja, perante determinadas características inerentes aos indivíduos, e tendo sempre em conta os objectivos da investigação, seleccionamos aqueles que achamos pertinentes para incluir na amostra.

Uma vez que se trata, como já referido, de um estudo de carácter qualitativo, não existiu a preocupação em definir, à partida o tamanho da amostra. Além de se tratar de um estudo com carácter exploratório, interessava-nos descobrir, nos discursos dos entrevistados, representações sobre si enquanto docentes e também sobre os papéis que desempenham. Por isso, era necessário juntar informação até atingir um ponto de saturação satisfatório, isto é, o ponto em que o acréscimo no número de entrevistas não trouxesse nada de novo relativamente às hipóteses que traçámos. O nosso objectivo imediato era dirigirmo-nos aos professores auxiliares da universidade do Minho (UM). Para tal recorremos ao correio electrónico geral da UM, que nos direccionou para todos os docentes e funcionários, solicitando, somente aos professores auxiliares, a sua colaboração para a realização das entrevistas. À medida que íamos recebendo respostas positivas procedíamos à marcação das entrevistas e à realização das mesmas.

Numa segunda fase, em função da amostra que já possuíamos direccionamo-nos especificamente a alguns professores, através de e-mail, tendo em conta o género e a escola a que pertenciam, de forma a construirmos uma amostra o mais diversificada possível. Os contactos, conseguidos através do site da Universidade do Minho, foram estabelecidos via telefone. Em alguns casos dirigimo-nos pessoalmente às escolas e falamos com os docentes com vista à marcação das entrevistas.

A amostra é constituída por 14 elementos, tendo como característica comum o facto de se tratar exclusivamente de professores auxiliares da Universidade do Minho (tanto do pólo de Braga como do pólo de Guimarães). A preocupação com a representatividade incidiu sobretudo em termos de género, havendo a preocupação em entrevistar o mesmo número de elementos femininos e masculinos. Outras questões como a idade, a escola e a unidade de investigação a que pertencem, entre outros

⁸³ Almeida e Pinto, *op cit.*, pp. 110-111.

aspectos, não foram objecto de grande preocupação em termos de representatividade devido às opções metodológicas adoptadas e à especificidade do estudo - como já referimos anteriormente - o seu carácter qualitativo e o facto de se tratar de um estudo de casos, num âmbito ainda muito pouco explorado ao nível da investigação social.

Nº ENTREVISTA	NOME ENTREVISTADO ⁸⁴	SEXO	DATA NASCIMENTO (IDADE)
1	Alice	F	19/09/1965 - 37 anos
2	Hélder	M	21/10/1969 - 33 anos
3	Teresa	F	19/02/1955 - 47 anos
4	Carlos	M	08/07/1964 - 38 anos
5	Alexandra	F	Falta de dados
6	Carlota	F	14/04/1964 - 38 anos
7	Henrique	M	05/05/1963 - 39 anos
8	Nuno	M	28/02/1958 - 44 anos
9	Mariana	F	27/04/1967 - 37 anos
10	Sérgio	M	Falta de dados
11	Francisco	M	8/01/1972 - 31 anos
12	Jorge	M	10/02/1968 - 35 anos
13	Beatriz	F	03/12/1945 - 57 anos
14	Isabel	F	16/04/1972 - 31 anos

Quadro I - Caracterização da Amostra: Sexo e Idade

Nº ENTREVISTA	DATA ENTRADA NA UNIVERSIDADE DO MINHO	DATA ENTRADA NA CATEGORIA DE PROF.AUXILIAR	Tempo de espera para entrar na categoria desde a entrada na UM (em anos)
1	16 Outubro 1989	27 Julho 1999	10
2	01 Setembro 1999	26 de Setembro 2001	2
3	01 Novembro 1988	23 Novembro 1998	10
4	15 Outubro 1996	25 Novembro 1999	3
5	FALTA DE DADOS	FALTA DE DADOS	-
6	01 Outubro 1992	16 Dezembro 1999	7
7	15 Novembro 1993	13 Novembro 2000	7
8	25 Janeiro 1988	20 Julho 2000	12
9	16 Outubro 1989	12 de Janeiro de 1999	10
10	FALTA DE DADOS	FALTA DE DADOS	-
11	13 Novembro 1995	05 de Janeiro 2001	6
12	14 Outubro 1993	05 de Setembro 2001	6
13	01 Março 1989	9 de Outubro de 1997	8
14	08 Setembro 1999	24 de Janeiro de 2002	3

Quadro II - Caracterização da Amostra - Tempo na UM e na Categoria

Nº ENTREVISTA	NOME ENTREVISTADO	UNIDADE	DEPARTAMENTO
1	Alice	EEG	Gestão e Administração Pública
2	Hélder	ICS	Geografia
3	Teresa	IEC	Ciências da Educação da Criança
4	Carlos	EENG	Sistemas de Informação
5	Alexandra	ECS	Escola de ciências da Saúde
6	Carlota	IEP	Psicologia
7	Henrique	EENG	Electrónica Industrial
8	Nuno	ICS	Instituto de ciências Sociais
9	Mariana	EEG	Gestão e Administração Pública
10	Sérgio	ECS	Escola Ciências da Saúde
11	Francisco	ED	Presidência
12	Jorge	EEG	Gestão e Administração Pública
13	Beatriz	IEC	Expressão Artística e Educação Física
14	Isabel	EC	Matemática

Quadro III - Caracterização da Amostra por Unidade e Departamento

⁸⁴ Todos os nomes referidos são fictícios, salvaguardando assim o carácter sigiloso dos dados obtidos a partir das entrevistas realizadas.

4.3 Técnicas de Recolha e Análise de Dados

4.3.1. A Entrevista

Como técnica principal de recolha de dados optamos pela entrevista semi-estruturada, que partindo de um guião de entrevista⁸⁵ no qual constam apenas tópicos a ser abordados, permite uma grande margem de manobra por parte quer do entrevistado quer do entrevistador, uma vez que o primeiro pode falar espontaneamente sobre os assuntos assinalados e o segundo poderá introduzir novas questões para esclarecimento de anteriores para reorientar a entrevista no sentido dos objectivos de trabalho. Como refere Ghiglione e Matalen, na entrevista semi-directiva o entrevistador “tanto quanto possível «deixará andar» o entrevistado para que este possa falar abertamente, com as palavras que desejar e na ordem que convier”⁸⁶. De facto foi esta a postura que adoptamos, de reduzida directividade, de forma a respeitarmos o próprio ritmo dos entrevistados.

Podemos afirmar que com as catorze entrevistas realizadas pretendíamos sobretudo atingir propósitos heurísticos e não tanto a representatividade numérico, porque partimos do pressuposto de que a objectividade tanto pode ser posta em causa pelo excesso de quantificação como pelo excesso de subjectividade. “Aliás, um caso não pode representar o mundo, embora possa representar um mundo no qual muitos casos semelhantes acabam por se reflectir”⁸⁷.

4.3.2 O Diário

Com o objectivo de nos aproximarmos ao máximo ao quotidianos dos entrevistados, com o intuito de captar informação complementar à obtida através das entrevistas, construímos um instrumento de recolha de informação, o “diário de um dia típico”⁸⁸, que enviamos para todos os entrevistados em momento posterior às entrevistas. Trata-se de um instrumento de recolha de dados que se adapta ao nosso

⁸⁵ Ver guião de entrevista em anexo.

⁸⁶ Ver R. Ghiglione, B. Matalen, (1993). *O inquérito – teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora, pp. 105-109.

⁸⁷ José Machado Pais (2003). *Ganchos, Tachos e Biscates*, Porto, Ámbar, p. 109.

⁸⁸ Ver modelo de diário em anexo.

objecto de estudo, uma vez que nos permite analisar não só o tipo de actividades desenvolvidas pelo indivíduo em determinado dia mas também o intervalo de tempo e a altura do dia em que realizou essas actividades. Ou seja, através de um só instrumento, consegue-se a resposta às questões fundamentais de qualquer investigação: o quê? Onde? Com quem? E quando?

No entanto, uma vez que o seu preenchimento exige não só disponibilidade de tempo mas também o compromisso de escolher um dia preciso para o preencher atentamente, levou a que a percentagem de respostas fosse demasiado baixa⁸⁹, o que nos forçou à desconsideração dos dados obtidos.

4.4 A análise de conteúdo

Depois de termos procedido à transcrição integral das entrevistas procedemos à aplicação do método de análise de conteúdo. Partindo do pressuposto que a análise de conteúdo pode comportar várias técnicas, optamos pela proposta de Hiernaux⁹⁰ que se baseia na construção de isotopias, permitindo assim a revelação de conteúdos culturais, através da identificação de descontinuidades e diferenças. O sentido do bom encontra-se por oposição ao sentido do mau, na medida em que esta oposição se situa no mesmo eixo semântico⁹¹.

1º - Procedemos à leitura atenta de todas as entrevistas de forma a (re)identificarmos as grandes categorias de análise;

2º - As categorias estabelecidas foram:

- . O percurso Profissional
- . Representações da Profissão
- . Categoria profissional
- . Relação com o tempo e o espaço.

⁸⁹ Dos catorze Diários enviados obteve-se apenas dois preenchidos.

⁹⁰ J.P. Hiernaux, (1997), "Análise Estrutural de conteúdos e modelos culturais: aplicação a materiais volumosos", in Luc Albarello et al., *Práticas e Métodos de Investigação em ciências sociais*, Gradiva Lisboa, 1997, p. 156-202

⁹¹ Ver sobre este assunto a obra: Pais, *op cit.*

3º- Para cada uma das categorias estabelecemos um conjunto de isotopias pertinentes⁹²; à exceção da categoria “percurso profissional” na medida em que consideramos que se trata, fundamentalmente, de uma categoria de contextualização da análise.

4º - Procedemos ao excerto de citações, de cada uma das entrevistas, ilustrativas das diferentes categorias de análise. Assim procedemos a uma espécie de fragmentação dos discursos para descobrir os sentidos, sendo ao mesmo tempo um despedaçar desses sentidos, que deu lugar a outros sentidos (interpretativos).

5º- Com base nos excertos dos textos das entrevistas (citações) construímos um esquema de isotopias para cada uma delas⁹³. Estes esquemas foram construídos com base na identificação de antinomias.

6º- Partindo da análise dos esquemas de isotopias, procedemos à comparação entre eles de forma a verificar se várias entrevistas forneciam, para a mesma isotopia, conteúdos homólogos. Nesses casos, através da condensação descritiva, esboçámos um esquema “tipo” para a isotopia correspondente. Como nos diz José machado *“As isotopias são estabelecidas para identificar os «loais estruturais» pertinentes para a análise, insistindo-se no facto de as «estruturas de sentido», subjacentes ao material, não seguirem linearmente, a ordem discursiva. A condensação descritiva é usada para fazer emergir modelos ou tipos comuns a uma pluralidade de manifestações discursivas. As isotopias são definíveis como locais de esboço de modelos possíveis, através de condensações descritivas adequadas”*⁹⁴.

4.5. O trabalho de campo.

O trabalho de campo, constitui uma etapa fundamental de todo o processo de investigação, pelo que a forma como ele se desenvolve condicionará todas as etapas seguintes. Os constrangimentos que surgiram e a forma como os fomos superando, merece alguma atenção da nossa parte para, por um lado servir de exemplo para futuros trabalhos, e por outro, ajudar a compreender o próprio rumo que o trabalho tomou. Assim foram surgindo alguns obstáculos próprios do quotidiano dos

⁹² Ver quadro de Isotopias em anexo.

⁹³ Ver esquemas de isotopias, das 14 entrevistas, em anexo.

⁹⁴ Pais, *op cit.*, p. 124.

entrevistados por um lado, e outros inerentes à realidade do dia-a-dia do próprio investigador.

A falta de tempo manifestada por parte dos docentes revelou-se já na altura de recolha de dados, tendo sido grande a dificuldade em conseguir marcar datas para as entrevistas. Alguns casos demoraram meses entre a manifestação de vontade em realizar a entrevista e a sua concretização. Para além da indisponibilidade dos entrevistados tivemos que negociar, em muitos casos, a melhor hora para a realização das entrevistas, na medida em que o investigador exercia uma profissão a tempo inteiro, com um horário de trabalho rígido, o que condicionou também bastante a demora ao nível da realização das entrevistas.

Outro obstáculo que tivemos que enfrentar diz respeito, como foi referido anteriormente, ao facto de não termos obtido respostas suficientes ao pedido de preenchimento dos "Diários de um dia típico". Foi solicitado o preenchimento dos diários a todos os entrevistados, após a realização das entrevistas, tendo havido o retorno de apenas dois diários, motivo pelo qual não analisamos os dados resultantes deste instrumento de recolha de informação. O preenchimento deste documento seria fundamental ao nível da compreensão das acções de transição (ou sobreposição) de uns tempos para os outros, assim como para identificar os constrangimentos a esse nível. Seria, portanto uma forma de nos aproximarmos um pouco mais da esfera privada da vida destes actores.

Outro procedimento que tínhamos planeado e não se concretizou, diz respeito à realização de um *Focus Group* com os entrevistados, de forma a obtermos informações que complementassem as recolhidas através da técnica de entrevista. Esta actividade não foi também conseguida devido, mais uma vez, à impossibilidade de conciliar horários entre todos os intervenientes. Estas esperas para se conseguir a recolha de dados condicionaram bastante o bom desenvolvimento do projecto, pelo que optamos por, a certa altura, não concretizar esta ideia.

Perante os constrangimentos acima referidos, ficamos impedidos da possibilidade de complementarmos novos dados com os das entrevistas. No entanto, como salientámos, este estudo é exploratório e embora parta de um quadro teórico

mais ou menos estável, projecta-se e debruça-se sobre uma realidade que não é conhecida nem sequer foi ainda estudada de forma aprofundada para o caso português. Além disso, com o tipo de metodologia escolhido, basicamente qualitativo, propomos, desde início, um apurado trabalho de análise de conteúdo que não se coaduna com um número alargado de entrevistas, pois privilegia-se a capacidade e a potencialidade de cada caso vir a representar um padrão.

Ora, de facto, apesar de poder considerar-se um número relativamente reduzido de entrevistas, elas têm o dom de revelarem uma extrema coerência naquilo que se pretendia estudar e naquilo que foram as nossas grandes hipóteses ou assunções de trabalho., traçadas a partir da sociologia do tempo. Com efeito, e como teremos oportunidade de demonstrar daqui para frente, as entrevistas realizadas mostram-nos a existência de padrões comportamentais e não obstante o esforço inicial que fizemos no sentido de abraçar a heterogeneidade, contemplando diferentes áreas científicas, idades e ambos os géneros, acabamos por evidenciar profundas regularidades, inclusive demonstradas no tipo de linguagem utilizada. É claro que estas regularidades não são unificantes, isto é, nem todos os indivíduos dizem ou sentem o mesmo, no entanto, é de assinalar que sob cada uma das hipóteses traçadas foi possível chegar a discursos que traduzem experiências comuns.

As entrevistas decorreram, sem excepção, num clima de grande informalidade, sendo que os entrevistados manifestaram muito interesse no tema da investigação, tendo alguns referido o facto de que o diálogo assumiu quase que uma espécie de terapia, na medida em que através dele conseguiram reflectir e fazer, em certa medida, um ponto da situação, ou um balanço, da relação que têm com o tempo. Devido ao interesse e profundo envolvimento dos professores, por um lado, e ao facto do guião ter um carácter pouco estruturado, por outro, as entrevistas duraram, em média, 1h 30m e constituem-se como documentos muito ricos em termos de informação sobre a temática em análise.

Podemos concluir que este estudo que apresentamos reflecte os próprios constrangimentos e entendimentos dos docentes na medida em que é ele próprio resultado da disponibilidade dos actores no campo.

V - EXPERIÊNCIAS TEMPORAIS

5.1 (des) encontros temporais com a profissão

Eu posso fazer muita coisa sem gostar, mas não é a investigação. Cumpro algumas tarefas mais rotineiras e faço muitas delas que não gosto, mas não é a investigação. Não consigo, de facto, conceber que se faça investigação sem se estar apaixonado".

(Carlos)

A profissão, como foi referido anteriormente, assume um papel fundamental ao nível do auto-conceito, da identidade pessoal e social e, portanto, ao nível da realização e satisfação individuais dos actores sociais. Assim, qualquer plano de vida pressupõe reflectir sobre esta dimensão do quotidiano: O que irei fazer dos meus dias? Como irei preencher as horas da minha vida de forma a obter o maior benefício possível e a qualidade de vida desejável? Estas são algumas questões colocadas pelos seres humanos e sociais diariamente.

Os professores auxiliares aqui representados poderiam ser, pela análise dos seus discursos, incluídos na definição que Polanyi⁹⁵ deu de comunidade científica, na medida em que estes professores pretenderam, ao entrar na carreira académica, a sua satisfação intelectual através da busca da realidade oculta do conhecimento.

De facto, as entrevistas realizadas revelaram que a grande maioria⁹⁶ dos entrevistados pretendiam, de alguma forma, entrar na carreira académica, porque viam nela uma fonte de realização pessoal. Esta fonte de realização, provém, particularmente, do prazer e do gosto pela investigação, relativamente ao qual os outros níveis de ensino não dão resposta.

⁹⁵ Ver a obra: M. Polanyi (1962). *Personal Knowledge: Towards a Post-critical philosophy*, London

⁹⁶ Das catorze entrevistas realizadas apenas 4 pessoas referiram que entraram na carreira por motivos de ordem prática tais como: proximidade à residência; surgimento da oportunidade sem nunca terem pensado nessa possibilidade, etc.

Quadro IV - Isotopia - Escolha da Profissão

NA CARREIRA ACADÉMICA	FORA DA CARREIRA ACADÉMICA
Queria ser professor / ensinar	Não queria ser professor/ensinar
Ensino superior com a possibilidade de fazer investigação	Outros níveis de ensino sem possibilidade de fazer investigação
Opção pela carreira universitária	Não opção pela carreira universitária

As funções com carácter administrativo e de gestão não surgiram, para nenhum dos entrevistados, como factor determinante da escolha da profissão. Pelo contrário, essas actividades são as que menos atraem os docentes e as que mais prejudicam as funções, que consideram primordiais: a docência e a investigação.

Apesar da importância indiscutivelmente atribuída à docência, a verdade é que o que emerge como principal factor determinante da escolha da profissão é, a possibilidade de fazerem investigação. De facto 72% revelaram que o grande motivo da escolha da profissão foi precisamente ter essa possibilidade, ou seja, ter acesso ao saber, por um lado, e de ser, ao mesmo tempo, produtor de conhecimento. Aliás, ao longo da análise pudemos concluir que, sem excepções, todos os professores dão uma importância extrema à vertente da investigação, considerando que esta e a docência, não só são a essência da profissão, como se complementam.

"Eu acho que tem de se complementar porque, por um lado, é aquisição de conhecimentos, por outro lado, é a necessidade de transmitir esses conhecimentos. Portanto, aqui em Portugal há um problema porque, muitas vezes, há um desfasamento entre os conhecimentos adquiridos e aqueles que têm de ser transmitidos." (Sérgio)

Uma análise mais cuidada dos discursos revela-nos que não está em causa a falta de gosto pela docência, mas sim que existem factores inerentes à forma como a própria carreira universitária está estruturada que condicionam a forma como se pensa, e se faz, a investigação. Um desses factos prende-se com a sobrevalorização da produção científica, para a progressão na carreira.

Tal como concluíram alguns estudos sobre a comunidade científica⁹⁷, o auto-conceito profissional dos universitários passa, também neste estudo, pela percepção de que a sua profissão tem como essência o ensino, que deverá ser colocado em primeiro lugar, e de seguida a investigação. Teresa fala-nos da necessidade que sente em investir mais tempo na investigação, embora se sinta mais uma professora (docente) do que investigadora.

"(...) nós somos contratados como professores. Mas... somos avaliados como investigadores. E é também como investigadora que progredimos na carreira. Portanto, o que é que acontece... acontece que para realmente progredirmos na carreira nós temos que investir mais tempo na investigação. «Preocupa-te em dar aulas» ...O dar aulas é uma preocupação que, teoricamente, na cabeça de muitos colegas, está em último lugar «porque não és avaliada pelas aulas que dás, tu és avaliada pelos artigos que produzes.» (Teresa)

Teresa questiona não só o tempo que se tem para dedicar à docência e à investigação como também a qualidade desta. É nos seus tempos livres que Teresa faz investigação, referindo mesmo que é um trabalho que realiza em tempo "extra-horário".

"A minha investigação é nas horas livres. É no meu tempo livre que eu faço investigação. Portanto, eu dedico realmente muito tempo à investigação, mas esse tempo não é do meu horário de trabalho, é extra-horário. Porque a docência ocupa-me imenso tempo e eu acho que, essencialmente, tenho que investir na docência. Embora todos os meus colegas me dizem que isso é um erro." (Teresa)

A competição científica preocupa grandemente a maioria dos professores auxiliares, no entanto, deparam-se com o dilema da conciliação entre a vertente do ensino e da investigação. Como nos revelam as palavras de Alexandra:

"Eu gosto muito, tanto de leccionar como de investigação, gosto muito das duas coisas. Ah... acho que a competição é assim...como em muitos países os investigadores têm oportunidades de fazer só investigação, faz com que realmente os portugueses não são os mais preferidos. Mas também não são os mais espertos, portanto, se a gente dividir entre leccionar e investigar assim não conseguimos ser suficientemente competitivos." (Alexandra)

⁹⁷ Ver a obra: Amâncio, et al, *op cit*.

"Ora, se uma pessoa quiser dedicar-se somente à investigação para ser suficientemente competitiva, como é o meu caso, trabalho numa coisa que é bastante competitiva e gosto muito, ali... torna-se um stress permanente tentar compatibilizar as duas coisas." (Alexandra)

São vários os testemunhos que atestam a elevada consciência de que os professores universitários estão constantemente a ser avaliados e, além disso, sentem como um facto a própria avaliação informal que é feita pelos pares.

Nas palavras de Alice existem referências a uma constante *pressão* no sentido de avançar na carreira, no sentido de trabalhar mais para alcançar os objectivos inerentes à carreira universitária e, o que cria propriamente essa pressão, em determinados períodos de tempo. Assim, esses objectivos são sentidos não como ideais a atingir mas como imposições devido à fragilidade que ela atribui à sua profissão. Estamos a falar de prazos que, como Bergmann⁹⁸ refere, representam a marcação dos acontecimentos e das acções ajudando não só a sequenciar as acções e a localizá-las no tempo mas também actuam como agentes disciplinadores, obrigando ao desenvolvimento de negociações entre os vários tempos, nomeadamente, entre o tempo profissional e o tempo para si... o nosso próprio tempo! Sobre esta questão dos *timings* encontramos também no discurso de Alice a ligação com a problemática da avaliação, o sentimento de que está a ser constantemente avaliada continua a existir tal como no período em que estava a fazer o seu doutoramento, no entanto, não é um sentimento diário.

"(...) todos nós sabemos que... eu acabei há três anos (o doutoramento) e naturalmente já está em mente solicitar passar acima, não é? Repare de facto está-se a pensar deste tipo: "é xis tempo, logo, é altura de...". Então é uma questão que me é colocada que é: se queres no período xis solicitar determinada situação, tens de trabalhar nesse sentido. Essa pressão existe constantemente. (...) Nós somos sistematicamente avaliados. Um professor universitário é avaliado a todo o momento, repara: nós quando entramos para a carreira nós temos logo a meta do mestrado à frente, do mestrado ou das provas pedagógicas (...), não é? O estagiário tem aqueles xis anos para desenvolver o seu mestrado. Quando termina essa etapa não para, logo à frente, tem o doutoramento para tirar. A nossa profissão é a mais frágil do mercado. Nós não temos um contrato rígido. Se a pessoa não cumpre dentro daquele tempo...". (... a seguir ao doutoramento vêm as provas para associado, tudo bem, não há um tempo definido, não há definido mas as pessoas também têm o seu próprio tempo, não é?"

⁹⁸ Ver a obra: W. Bergmann, (1992). "The problem of time in sociology: in overview of the literature on state". *Time and Society*, 1

Aqui surge a ideia de tempo num contínuo de vida, num contínuo de profissão, do tempo enquanto fase (de passagem a outra etapa de avaliação). A noção de que os tempos inerentes a esta profissão são muito específicos. Existe, de facto, a consciência de que as coisas têm de ser feitas para atingirem objectivos a médio/longo prazo.

Como nos diz Carlos:

" (...) a nossa corrida não é uma corrida de seis a oito horas por dia. É uma corrida a um ano, dois anos, três anos. (...) São prazos mais alargados. Isto é, eu sei que tenho um contrato como professor auxiliar, tenho que passar a professor associado em breve. O breve aqui é, dois, três, quatro anos, quer dizer (...). a minha meta são os próximos dois ou três anos, não é a semana que vem... se eu quiser ir para o Algarve, vou para o Algarve." (Carlos)

Encontramos referências à existência de um tempo paralelo ao tempo de trabalho, "o seu próprio tempo" que supostamente não deveria ser condicionado pelo tempo profissional, o que acontece devido à pressão da avaliação inerente à carreira.

Para além da avaliação formal, existe outro tipo de avaliação que não ficou esquecida, a avaliação informal que é exercida pelos pares e pelos superiores.

(...) "quer queiramos quer não nós somos avaliados pelos nossos pares. E os nossos superiores vão ser aqueles que nos vão avaliar amanhã. E, naturalmente, que eles melhor que ninguém conhecem-nos, acompanham o nosso desenvolvimento e embora não digam às pessoas pensam" estás no bom caminho, estás no mau caminho...". Há uma avaliação mais subtil ou menos subtil, mas que ela existe, existe sempre!" (Alice)

Falar de avaliação na carreira docente remete-nos para as relações de poder e, logo, para a competição e o reconhecimento do valor do trabalho que os docentes desenvolvem. Nas palavras de alguns entrevistados encontramos sinais de algum desânimo relativamente à forma como o estatuto da carreira docente está pensado e relativamente às especificidades e autonomia de cada departamento, dentro da mesma universidade:

"Eu ainda no outro dia numa conversa com um amigo eu dizia-lhe que realmente nesta carreira não vale a pena ser bom e ele dizia-me: «Pois não, só agora é que percebeste?» (...) Não há reconhecimento. Há uma carreira relativamente rígida, a pessoa pode ser muito boa mas o tipo de vagas, por exemplo, a abertura de quadros, é extremamente estrangulador, a abertura de vagas e de quadros por departamento. E portanto, no meu departamento pode ter gente muito boa e não progride na carreira porque não há vagas. Noutros departamentos pode haver gente medíocre que progride na carreira porque há vagas. (...) E ainda fiquei com uma ideia pior depois de estar dentro." (Teresa).

As palavras de Teresa reforçam, em certa medida, a luta pelo crédito científico, de que nos fala Pierre Bourdieu⁹⁹. A autoridade científica é, para Teresa, (des)legitimada na medida em que esse capital simbólico nem sempre corresponde ao mérito dos professores e que o processo para o alcançar é extremamente "Estrangulador".

O facto de os entrevistados referirem as especificidades inerentes aos diferentes departamentos e sentirem isso como fonte de desigualdades dentro da universidade tem a ver, como nos diz Bourdieu¹⁰⁰, com diferenças que existem, entre os cientistas, e que condicionam a forma como se faz a ciência e como estão dela. Para além disso essas desigualdades passam não só por factores exteriores à própria comunidade científica mas também por factores endógenos, tais como a pertença a áreas disciplinares diferentes, com recursos, oportunidades e poderes desiguais, que irá condicionar fortemente as lutas internas ... o que se reflecte no já referido reconhecimento académico.

Reforçando os contributos de Hagstrom¹⁰¹ concluímos que, efectivamente, o reconhecimento do valor do trabalho científico é uma recompensa escassa e que a dificuldade em se conseguir esse reconhecimento pelos pares torna o clima dentro da comunidade científica muito competitivo. Nuno possuía uma expectativa que considera ainda não ter atingido... que se relaciona precisamente com esse reconhecimento...

"Admito que teria talvez uma expectativa não cumprida, era a de um reconhecimento e recepção do trabalho académico, daquilo que a gente produz, ou seja, isto presumia uma articulação de canais de comunicação, de produção e distribuição de conhecimentos mais fluidos entre o mercado e a produção. (...) era necessária compensar esta uniformidade salarial com alguma compensação por

⁹⁹ Ver a obra: Pierre Bourdieu (1984a). *Homo Academicus*. Paris: Ed. Minuit.

¹⁰⁰ Ver a obra: Pierre Bourdieu, *op cit*

¹⁰¹ Ver a obra: Hagstrom (1972). "Gift giving as an organizing principle in science", in B. Barnes (org.), *Sociology of science*. Harmondsworth, Penguin.

desempenho, compensação pelo menos que fosse uma discriminação possível, enfim até para estimular.” (Nuno)

E reforça a sua posição enfatizando alguma injustiça na forma como se desenvolve avaliação que, se pensarmos na norma reguladora da comunidade científica que Merton¹⁰² identificou de Universalismo concluímos que não encontramos vestígios, nos discursos aqui em análise, do cumprimento dessa norma. Ou seja, não existe a ideia de proporcionalidade entre as recompensas (o reconhecimento do trabalho científico) e os méritos dos cientistas.

“Do meu ponto de vista, na universidade existem docentes que produzem abaixo do que deviam em termos quantitativos e qualitativos, pelo menos quantitativos, qualitativos, enfim, não sei se concordo. Há investigadores medianos que são excelentes pedagogos e tem que cá esta por essa mesma razão e o contrário também pode ser verdade. Mas isto havia de ser repensado porque também não é justo que o sistema remunera da mesma forma indivíduos que produzem bem cientificamente e indivíduos que produzem medianamente, sem fazer compensação com uma boa profissão pedagógica.” (Nuno)

Para além dos professores terem outras actividades paralelas para além da docência, propriamente dita, e da investigação, existem outros constrangimentos do foro organizacional que condicionam a alocação do tempo para a investigação. Sérgio está na Universidade do Minho há sensivelmente um ano e ainda não iniciou as suas funções de docente porque foi contratado com um ano de antecedência devido ao facto de estarem a começar o novo instituto de investigação. Por esse facto ainda é difícil para o Sérgio conseguir dizer-nos que tempo é que dedicou à vertente do ensino e da investigação propriamente dita. No entanto, o Sérgio critica a forma como a escola funciona, uma vez que as aulas se concentram todas num semestre, ficando outro semestre para a investigação.

“Aqui na escola, a maneira como eles pensam que a coisa deverá funcionar é mais ou menos 50% para a investigação e 50% para aulas. (...) Aqui, como isto ainda está a começar, digamos que as pessoas têm estado mais envolvidas na parte da docência, como é natural. O instituto está a começar, a docência está a começar e é preciso dar um contributo muito grande para que as coisas corram bem. Mas pelo que via na Faculdade de Ciências e em Biomédicas também, em geral as

¹⁰² Ver a obra: R. K. Merton, (1984/70). *Ciência, tecnologia y sociedad en la Inglaterra del siglo XVII*. Madrid: Alianza Editorial

... pessoas ficam com mais ou menos 50% do tempo para investigação e 50% para ensinar. Só que aí há, do meu ponto de vista, um erro muito grande que é: concentrar as aulas todas num semestre e ficar com um semestre livre para fazer investigação. (...) Acho que é completamente irreal porque a investigação ... a investigação tem laboratórios que são 100% dedicados à investigação, não para. E depois ... em áreas que sejam competitivas não se compadecem, de maneira nenhuma com esse tipo de estratégias.” (Sérgio)

As tarefas de cariz administrativo e de gestão são sentidas por todos os entrevistados como um peso enorme que dificulta muito o bom desempenho ao nível pedagógico e de investigação e, consequentemente, a gestão do tempo e a negociação entre essas duas funções primordiais.

“São os docentes que têm que fazer tudo, o professor tem que fazer investigação, quer dizer o primeiro objectivo é dar aulas, dar aulas bem, investigação é para subir na carreira, então é muito relativo o que é que eu dou prioridade às minhas aulas que deve ser a minha função primordial, ou a investigação que me faz subir na carreira?” (Henrique)

Relativamente às tarefas de carácter administrativo e de gestão diz-nos que a universidade

“...nunca vai ter uma gestão profissional porque não há gestores profissionais e as pessoas fazem as coisas por amor à camisola em detrimento do seu tempo” (Henrique)

Pelo exposto já conseguimos concluir que uma das desvantagens apontadas pelos professores auxiliares diz respeito ao excesso de competição e à avaliação constante de que são alvo, para além da sobrecarga de trabalho que sentem diariamente devido, sobretudo ao facto de terem, obrigatoriamente, de assumir tarefas de foro administrativo. No entanto, outros aspectos emergem dos discursos analisados, dando-nos conta de factores de outra natureza, igualmente sentido como grandes desvantagens da profissão, tais como as más condições físicas de trabalho (fracos recursos), baixos salários, a tendência para o fechamento das universidades ao exterior, a obrigatoriedade de dedicação exclusiva, e a já referida dificuldade que os professores sentem, diariamente, ao nível da gestão do tempo, lançando-os para um esforço acentuado ao nível da auto-disciplina, auto-controlo e, consequentemente, a alguns sacrifícios nas outras esferas da vida, nomeadamente, pessoal e social.

No que concerne à referência às condições físicas de trabalho nada melhor do que as palavras do Helder...

"(...) às vezes penso que as universidades pecam um bocado porque não nos dão as condições que as pessoas nas empresas têm, condições de trabalho desde um bom gabinete, ma secretária, um bom computador, telefone, etc. todas essas condições mínimas que às vezes nós queremos fazer qualquer coisa e não podemos porque não temos impressora, o computador está avariado e temos que esperar não sei quantos meses até que haja um concurso para vir." (Helder)

Para além destes bens materiais de primeira necessidade, tendo em conta o contexto de que estamos a falar, a situação agrava-se quando se fala em áreas de saber que implicam investigação científica em laboratório ou trabalho de campo intenso que implique recursos específicos, como são exemplo algumas engenharias e as ciências exactas que vêm o seu trabalho ainda mais desvalorizado e em risco devido à falta de boas condições de trabalho reflectindo-se, inevitavelmente, na produtividade e na motivação pessoal. A contribuir, de certo modo, para essa desmotivação está também o facto de, tendo em consideração o esforço e as exigências inerentes à carreira académica, os professores auxiliares considerarem que auferem salários abaixo do que entendem como justos, sobretudo por comparação com o trabalho no privado. Além disso como já foi referido, a exclusividade impede os docentes de auferirem outros rendimentos e de obterem outras recompensas - conhecimentos, até - fora da universidade.

" (...) aqueles que trabalham, na carreira universitária, nos âmbitos todos - que é a parte pedagógica/ de ensino, a parte administrativa e a parte de investigação - eu acho que trabalhamos muito e recebemos muito menos que grande parte das profissões. Às vezes, uma pessoa fica assim um bocado... E depois, sei lá, há uma coisa que eu não me penalizo por isso, mas tenho colegas que já tiveram problemas em relação a isso: é que, ainda por cima, temos exclusividade! Não podemos fazer nada cá fora! Nada a não ser, por exemplo, se eu quiser escrever um livro e editá-lo, posso fazê-lo!" (Isabel)

"Em termos de investigação, por exemplo, o facto de existir dedicação exclusiva ou praticamente exigirem dedicação exclusiva, não exigem, mas depois, é o que acontece na altura em que eu decido, ou opto, por ser professora universitária. Praticamente foi-me impedido de ter um contacto muito mais directo com crianças. Fui investindo, por exemplo, na área da linguagem, na área das dificuldades ao nível da leitura, mas se depois, por outro lado, me impedem de atender crianças que

têm dificuldades ao nível da linguagem e da leitura... automaticamente esse afastamento da prática não vai contribuir realmente para que a minha prática junto dos alunos, mais propriamente, seja uma prática mais fundamentada." (Teresa)

A obrigatoriedade da dedicação exclusiva dos professores universitários é considerada uma grande desvantagem e surge assim, mais uma vez, de forma mais indirecta, a dificuldade em fazer a ponte entre a universidade e a sociedade (o seu exterior) e entre a teoria e a prática.

Nuno fala-nos precisamente nesse fechamento da universidade. Apesar de referir que as vantagens da sua profissão são inúmeras ele não consegue desprender-se facilmente de um discurso desencantado face à universidade.

"Eu penso que a universidade vive excessivamente fechada em si, julga-se portadora de um conhecimento socialmente válido, até se calhar os académicos acham que são possuidores e proprietários de um conhecimento, mais ou menos privado, mais ou menos inacessível. (...) Um conhecimento especializado e, se calhar, por isso mesmo elitista. De resto, basta ver a forma como as pessoas, de uma forma geral, na transmissão de conhecimentos... a forma quase reiterada como emitem, com excessiva convicção, com excessivo fundamento em legitimação; em teorias e autores e é um discurso demasiadas vezes muito encarado em si próprio." (Nuno)

E reforça a sua ideia dizendo...

"As vantagens podem ser inúmeras, mas incómodo, é entristecedor para mim ver a forma como nós ignoramos as oportunidades que nos passam ao lado, no mercado. (...) Enfim, sinto que os académicos, de uma forma geral, mais aqueles que eu conheço naturalmente, sinto que passam ao lado, que não percebem, que não reparam que há formas alternativas de produção de conhecimento. Há organizações que não sendo especializadas com a universidade na produção e transmissão de conhecimentos, efectivamente, produzem conhecimento cientificamente bem suportado, socialmente útil e que nós desconhecemos. Era necessário a gente abrir os olhos, abrir as orelhas, abrir os sentidos e abrímos ao mundo, porque há imensa coisa para fazer e aprender lá fora." (Nuno)

A conjugação de todos estes factores, condiciona (tal como nos diz Horning¹⁰³, quando nos fala do tempo institucional) a forma como os professores auxiliares estão na profissão e, consequentemente a forma como a vivem e como a sentem. A análise dos usos e percepções do tempo por parte destes professores ajuda-nos a desvendar o seu quotidiano, tanto mais que a “sobreposição” dos tempos e a dificuldade em os “separar”, adequadamente, surge, transversalmente, nos seus discursos, como a grande desvantagem da profissão. É precisamente porque o tempo institucional actua tão directamente na vida das pessoas que se relaciona directamente com os esquemas disciplinantes.

Quando questionada sobre as vantagens e desvantagens da profissão, o discurso da Alice centra-se de forma espontânea na questão da separação entre tempo de trabalho e tempo livre. Alice realça como principal inconveniente da profissão o facto de não conseguir e/ou não poder “desligar-se” facilmente do trabalho em contextos e tempos que supostamente seriam de “não trabalho”, como os fins-de-semana e feriados. De notar que a entrevistada, embora reforce a ideia que essas situações fazem parte da experiência pessoal dela não deixa, contudo, de ao longo do discurso utilizar a primeira pessoa do plural sempre que se refere a esses aspectos, salientando assim que, na sua opinião, são características inerentes a todos os que abraçaram esta profissão. Para a entrevistada a carreira académica surge como a profissão que “absorve” mais tempo, no sentido de levar os assuntos de trabalho para o contexto familiar e de lazer, dando assim lugar a uma continuidade e a uma sobreposição de “tempos”.

Por comparação com outras profissões, Alice conclui que quem tem um horário de trabalho típico (das 9 às cinco) não terá esse inconveniente de “levar os problemas para casa”. No entanto, quando se refere às vantagens da sua profissão reconhece que a grande vantagem que tem em relação a esses profissionais é, precisamente, a flexibilidade de horários. Subentende-se aqui uma referência à questão da autonomia em relação à gestão dos tempos, associada à flexibilidade de horários, mas também a questão da responsabilidade e da disciplina. A este nível o seu discurso vai no sentido da necessidade que ela tem de conseguir equilibrar (disciplinar) as acções, em função do tempo, para que nenhuma das esferas pessoal e profissional, seja prejudicada. O

¹⁰³ Ver a obra: K , Horning and A. M. M. e. Gerhard (1995). *Time Pioneers, Flexible Working time and new Lifestyles*. Cambridge: Polity Press.

tempo surge como uma mais valia que tem de ser bem gerida, quer em função da sua vida pessoal (embora ao longo da entrevista se denote alguma dificuldade a este nível) quer a favor do trabalho e da instituição a que pertence.

"Olhe, como eu costumo dizer nós temos o grande inconveniente, e eu falo por mim, pessoalmente, é que nós levamos para casa todos os problemas, todo o trabalho que nós temos aqui na universidade. Ehm... daí que nós não temos sábados, não temos domingos, não temos feriados, não é? (...) Ou seja, aquele trabalhador que trabalha das nove às cinco, o horário típico, ehm... sai às cinco horas e tem o seu tempo livre, se quiser ir até ao café... por vezes nós dizemos "ai quem me dera estar agora numa esplanada à fresca" e não fazemos porque não podemos desligar. (...) Mas por outro lado, temos uma vantagem que eles não têm, que é uma flexibilidade. Nós não temos horário de entrar e sair. Se é certo que eu sou capaz de estar até às cinco da manhã a trabalhar, no dia seguinte se eu quiser dormir até ao meio-dia durmo até ao meio-dia. É um exemplo, não é? Não acontece, mas... digamos que pode acontecer. (...) Nós conseguimos gerir à nossa maneira. O tempo é nosso, nós conseguimos de facto gerir mas conscientes de que temos de trabalhar e se hoje eu consegui gerir a meu favor pessoal amanhã, quer dizer, tenho de gerir mais a favor de trabalho, da instituição, etc. É essa vantagem que nós temos que não têm os outros."

Quadro V – Isotopia – Vantagens da Profissão

NA CARREIRA ACADÉMICA	FORA DA CARREIRA ACADÉMICA
Maior contacto com o conhecimento	Menor contacto com o conhecimento
Flexibilidade de horários	Inflexibilidade de horários
Maior autonomia	Menor autonomia

A flexibilidade de horários surge para a grande maioria dos entrevistados como a principal vantagem que identificam na sua profissão, para além do já referido acesso ao conhecimento/investigação. No entanto essa vantagem reflecte-se nas desvantagens assinaladas anteriormente que se relacionam com a dificuldade em gerir o tempo, auto-disciplina e até alguns sacrifícios pessoais.

Como nos diz Teresa a questão da flexibilidade pode ser enganosa na medida em que os professores assumem que trabalham demasiado, precisamente porque não se dedicam só ao ensino.

"É um engano (...) Aparentemente há mais flexibilidade, mas acaba-se por trabalhar muito mais. Porque teoricamente nós só temos nove a doze horas, portanto, no meu caso, já com o doutoramento

feito, só terei nove a doze horas lectivas por semana. Agora a maior parte das instituições não cumpre isso. Por outro lado, é completamente diferente distribuir as horas lectivas por duas cadeiras ou distribuir as horas lectivas por sete. É diferente preparar uma aula para motivar vinte e cinco alunos ou para motivar cento e sessenta e conseguir captar a atenção deles.”(Teresa)

Apesar de Mariana reconhecer que tem feito alguns esforços durante estes anos de Universidade ela considera que, em determinada altura da sua vida, colocou a família, os filhos sobretudo, em primeiro lugar. No entanto reconhece que actualmente as coisas se alteraram e que sacrifica, provavelmente, a família em função da carreira.

“ Mesmo os meus filhos estão sempre a dizer: Oh mãe, mas porque é que tu trabalhas hoje à noite? E tu tens de trabalhar ao fim-de-semana? Portanto eles têm consciência disso. Sinto, hoje em dia, provavelmente tem sacrifícios... tem sacrifícios...”(Mariana)

Quadro VI – Isotopia – Desvantagens da Profissão

NA CARREIRA ACADÉMICA	FORA DA CARREIRA ACADÉMICA
Sobrecarga de tarefas administrativas	Não sobrecarga de tarefas administrativas
Fraca remuneração	Boa remuneração
Obrigação de exclusividade	Não obrigação de exclusividade
Muita competição	Pouca competição
Flexibilidade de horários	Não flexibilidade de horários
Exige mais auto-disciplina	Exige menos auto-disciplina

A imagem que os professores têm da carreira académica reflecte-se, no fundo, nas referências ao que ela tem de melhor e de pior, na medida em que se trata de juízos de valor, categorias do pensamento, resultantes das suas próprias vivências profissionais. Por outro lado, a ideia que possuem sobre o que os “outros” pensam deles, enquanto docentes universitários, nem sempre coincide com as suas próprias experiências. Como vimos num capítulo anterior deste trabalho a identidade profissional é uma dimensão da identidade social e intimamente ligada à auto-identidade. Além disso, como nos diz Bourdieu¹⁰⁴, a “identidade para o outro” está intimamente ligada com os “actos de pertença”, com o que os outros atribuem ao indivíduo. No entanto, uma vez mais, os discursos em análise nos mostram que o processo biográfico, a experiência real dos professores, neste caso, cria a identidade social real, sendo que os relacionamentos apenas produzem a identidade social virtual, que não é aceite por eles.

¹⁰⁴ Ver a obra: Pierre Bourdieu (1999). *A Dominação Masculina*. Celta Editora.

Essa falta de correspondência entre a auto e a hetero representação encontra-se bem presente no discurso de Alice. Segundo a entrevistada os “outros” (alunos e amigos) só vêem o lado bom da sua profissão, geralmente associado ao facto dela poder trabalhar em casa, de não ter os tais horários típicos, em termos do próprio vencimento, etc.

“Só vêem o lado bom. Sempre, sempre. (...) Vocês são felizardos porque vocês conseguem enfim, lá está, o tempo é vosso, nós não conseguimos porque nós temos de cumprir horários. Sei lá... às vezes fico em casa de manhã “Oh está em casa...” estar em casa a essa hora é boa vida, é boa vida. Compreendem mas há sempre aquela tendência a dizer isso no tom de brincadeira, mas dizem-no. Ou seja, mesmo sendo brincadeira, de alguma forma reflecte o que eles pensam. É óbvio que eles sabem que também não é tão linear quanto isso mas o simples facto de dizer não é completamente alheio àquilo que as pessoas sentem, não é? É pensado.” (Alice)

Outra ideia que Hélder considera existir por parte dos “outros” é uma tendência para fazerem troça dos professores universitários, pelo facto de considerarem que eles têm muito tempo livre. Essa ideia surge relacionada com o facto dos professores viajarem muito o que, na opinião do Hélder, surge associado a passeios.

“De facto, têm a ideia que os professores têm muito tempo livre, pronto não é uma questão de ter uma certa inveja, mas há uma certa troça, não é? Há uma certa troça porque acabamos por viajar bastante, para ir a conferências e outras coisas, o que é sempre visto como um passeio, que andamos sempre a passear. Pronto, nós se calhar geógrafos ainda mais porque quando fazemos alguma investigação implica trabalho de campo.” (Hélder)

Assim, identificamos como principais hetero-representações da profissão: os professores universitários têm muito tempo livre, são intelectuais e bem pagos.

“Olhe eu devo dizer-lhe que se calhar existem representações comuns e universais que nos possam parecer ... se calhar a gente pensa que um engenheiro ou um político, enfim, um médico, tem uma representação do professor universitário diferente do que tem outras pessoas e o que me parece é que nalguns domínios, nalgumas variáveis elas são similares. A ideia que as pessoas têm dos professores universitários, são basicamente duas, isto é, de que os professores sabem muito, portanto, têm um conhecimento profundo, pelo menos numa área do saber, de diferentes níveis

culturais e diferentes níveis... revelo quanto ganho eles ficam surpreendidos, quase todos, esperavam que eu ganhasse mais." (Hélder)

Quadro VII – Isotopia – Representações da Profissão

AUTO-REPRESENTAÇÃO DA PROFISSÃO	HETERO-REPRESENTAÇÃO DA PROFISSÃO
Pouco tempo livre	Muito tempo livre
Muito trabalho	Pouco trabalho
Mal remunerado	Bem remunerado
Não intelectual	Intelectual

5.1.1. Conclusões

O gosto pela profissão de docente universitário resulta, principalmente, do facto de no meio académico ser possível fazer investigação. Assim, os nossos entrevistados justificaram, de certa forma a opção de entrada na carreira pelo pressuposto do acesso ao conhecimento, à constante actualização de conhecimentos e, portanto, à via para a sua realização profissional.

Embora a investigação assuma um peso muito significativo na carreira, os professores auxiliares entrevistados revelam que reconhecem a docência como a “Essência” da sua profissão, a sua “Razão de ser”, e que a investigação complementa, ou deveria complementar, a vertente pedagógica.

Basicamente, podemos concluir que não se poderá ser bom professor se não existir uma actualização constante dos conhecimentos e/mas, por outro lado, para se actualizar esses conhecimentos é necessário tempo e recursos para fazer investigação.

Uma vez que os docentes universitários possuem, mais especificamente os professores auxiliares, para além das componentes primordiais do seu trabalho (a docência e a investigação) outras responsabilidades de índole administrativa ou de gestão, vêem-se num dilema difícil de contornar que se prende com o facto dessas tarefas ocuparem massivamente o tempo que sobra depois das aulas propriamente ditas. Alguns apontam como solução para este problema a contratação de técnicos destas áreas que assegurem este tipo de actividades para que os professores tenham mais tempo para dedicarem à investigação.

No meio destas contrariedades os professores, apesar de tudo, manifestam um agrado bastante significativo pela carreira académica, sobretudo pela “paixão” pela investigação e pelo prazer de ensinar.

As principais vantagens que apontam, inerentes à carreira académica, são precisamente o facto de terem acesso ao conhecimento, horários flexíveis e um elevado grau de autonomia.

No entanto, uma das vantagens fortemente assinaladas – a da flexibilidade de horários – é igualmente considerada como uma desvantagem da profissão. Se por um lado essa não rigidez de horários lhes permite alguma liberdade de acção e autonomia, por outro, constrange ao máximo os movimentos dos professores na medida em que actua como os esquemas disciplinantes. Esta suposta liberdade traz como contrapartida a necessidade de se reforçar as capacidades de adaptação aos diferentes tempos, exige mais auto-disciplina, mais auto-controlo, de forma a não penalizar as outras esferas da vida, tais como a pessoal e social.

A acrescentar à dificuldade, nitidamente manifestada pelos professores neste trabalho, em lidar com os tempos de forma adequada, ou seja, em separar tempo livre de tempo de trabalho, surgem outras determinantes igualmente desvantajosas, tais como as más condições físicas de trabalho; o fechamento da universidade ao exterior, e, de forma bastante acentuada, a competição excessiva que se verifica entre os pares, devido, principalmente, à forma como a progressão na carreira e a avaliação do desempenho está estruturada.

Estas desvantagens levam os professores a abdicar de algumas coisas fundamentais nas suas vidas pessoais, chegando mesmo alguns a considerarem que já fizeram alguns sacrifícios a favor da carreira.

A imagem que os professores possuem da sua profissão, embora com a consciência destes constrangimentos, continua a ser uma imagem positiva na medida em que é nítido o gosto pela investigação e pela docência, havendo apenas um número muito reduzido de professores que pensam vir a mudar de profissão. Apesar de tudo as representações que possuem da profissão onde estão não coincidem com a imagem

que os “outros”, que estão fora da carreira, possuem. Para estes, os professores universitários ganham muito bem, são uma espécie de “iluminados” (usando a terminologia utilizada por alguns entrevistados, para referir a associação com a intelectualidade) e possuem muito tempo livre.

5.2. Tempos de mudança: o pós-doutoramento e a entrada na categoria de professor auxiliar.

“Quando nós vimos do doutoramento nós vimos cheios de vontade de investigar. Porque, quer queiramos quer não, nós vimos de um período de três anos, três anos e meio em que aquela é a nossa vivência diária. Portanto, procurar coisas novas... e quando acabamos o doutoramento nós sentimos que estamos no momento certo para dar continuidade a esse trabalho. E é uma decepção terrível, porque nós, de facto, ficamos bloqueados, não conseguimos desenvolver.”

(Alice)

Após a reflexão sobre as representações sociais da profissão, das suas vantagens e desvantagens, temos de dar alguma atenção ao facto de que os nossos entrevistados já não se encontram na fase inicial da carreira e que isso se reflecte nos usos e percepções do tempo.

Como foi referido em fases anteriores deste trabalho, a carreira académica surge associada a etapas, a fases, que situam os indivíduos no tempo institucional de que nos fala Horning¹⁰⁵, por um lado, e no seu próprio tempo de vida, por outro, tendo em conta que o percurso biográfico dos actores é indissociável dos seus percursos profissionais. Assim, torna-se sociologicamente pertinente conhecer um pouco sobre o passado referente ao período anterior à entrada na categoria de professor auxiliar e, mais especificamente, à fase de elaboração da tese de doutoramento, na medida em que essa fase simboliza a passagem para outra etapa, à qual corresponde um acréscimo de capital científico e, seguindo a terminologia de Bourdieu¹⁰⁶, o aumento do capital simbólico, entendido aqui também como prestígio e reconhecimento pelos pares.

¹⁰⁵ Ver a obra: Horning, *op cit*

¹⁰⁶ Ver a obra: Pierre Bourdieu (1984a). *Homo Academicus*. Paris: Ed. Minuit.

De facto, nos discursos aqui em análise predomina a ideia que a passagem a professor auxiliar trouxe maior reconhecimento académico, possibilitando o acesso a redes sociais internas à universidade e, conseqüentemente, um envolvimento muito directo em actividades administrativas e de gestão da própria universidade.

"Neste momento não há órgão algum da universidade onde eu não esteja. Naturalmente há uma diferença, há uma convivência, há toda uma convivência, há toda uma relação que se estabelece que é completamente diferente daquela que era antes e naturalmente é o título que nos leva a estarmos nesses locais, nesses sítios." (Alice)

O doutoramento surge como o momento de passagem entre um "antes" caracterizado por uma gestão do tempo própria, por expectativas positivas quanto à continuação da vertente de investigação e um "depois" (que corresponde ao "agora") que se caracteriza por um acréscimo de trabalho, pela tomada de consciência de problemas inerentes à universidade, pela frustração e pela falta de tempo. Quando questionada sobre o que é que se transformou com a conclusão do doutoramento no dia-a-dia de Alice, esta responde-nos dizendo que o seu quotidiano se transformou completamente:

"Ah... completamente. Olhe, porque até aí (ao doutoramento) tudo o que era cargos de gestão... naturalmente quando éramos assistentes passamos completamente à margem desse tipo de responsabilidades. Aliás há uma série de problemas que nós nem sequer fazemos ideia que eles existem. Estava completamente à margem. A partir do momento que tem o doutoramento nós ficamos aptos, se quiser, ou ficamos sujeitos, a ser solicitados para tudo e mais alguma coisa. (...) e de facto é uma frustração com a qual estamos a viver diariamente e que antes não existia, não é? Porque antes nós tínhamos uma gestão do tempo que era a nossa gestão do tempo. Nós conseguíamos fazer as coisas de uma forma..."(Alice)

Ter tempo para fazer a "sua" investigação, de trabalhar "para si" era o sonho de Alice. Mas o seu carácter não lhe permite recusar os cargos que lhe são destinados, até porque, se por um lado, sente isso como uma imposição, por outro, Alice reconhece que não consegue "dizer que não", por uma questão de personalidade. As coisas vão surgindo... vão surgindo...

"Eu sou uma pessoa que não consigo dizer que não. É uma questão pessoal. Não consigo dizer que não e acabo por ser demasiado solicitada. Eu bem digo que não quero mais nada, não quero mais nada. Mas as coisas vão surgindo, não é? Vão surgindo. E, de facto, no período após doutoramento quando eu pensava bom... ehm... vou agora trabalhar para mim acontece que o "para mim" fica logo atrás, fica logo atrás. E então os cargos começaram a se suceder uns aos outros. O problema por vezes nem é o facto de dizer assim: são muitos cargos, mas o facto de estar em muitos cargos obriga-nos, automaticamente, a estar presente em ene situações. (...) e isso acaba por nos absorver o tempo de uma forma terrível." (Alice)

Essas "situações" são, entre outras coisas, as reuniões que Alice considera, algumas delas, uma perda de tempo.

"Há uma série de reuniões que até aí (ao doutoramento) não nos lembrava-mos que elas existiam e que a partir dessa altura nós temos que lá estar, não é? E portanto isso aí é... é um tempo perdido. Às vezes, algumas reuniões, de facto é um tempo que nos dá uma frustração enorme saber que há uma série de coisas que eu podia fazer, que eu podia estar a fazer agora e não estou porque preciso de estar aqui presente, não é? Tenho de estar, naturalmente, porque não posso faltar só porque queremos faltar." (Alice)

Relativamente às mudanças que ocorreram a partir do momento em que entrou na categoria de professor auxiliar Henrique refere, igualmente, o acesso a lugares onde a sua voz é escutada, como reuniões e cargos de direcção. Embora Henrique sempre tenha sido reivindicativo a verdade é que só agora consegue sentir que as suas opiniões são tomadas em consideração e que pode participar na própria estrutura organizacional da universidade. Nas suas palavras encontramos a ideia de que ele só foi considerado um verdadeiro professor a partir do momento em que subiu para essa categoria, como ele diz... a sua larga experiência profissional anterior à universidade não é suficientemente valorizada no contexto académico. Mais uma vez, a ênfase na aquisição da autoridade científica de que nos fala Bourdieu¹⁰⁷ e que capacita melhor os professores universitários para que estes consigam "jogar" com mais trunfos, e melhor posicionados, no campo de luta interna que se vive dentro da carreira académica. Nas palavras que se seguem realça-se o facto do próprio Henrique utilizar o termo "lutei",

¹⁰⁷ Ver a obra: Pierre Bourdieu, *op cit*

no passado, e que traduz o esforço acrescido que tinha que fazer para ser considerado um membro de pleno direito dentro da comunidade científica.

"Eu sempre lutei e dediquei-me, a diferença é que provavelmente antes as minhas opiniões não eram tão escutadas (...) a partir do momento que a gente passa a professor auxiliar realmente vira professor, a carreira de Universidade é uma coisa ingrata. Eu era engenheiro com cinco anos de experiência no Brasil, mais um ano de experiência aqui, como engenheiro. (...) Então de repente venho para a Universidade sou assistente, quem não conhece o estatuto da carreira de um assistente... não... como é que é um assistente? Como é que é um engenheiro e depois você passa seis anos para conseguir o doutoramento e durante seis anos sou um assistente, ainda? Um engenheiro com onze, doze anos de carreira, é um assistente" (Henrique).

Existe a percepção, por parte de alguns professores auxiliares, de que à medida que se passa a professor associado se vai podendo "descartar" alguns desses cargos de gestão. O professor auxiliar será assim aquele que "está no meio" e por isso faz tudo e mais alguma coisa... o que significa que terá de atingir a próxima etapa para que as coisas venham a melhorar...

" (...) o associado, que está associado e os catedráticos mais ainda, dizem: agora já não estamos nesse nível, nós já passámos por aí, portanto vocês façam. Essa é a resposta imediata "não, eu já fiz!" Até pode não ter feito nada, até pode na altura até pouco ter feito. (...) antes, não é? Porque nós não temos ainda estatuto para poder desenvolver essas tarefas, o associado já está numa posição mais de conforto, se quiser, o auxiliar é aquele que está ali no meio. E, de facto, é pau para toda a colher, quer dizer, faz tudo e mais alguma coisa". (Alice)

Na mesma linha de pensamento surge o discurso de Nuno do qual se conclui que, na qualidade de professor auxiliar tem de se submeter ao exercício de cargos com grande pendor burocrático, precisamente porque... não tem alternativa!

"E imediatamente me torno elegível ou nomeado para o exercício de cargos que têm uma função administrativo, cujo conteúdo funcional é muito administrativo e relativamente burocrático. Portanto, a minha grande mudança estatutária foi essa. Fui trazido e nomeado para a burocracia e não posso esquivar-me a ser nomeado por excesso de competências, director de curso." (Nuno)

Nuno reafirma o carácter imposto por essas funções, que chegam mesmo a ser sentidas como um fardo...

"Não tem alternativa, olha-se para o lado e não têm ninguém, no meu caso, por exemplo, eu não tinha alternativa, eu tinha que aceitar o cargo de director do curso, amenos que quisesse ser antipático e indisponibilizar-me... é um fardo que a gente tem que cumprir, realizar, porque também estamos ligados a alguns valores da solidariedade." (Nuno)

Uma questão abordada pelos professores auxiliares e que merece também aqui referência é o facto de existir não só uma falta de gosto para a realização das tarefas de carácter administrativo e de gestão como também se reconhecerem como portadores de saberes altamente valorizados e que não estão a ser devidamente rentabilizados, nomeadamente, ao nível da investigação, porque têm de despende de uma grande parte do tempo para a execução dessas tarefas, que do ponto de vista da maioria deles deveriam ser asseguradas por um grupo de profissionais dessas áreas.

"O exercício das funções de gestão, enfim, é uma das funções que os professores têm, mas muitas das funções que nós temos não são necessários professores doutorados para as exercer e portanto, acho que há algum desperdício de tempo nessa matéria. Há funções que eu tenho e que colegas têm, que não me parece que precisassem do doutoramento para as fazer! Nesse aspecto, acho que há um desperdício de potencial das pessoas em funções que têm de ser feitas, evidentemente, mas não me parece que se deva investir no doutoramento de uma pessoa para ela depois ter determinado tipo de funções em que não haveria necessidade de tanta qualificação." (Jorge)

E continua...

"Bom, elas (as tarefas administrativas) têm de ser exercidas, eu diria que elas têm de ser exercidas e não as nego. Mas, há determinadas funções que as universidades têm de ter um staff profissional, têm de ter corpos administrativos profissionais e não podem estar dependentes dos professores cuja função principal, na minha opinião, é investigar e leccionar." (Jorge)

Referindo-se à evolução na carreira académica, Nuno usa a metáfora do ciclo para nos dizer que o ponto máximo, em termos de trabalho, será o nível em que ele se encontra e o nível seguinte, professor associado, depois destes a pressão inicia um processo de relaxamento.

"Provavelmente, se me permite levantar uma hipótese nessa matéria, eu diria que é como um ciclo, um ciclo normal em que existe uma curva ascendente, atinge um máximo e, a partir desse máximo,

há uma curva descendente, o ponto máximo, eu diria que é a fase do professor auxiliar, professor associado.”(Nuno)

Carlota refere igualmente o acréscimo de trabalho, após a entrada na categoria, uma aceleração do ritmo de trabalho e a sensação de que o tempo lhe foge...

“Mais trabalho, mais diversidade de tarefas e portanto mais trabalho acumulado, nunca tenho os trabalhos em dia, tenho a sensação que ando sempre atrasada, que o tempo me foge.”(Carlota)

As palavras acima focam um aspecto muito importante que se prende com o facto de existir não só mais trabalho como também mais diversidade de tarefas. Por um lado, não existe a rotina, tão desvalorizada nos nossos dias, mas por outro, e especificamente no que concerne ao uso que se faz do tempo, verifica-se que quantas mais actividades diversificadas tiverem de fazer num determinado período de tempo mais acelerado e disciplinado terá de ser o ritmo de trabalho, porque mais fragmentado será o tempo e logo mais difícil será fazer uma gestão adequada do mesmo.

“Acho que na questão do tempo sempre me lembro de ter falta de tempo. Mas é mais fácil gerir o tempo quando se está cem por cento dedicado somente a uma coisa. Sei lá, eu fazia só investigação, dedicava à investigação todo o meu tempo. Agora, quando comecei a dar aulas, passou a haver duas coisas para eu fazer ao mesmo tempo e é mais difícil gerir esta situação. Estão acumuladas. Por um lado, a investigação e as pessoas que estão ligadas à investigação; estão dependentes de nós, por outro lado, há a docência e há coisas na docência também da nossa responsabilidade. Portanto, há todo um conjunto de variáveis que se conjugam e que fazem com que se torne mais complicado. Teria sempre a sensação de falta de tempo, mesmo se o dia tivesse 48 horas.” (Sérgio)

Esta nova forma de viver o tempo da universidade choca com um conjunto de expectativas que os professores traziam das fases anteriores da carreira quando associavam ao “pós-doutoramento” períodos mais intensos de produção científica, ou seja, mais tempo para a investigação e também mais tempo para o tão desejado tempo livre, para a família, para a vida pessoal e social. No entanto, não é isto que transparece nos discursos aqui em análise.

“Quando nós vimos do doutoramento nós vimos cheios de vontade de investigar. Porque, quer quiciramos quer não, nós vimos de um período de três anos, três anos e meio em que aquela é a nossa vivência diária. Portanto, procurar coisas novas e etc. e quando acabamos o doutoramento

nós sentimos que estamos no momento certo para cá fora dar continuidade a esse trabalho. E é uma decepção terrível porque nós, de facto, ficamos bloqueados, não conseguimos desenvolver.” (Alice)

“Tinha dito que quando acabasse o doutoramento não ia trabalhar, nem aos fins-de-semana, nem à noite e não é bem assim. (...) Aumentou ainda mais o trabalho. (...) De alguma maneira após o doutoramento acabei por estar responsável por um conjunto de tarefas que até aí não estava, e portanto me obrigava a dar resposta, não é?” (Carlota)

“Gostava de poder dedicar mais tempo à investigação, que era uma das coisas que eu gostava de fazer. Eu precisava de tempo livre e de tranquilidade, tempo contínuo e isso ainda não consegui.” (Isabel)

Estas últimas palavras da Isabel remetem-nos para a questão da especificidade do trabalho científico, da investigação. Não basta ter mais tempo, é preciso que esse tempo se imbua de qualidade. Ou seja, deve ser um tempo tranquilo e contínuo, não compatível, portanto, com a agitação inerente a quem tem de dividir o tempo em vários “pedaços” para dar resposta a várias solicitações. A tranquilidade e continuidade são assim os requisitos básicos indispensáveis à concentração que a investigação exige. Trata-se do tão desejado “tempo parado” de que nos falam os autores Ylijoki e Mäntylä¹⁰⁸, já referidos no capítulo 4 deste estudo. O que está em causa é precisamente esse tempo transcendente, intemporal, o tempo da reflexão.

A ausência do “tempo parado” remete-nos também para a questão da rentabilização do tempo. Paradoxalmente, apesar de existir a consciência de que esse tempo parado se imbui de características muito específicas, nomeadamente, do facto de não ser possível ser cronometrado, a verdade é que os professores tentam sempre agir de acordo com o tempo social dominante, o tempo linear, o tempo mensurável, porque é isso que o tempo institucional, do sub-sistema, que é a universidade, lhes solicita.

Esta forma de agir, de acordo com o que esperam de nós, traz para o discurso dos professores alguns sentimentos de culpa e o assumir de uma certa responsabilidade pelo facto de nem sempre conseguirem corresponder a essas expectativas. Tudo passa a ser uma questão de (in)capacidade para gerirem o tempo de forma adequada. Para

¹⁰⁸ Ver a obra: O.-Helena Ylijoki, et H. Mäntylä, (2003). “Conflicting Time Perspectives in Academic Work”, *Time and Society*, 12(1)

alguns professores trata-se, inclusive, de uma questão de falta de prática, de falta de experiência, que, mais uma vez, com muito esforço, acreditam que irão conseguir no futuro “rentabilizar” melhor o tempo.

Isabel considera que a eficácia ao nível da gestão do tempo aumenta com o passar dos anos, ou melhor com a experiência. Ou seja, ela coloca o problema em termos de falta de treino, ou seja, de falta de organização da sua parte. Assim transfere o que poderia corresponder a um constrangimento externo, organizacional, para o foro comportamental, interno, subjectivo, individual. Além disso as suas palavras reflectem uma concepção linear do tempo marcado (também referido pelos autores acima identificados), na medida em que deixa transparecer uma expectativa/esperança de mudança/transformação no futuro, tornando assim o presente menos penoso.

“Eu penso que tem a ver com o período de adaptação e tentar gerir o tempo de outra forma, sim. Depois de uns anos a fazer as mesmas coisas a eficácia aumenta. Eu penso que em parte é um problema essencialmente meu, porque há uma parte do meu tempo que eu deveria ser capaz de gerir melhor (...) Se programo duas tardes livres para ficar em casa a fazer investigação, acaba por ser meia tarde, porque a outra parte fico aqui a terminar qualquer coisa no computador. Mas é um problema, eu acho, de treino, não é? De eu conseguir organizar-me melhor”. (Isabel)

Perante estes dilemas ao nível da relação que estabelecem com o tempo, a grande preocupação dos professores auxiliares é, como tem sido algumas vezes já referido, ter esse tempo “parado” para fazer investigação, já que, inclusive, é esse tipo de “produção” que é valorizado no campo académico.

“A docência é aquilo que nos faz estar aqui, não é? Mas, de qualquer forma eu acho que nós temos... porque a docência não sai penalizada, não é? Porque nós temos de facto de cumprir e acho que nós conseguimos. Agora a investigação, essa é que é aquela que é penalizada. (...) Até porque, quer queiramos quer não repare, em termos de progressão na carreira é isso que conta. Em termos de progressão na carreira ninguém nos vai depois, na altura certa, ninguém nos vai bater nas costas porque nós fomos exemplares com os alunos. (...) Nós não nos conseguimos repartir por mais de uma pessoa, nós somos uma pessoa, o dia tem xis horas, naturalmente nós não conseguimos nos desdobrar nem desdobrar o dia, não é? É impossível conciliar isso tudo.” (Sérgio)

Estas palavras remetem-nos para os constrangimentos à acção identificados por Giddens¹⁰⁹, na medida em que a impossibilidade do ser humano se desdobrar se relaciona com a própria natureza do corpo humano, a sua indivisibilidade e corporalidade, associada ao carácter escasso do tempo e à capacidade limitada dos seres humanos para realizarem mais de uma tarefa ao mesmo tempo.

A carreira académica é cheia de desafios que acabam por aliciar os seus membros no entanto as suas exigências não são de menosprezar, como nos diz Sérgio...

" (...) acaba por ser um sacrifício muito grande, a menos que haja uma paixão muito grande pelo ofício, caso contrário. Alias, eu digo às pessoas novas que chegam aos laboratórios "se vocês não tiverem paixão, não vale a pena entrar nesta profissão." Se não, daqui a alguns anos vêm que estão completamente absorvidas e não fazem mais nada. Eu ainda hoje, não faço mais nada! Passo doze horas por dia dedicado a isto e passo o dia com sentimento de culpa por não ter feito tudo o que deveria fazer..." (Sérgio)

Quadro VIII - Isotopia - O Que Mudou Com a Entrada na Categoria

APÓS ENTRADA NA CATEGORIA	ANTES DA ENTRADA NA CATEGORIA
Maior reconhecimento académico	Menor reconhecimento académico
Acesso a redes sociais internas à universidade	Isolamento relativamente a certas redes sociais internas à universidade
Maior envolvimento em actividades administrativas e de gestão (mais trabalho)	Menor envolvimento em actividades administrativas e de gestão (menos trabalho)
Menos tempo para dedicar à investigação	Mais tempo para dedicar à investigação
Decepção face às expectativas criadas relativamente à disponibilidade para investigar	Alcance das expectativas relativamente à disponibilidade para investigar
Menos tempo livre	Mais tempo livre

¹⁰⁹ Ver a obra: Antony Giddens (1991). *Modernidade e Identidade Pessoal /Modernity and self-identity*. Oeiras: Celta Editora.

5.2.1. Conclusões

A reflexão sobre a evolução na carreira, e de forma particular, a passagem a Professor Auxiliar, permite-nos chegar a duas grandes conclusões: por um lado, existem etapas no percurso académico que actuam como uma espécie de “ritual de passagem” para patamares superiores. A este nível o doutoramento imbui-se de um valor científico e simbólico muito importante na medida em que, só após a sua concretização, os professores são chamados aos lugares de poder dentro do sistema universitário, ou seja, adquirem autoridade científica para participarem na gestão da própria universidade. Por outro lado, concluímos que a forma como a universidade está organizada, o seu tempo institucional, não favorece o desenvolvimento da ciência e o melhoramento da vertente pedagógica, na medida em que os doutorados se vêem impelidos a exercer funções de carácter administrativo e de gestão que se reflectem na redução do tempo útil para a realização de investigação científica, reflectindo-se este facto na qualidade do ensino, na medida em que a actualização contínua de conhecimentos fica posta em causa.

Outro lado da questão, prende-se com as expectativas que os professores auxiliares possuíam relativamente ao pós-doutoramento. A este nível o esperado era mesmo o acréscimo de tempo para fazerem a “sua própria investigação”, para continuarem a aprofundar os conhecimentos adquiridos com o doutoramento e mestrado, ou explorar novos conhecimentos. Estas foram as expectativas transversalmente verbalizadas, nos discursos analisados. Esperavam, portanto, uma diminuição da pressão que então viviam em termos de prazos a cumprir e, consequentemente, terem mais tempo livre para a família, amigos e, bastante referido, terem mais tempo para si próprios.

A entrada na categoria de professor auxiliar trouxe alguma tranquilidade ao nível de maior estabilidade profissional (ainda que não definitivamente garantida), mais segurança, portanto, mais poder de decisão e autonomia. No dia a dia dos professores estas mudanças reflectem-se no aumento real do volume de trabalho; pelo facto de terem o acréscimo das funções de gestão, na diversidade de tarefas que passam a ter em mãos e, consequentemente, no decréscimo do tempo para fazer investigação e na

diminuição do tempo livre, o que gera sentimentos de desânimo e insatisfação, nos professores auxiliares, por referência às expectativas criadas.

5.3. Discursos do(s) tempo(s) sentido(s)

5.3.1. - A sobreposição de tempos e a disciplina

"O tempo é um recurso escasso. É um dos recursos mais escassos que existe, e é daqueles recursos que não são elásticos. A gente pode juntar recursos físicos, financeiros, e acumular. O tempo não se acumula, porque não dá para guardar de hoje para amanhã."

(Jorge)

Tal como referimos no segundo capítulo deste trabalho, podemos dizer que através da análise social do tempo conseguimos encontrar indicadores de comportamentos diferenciados, por parte dos actores sociais. A forte ligação que existe entre as relações que os indivíduos estabelecem com o tempo e as suas formas de estar e de ser remete-nos para o que Bourdieu¹¹⁰ apelidou de "jogos simbólicos de distinção", que se desenvolvem com base numa visão dualizada do tempo, separando assim o tempo livre (que poderá não corresponder propriamente ao tempo de lazer) do tempo de trabalho.

Entendemos que esta dualidade pode ajudar-nos a orientar a análise das percepções e usos do tempo. De facto quando questionamos o "ter tempo suficiente para..." estamos implicitamente a referirmo-nos a essa dualidade. A questão sobre o que fazemos durante o tempo de trabalho e que tempo nos "resta" para as outras esferas da vida, pressupõe, por si só, essa dualidade.

Sobre este assunto temos a referir que da análise das entrevistas sobressai uma grande evidência: não existe um único discurso que não transmita a sensação de escassez do tempo livre por contraposição ao excesso de tempo de trabalho. Assim, as entrevistas vão no sentido do que a maioria dos professores apelida de uma má relação com o tempo, que passa pela dificuldade em geri-lo adequadamente.

¹¹⁰ Ver a obra: Pierre Bourdieu, *op cit*

Henrique fala espontaneamente em “gestão” do tempo e na sua dificuldade em usá-la a seu favor. Ao longo do seu discurso encontramos muitos conceitos que nos redireccionam para sentimentos de desconforto e até de alguma culpa pelo facto de não conseguir apropriar o tempo como desejava.

“Em relação à minha gestão de tempo, a minha gestão de tempo realmente está horrorosa (...) como não tinha tempo para nada comecei a acumular as coisas e esta é a pior maneira possível de administrar as coisas, por não ter tempo, empilhar o trabalho para mais tarde. (Henrique)”

E continua, referindo a importância que assume o ser capaz de dizer “não” às solicitações que lhe surgem:

“O que eu sinto é que ando saturado, ando cansado porque há sempre coisinhas, então as coisas vão ficando sempre para a última hora. Mas saber dizer não às coisas, saber adiar as coisas ou saber não pegar nas coisas é uma atitude importante. (...) Normalmente é muito raro o dia de sair às cinco e meia, normalmente saio às sete e meia, oito e meia, nove horas. Ainda levo trabalho para fazer em casa e em casa você ainda está pensando nas coisas que tem de fazer e... anota e...” (Henrique)”

Henrique focou aspectos fundamentais para entendermos a relação que se pode estabelecer com o tempo no contexto da carreira académica e, não menos importante, num contexto de flexibilidade de horários. Por um lado, a dificuldade em gerir o tempo, por outro, a dificuldade em contrariar as expectativas que depositam nos professores auxiliares. Esta necessidade (e incapacidade) de saber dizer “chega”, “não assumo essa tarefa”, é algo referido por vários professores auxiliares nas entrevistas realizadas. É como se o facto da aquisição de autoridade científica, adquirida com o doutoramento e com a entrada na categoria actual, não “permitisse” esse tipo de desvio relativamente ao esperado pelos pares. Como vimos no ponto anterior deste capítulo, os professores que estão em fases superiores da carreira já não assumem, com tanta frequência, as funções de carácter administrativo e burocrático. Trata-se, no fundo, de uma certa violência simbólica exercida sobre os professores auxiliares, que se sente de facto nos seus quotidianos.

As palavras de Alice vão também no sentido da necessidade de recusar mais trabalho...

" (...) A sério., realmente tem sido exageradamente (o trabalho). Mas custa-me um bocado ver às vezes algumas iniciativas, alguns projectos que são interessantes, que vale a pena pegar e dizer que não, que não, que não. É... acho que se deve fazer, não é? Há coisas que eu digo assim: a gente tem que pegar nelas também, não é? Daí estar mais susceptível ao sim do que propriamente ao não, mas tenho consciência que às vezes dizer não, não era nada mau". (Alice)

E continua...

" (...) de há uns tempos para cá ando a dormir uma média de quatro e cinco horas, já há muito tempo, já há meses. Não me pergunte como é que aguento porque eu não sei como é que aguento. Só sei que quando chego a um sítio mais confortável adormeço completamente, em qualquer hora do dia". (...) Além de ter uma carga horária extremamente elevada, não é só licenciaturas mas tenho também os mestrados. Os mestrados recaem sobre nós, ehm... tenho muitos cargos de gestão que me obrigam a ter, de facto, uma carga horária extremamente elevada". (Alice)

Para além da diminuição do tempo livre verifica-se a sobreposição de tempos, sendo que o tempo de trabalho é transportado para o foro da vida privada, ou seja, para o "dito" tempo livre, no qual se incluem os tempos mais desejados: o "tempo para a família" e o "tempo para si". Neste "tempo para si" cabem todas as actividades que de facto nos dão prazer, como nos diz Alexandra,

"Ah, meu Deus, tanta coisa...mal me lembro do meu aniversário. (risos) (...) Tratar-me bem, não quer dizer...sei lá...ler um livro, passear... isso é o que eu não faço em absoluto, percebe? (...) praticamente não leio nada que não seja científico (...) ando sempre com os cabelos assim..."(Alexandra)

Relativamente ao tempo para a família, Alexandra refere que tem muitas vezes a sensação de que deveria estar com a família quando está a trabalhar e vice-versa. Menciona ainda com alguma preocupação, a importância da sua agenda como factor disciplinador dos seus dias, ao ponto de ter necessidade de incluir nela um filme que tem que ver com a filha ou uma exposição, ou seja, a vida familiar/pessoal, cronometrando-a ao máximo, surgindo assim a planificação como tática de gestão do controlo do tempo.

Muitos dos constrangimentos sentidos pelos professores auxiliares prendem-se também com a própria especificidade do trabalho que exercem, com o que referimos

anteriormente como a temporalidade do conhecimento. Aqui entra a questão dos horários de trabalho que predominam no "tempo social", no "tempo do mundo". Ou seja, apesar dos professores universitários não possuírem o horário pré-estabelecido, com excepção dos períodos de aulas e dos tempos marcados (referente às reuniões e algumas outras tarefas do foro administrativo e de gestão) a verdade é que sentem a necessidade de imporem a eles próprios um horário, para que actue como um esquema disciplinante.

No entanto, (como nos alertou Carlos Bruni¹¹¹, e Giannotti¹¹², anteriormente referidos neste trabalho) a tentativa de estabelecer, e de cumprir, um horário mais ou menos rígido, esbarra com o facto do trabalho de investigação e escrita, não estar submetido às mesmas determinantes do trabalho manual. O trabalho intelectual não é compatível com a serielização e com a previsibilidade de uma forma tão precisa como no trabalho manual, porque possui a componente da reflexão.

Trata-se, antes de mais, de assumirmos que o trabalho intelectual se imbui de um carácter criador, autónomo e crítico, ou seja com determinantes do foro subjectivo: gosto pelo trabalho, pela descoberta, pelo desafio e pela sensação de liberdade. Ou seja, trata-se de um trabalho que exige o "tempo parado", aquele tempo intemporal, o tempo da reflexão. As seguintes palavras ilustram bem este dilema.

"o horário que me obriga a sair às seis da tarde e ir para casa, não me desagrada. Agora, se eu precisar de sair às três da tarde para ir ali, é claro que me agrada poder ir. Agora o porquê que também não me agrada às 6 da tarde, ir para casa? Porque é incompatível a pessoa ter uma paixão pelo que está a fazer e ter um horário fixo, está a perceber? Porque é incompatível... porque se eu estou toda entusiasmada, por exemplo: a rapariga vai fazer isto e eu quero corrigir, eu sou capaz de às 6 toca o relógio e eu dizer: olha... tchau, agora passo o meu entusiasmo a corrigir para amanhã de manhã (...) ou a pessoa diz: "estou ansiosa que chegue às seis", ou então diz. "eh pá, quero lá saber que chegue às seis agora estou a ver isto". (Alexandra)

¹¹¹ Ver a obra: J. C. Bruni, (1991). "Tempo e trabalho intelectual". in *Tempo Social - Revista de Sociologia da USP* (São Paulo, 3 (1-2).

¹¹² Ver a obra: J. Artur Giannotti, (1986), *A universidade em ritmo de barbárie*. São Paulo, Brasiliense.

Como nos diz Francisco e Beatriz, ainda acerca da questão do trabalho científico,

" (...) há fases muito diversas: há fases de leitura, há fases em que as ideias ainda estão a amadurecer e não vale a pena escrever para depois deitar fora. Portanto, há fases muito diferentes e não tenho regras em relação a isso."

E Beatriz diz-nos que existe um fio condutor do trabalho intelectual que pressupõe alguma continuidade no tempo e que, por isso, não se pode pensar na separação semana/fim-de-semana, ou dia útil ou dia de lazer...

" (...) há um fio condutor que está a funcionar quer seja domingo, sábado, ou seja lá o que for, aquilo tem que ir e tem de se chegar até ao final e só depois é que se pára! Se parar quarta ou quinta feira, pronto!" (Beatriz)

Como nos diz Delamont¹¹³ a vida e a cultura académica estão, de facto, dependentes do investimento de tempo. Na mesma linha de Bourdieu reconhece-se que a escassez de tempo relaciona-se com as relações de poder e sobretudo com o dilema entre o tempo disponível para realizar determinadas actividades e o tempo necessário para dar resposta às necessidades individuais.

A noção da irreversibilidade do tempo está presente nos discursos dos professores, por isso preferem dizer, ou sentem, que o "usam" em vez de dizer que o "gastam". Usa-se, precisamente porque se trata de um recurso que... não é elástico.

" (...) o tempo é um recurso escasso. É um dos recursos mais escassos que existem, e é daqueles recursos que não são elásticos. A gente pode juntar recursos físicos, financeiros e acumular. O tempo não se acumula porque não dá para guardar de hoje para amanhã." (Jorge)

Assim para o Jorge o tempo usa-se... e isso tem a ver também com a finitude da vida humana.

"Usa-se o tempo, o tempo vai passando. Há medidas de tempo que são claros – todos nós temos uma determinada esperança de vida – evidentemente que esse é um recurso precioso que nós temos, talvez o principal recurso, não é? Mas ele não é elástico. Por muito que a ciência avance a nossa

¹¹³ Ver a obra: S. Delamont, Paul Atkinson, (2001). "Doctoring uncertainty: mastering craft knowledge". *Social Studies of Science* 31 (1).

esperança de vida nunca poderá vir a alterar-se substancialmente. Portanto, eu diria que é dos recursos mais preciosos e mais escassos que existem, não é? (...) no sentido de que tem valor. Pode é não ter um valor monetário, não é? Pode ter um económico, mas é de natureza psicológica.”(Jorge)

Na mesma linha da ética protestante de que nos falou Weber¹¹⁴, podemos afirmar que ainda hoje, e precisamente porque se esgota, o tempo não deve ser gasto, ou seja, não deve ser desperdiçado. Deve, isso sim, ser rentabilizado, ser usado utilmente, ser aproveitado! É com base neste pressuposto que se verifica a permissividade de interpenetração e de transposição dos tempos de trabalho e dos tempos livres, pois que até o lazer tende a ser organizado de forma similar ao trabalho, porque é sempre planeado, calculado, subdividido, cronometrado, como nos diz a Alexandra:

“Olhe, eu vou dizer-lhe uma coisa, a mim o que me assusta muito no evoluir da minha vida é que se eu disser... por exemplo assim: tenho que ir com a Íris ver o filme tal, ou era melhor para ela irmos ver uma exposição e tal, isso, vir em matéria da minha agenda (...) No ponto da minha agenda, está a perceber? Eu falo porque está na minha agenda. Tem que ser, tudo cronometrado, não há aquele tempo em que eu realmente escolho esse tempo, que eu acho isso importante.”(Alexandra)

São estes pressupostos que justificam e, em certa medida, legitimam o facto de se levar trabalho para realizar à noite em casa e aos fins-de-semana, legitimando também o prolongamento do horário de trabalho para além, até, do que está socialmente estabelecido como sendo o tempo social dominante inerte aos subsistemas institucionais.

A noção de que o tempo é recuperável pelo seu esforço acrescido, pela abdicação do seu tempo de lazer é uma constante no discurso de Alice. A sobreposição de tempos também está presente na vivência do seu dia a dia, na medida em que, como ela própria diz, tem muitas coisas em mão ao mesmo tempo e também porque Alice não consegue facilmente “desprender-se” no seu trabalho profissional nos tempos que diz serem “seus”. É o exemplo dos momentos em que está com a família e sente que está “sem fazer nada”, tendo a noção que lhe vai “pesar” a seguir e que vai ter de “recuperar” esse tempo.

¹¹⁴ Ver a obra: Max Weber (1905). *L'Éthique protestante et l'esprit du capitalisme*. Paris: Plon.

"Às vezes vou a casa da minha mãe, tento fazer isso com alguma frequência e penso assim estou aqui sem fazer nada, estou aqui a conversar e devia estar a fazer isto e isto e isto. E tenho a plena consciência que me vai pesar a seguir, ou seja, que depois estou... eu sou do tipo se tenho que fazer ABC tenho que arranjar maneira de o fazer e acabo por fazer." (Alice)

E porque as singularidades são igualmente relevantes, ficam as palavras de Henrique que, ao contrário dos outros colegas que reforçaram mais a ideia de sentirem remorsos ou sentimentos de culpa por estarem com a família ou em tempo de lazer e não a trabalhar, Henrique salienta que com ele acontece precisamente o contrário...

" (...) acontece mais ao contrário, eu estar por exemplo aqui às oito horas numa sexta-feira e achar que eu devia estar era me divertindo ... muitas vezes eu saio daqui e lembro-me disso e...às vezes saio daqui às nove e meia da noite e a quantidade de carros na rua... as pessoas não estão vindo do trabalho estão se divertindo...e tal... eu acho que quem quer isto aqui é realmente para quem... quem tem um curso superior e ganha mais por isso não pode ter um horário fixo, se tem trabalho faz se não tem não faz..." (Henrique)

Assim, os dias socialmente estabelecidos como destinados ao lazer vêm-se preenchidos por tarefas do foro profissional, criando sentimentos de culpa, ansiedade, cansaço e desânimo. Os fins de semana de Alice, tal como da maioria dos professores entrevistados, são, maioritariamente, dedicados ao trabalho... o Domingo "não existe" enquanto tempo de lazer, o Sábado, esse foi apropriado como "seu" por Alice, em contraposição a um tempo dedicado ao trabalho que seria um tempo exterior a si própria e que ainda assim consegue penetrar nesse "seu" Sábado, porque quando chega a casa Alice não resiste à responsabilidade profissional e trabalha durante a noite, para "recuperar". E nas manhãs de Sábado tem de dar aulas de mestrado. Mesmo no tempo livre vê-se solicitada pela família, com a qual Alice partilha parte do Sábado.

"Os fins-de-semana, habitualmente, passam a trabalhar. O Domingo, para mim, não existe. É um dia como outro qualquer. Ou antes, o Domingo aproveito para dormir um bocadinho de manhã porque de facto preciso de dormir, não é? Para dormir um bocadinho, mas mesmo assim nunca é muito porque uma pessoa quando lhe apetece dormir é quando tem de se levantar. Quando posso estar um bocadinho mais... (...) nem que eu diga: ficas aqui mais meia hora, podes ficar. Não consigo. Porque viro para aqui, viro para acolá e levanto-me e acabo por não estar o tempo que podia estar. Mas em termos de ocupação do tempo tento aproveitar um bocadinho para descansar

na parte de manhã. Até porque não gosto do Domingo, há muita gente cá fora e pronto, acho que se uma pessoa sair de casa acaba por vir mais chateada, mais cansada. No sábado, com alguma frequência, de há um tempo para cá, são meus, são meus. (...) são meus, para sair, etc. Mas depois quando chego acabo por... estou até às três, quatro da manhã." (Alice)

As representações sociais que se tem dos dias da semana é também um aspecto importante a ter em consideração, na medida em que nos ajuda a perceber a forma como sentem a relação entre o trabalho e o lazer, se opusermos, por uma questão estritamente analítica, a semana ao fim de semana, e a obrigação ao prazer, respectivamente. Uma opinião comum emerge da análise dos discursos e prende-se com a representação positiva do Sábado, por oposição a uma representação negativa, ou pelo menos pouco aprazível, do Domingo. As palavras seguintes revelam-nos o porquê desta preferência pelo sábado.

"Acho que dentro do fim-de-semana (é engraçado!) prefiro o sábado ao domingo. Acho que o sábado rende mais para descansar, porque o domingo... Não sei, eu penso que isso tem também um bocado influência... Diz o meu marido que: «o domingo, a partir do meio da tarde acabou!». Tem de começar a concentrar-se para o trabalho e, portanto, poucas vezes conseguimos fazer qualquer coisa ao final da tarde de domingo, porque ele tem de começar a preparar a semana." (Beatriz)

Jorge partilha a mesma opinião...

"Sábado é o meu dia preferido da semana porque é o dia em que eu, se calhar faço a transição e que eu dedico um pouco mais aos hobbies, mas também não deixo de me dedicar a alguns aspectos da profissão, se calhar, aqueles que eu gosto também." (Beatriz)

Em contrapartida o Domingo...

" (...) se me permite, um dos dias que eu menos gosto é o Domingo. (...) Não lhe sei explicar bem porquê (...) olhe, no Domingo há algum desperdício de tempo, não se pode aproveitar o tempo, fazer algumas coisas que, se calhar, dava jeito fazer..., por exemplo não há comércio." (Jorge)

"Naturalmente... tenho aulas à Segunda, preparo-as ao Domingo! Podia prepará-las antes, mas não. (...) Não é que seja um dia como outro qualquer, mas é um dia que tem de ser aproveitado." (Francisco)

" (...) ao Sábado tenho aulas até à uma da tarde, de mestrado. Ao Sábado tenho mesmo... na parte da tarde aproveito com alguma frequência, isso de há um tempo para cá, preciso de tempo meu. Meu e não só meu, naturalmente, a família. (referindo-se ao que a família diz) "Nunca estás disponível, nunca estás disponível" e acabo por ter essas solicitações. Ehm... mas, naturalmente, que quando chego depois acabo por recuperar." (Alice)

Beatriz tem a consciência que não pode prejudicar a família pela falta de tempo que sente. Assim, opta por tentar fazer um pouco ambas as coisas, por um lado, acompanha a família ao fim de semana, por outro aproveita os "bocadinhos" para fazer qualquer coisa a nível do seu trabalho profissional. E assim, é a única forma que Beatriz encontra para não sentir remorsos por não estar a fazer outra coisa, noutra local.

" (...) porque a família também não pode sofrer por causa disso e, muitas vezes, até tendo algumas coisas que até sei que precisava de fazer, chega a sábado de manhã, faço saco para mim e para o meu marido e ala para fora de casa! Nem que seja aqui a dois passos, mas metemo-nos num sítio qualquer fora de casa, porque dentro de casa uma pessoa já sabe que acaba por ir sentar-se ao computador para fazer umas coisas. Muitas vezes, quando é isso e tenho coisas que quero avançar, levo comigo, mas nessa altura não tenho remorsos, porque não tenho o sentimento de ir prejudicar o fim-de-semana por causa disso, sei lá: tenho testes para corrigir, tenho trabalhos dos alunos para ver, meto-os numa pasta e... Muitas vezes, de Inverno, vamos passar fins de semana para a praia, - para um hotel à beira mar, de onde se possa ver o mar - e enquanto se podia estar sentada a ler um livro ou um romance, não leio! Leio os trabalhos dos alunos! Ele lê o livro dele ou o Jornal, portanto, não tenho a sensação de estar a privá-lo de uma companhia, nem a deixá-lo ficar sozinho, nem a privá-lo de estar num sítio diferente de estar em casa! Pronto, eu isso tento fazer (...)" (Beatriz)

Estas últimas palavras revelam a acessibilidade dos diferentes tempos, a sobreposição dos mesmos e o sentimento de culpa, já aqui referido, que parece ser uma constante no dia-a-dia destes profissionais. No fundo, Beatriz está com a família, em termos físicos, mas não está, ao mesmo tempo. Está em presença, mas deslocada para um tempo que se transforma num tempo de desempenho profissional, esteja ela num hotel, na sua casa, ou numa esplanada perto da praia. O não conseguir "desligar" do trabalho nos tempos que seriam para si, para a família, para o lazer.

Apesar da enorme dificuldade em se conseguir “separar os tempos”, os professores auxiliares foram unânicos ao referir a necessidade que sentem em alterar essa situação. No entanto, reconhecem que o tipo de profissão que têm, com as especificidades inerentes a algumas tarefas, justifica, em certa medida, a referida flexibilidade com as respectivas consequências.

Outro aspecto muito importante inerente à especificidade desta profissão relaciona-se com o facto de, quando se trabalhar com prazer, termos tendência a transportar essa fonte de prazer para outros espaços e para outros tempos que não os tempos e espaços institucionais. Como nos diz Jorge, as fronteiras entre o que podemos considerar trabalho ou lazer nem sempre são nítidas.

“ (...) Posso estar a ler um artigo como mero lazer, não é? Muitas vezes essa fronteira não é clara, mas julgo que, cada vez mais, tenho tentado isso, ser produtivo durante a semana, o mais produtivo possível, para ter também outro tipo de actividades mais desligadas da actividade principal, ao fim-de-semana.” (Beatriz)

Uma das formas encontradas para fazer face a estes problemas de alocação do tempo passa pela planificação dos dias e das semanas. Uns preferem planear por objectivos, outros vão ao pormenor de dividir as tarefas pelo tempo de uma forma mais rígida, outros ainda só registam na sua agenda o trabalho que envolve compromissos com outras pessoas... outros fazem apenas um plano mental antes do início da semana... ou então escrevem, como alguém disse, em papelinhos, o que têm para fazer nesse dia. A verdade é que todos os professores referiram a necessidade de planear, de estabelecerem metas e objectivos, para se auto-disciplinarem melhor.

Contudo, pelos motivos já expostos, a existência de uma agenda na qual estão registadas as tarefas a desenvolver, quando, onde, e com quem.... não se revela condição suficiente para que os planos sejam sempre cumpridos.

“Por norma consigo [cumprir o planeado], mas há determinados aspectos que vão “desligando” na agenda e que, por um motivo ou por outro, vão-se adiando dias e alguns que não são assim tão poucos, quanto isso, podem “desligar” mesmo algumas semanas. (...) Essa situação de eu, na minha agenda, tomar nota de pequenas coisas que tenha para fazer, é uma rotina que me faz falta senão

algumas das pequenas coisas, que parecem de tal forma insignificantes, não são feitas. Não são feitas e, como é evidente, a cabeça não lembra tudo e perde-se produtividade." (Jorge)

O cumprimento dos prazos torna-se ainda mais difícil quando a execução das tarefas não depende só de nós, da nossa capacidade auto-organizativa, como nos diz Giddens¹¹⁵ os indivíduos movem-se pelo tempo-espço, encontram-se em situações e abrangem grupos. Quando falamos do impedimento de realização de uma tarefa dentro dos prazos estabelecidos porque essa função não nos cabe só a nós, mas a uma equipa de profissionais, estamos a falar do constrangimento sobre a actividade humana que Giddens identificou como os constrangimentos de ligação, que condicionam precisamente as actividades que são empreendidas por outros.

" (...) muitas vezes, as coisas saem um bocado "furadas". Realmente, às vezes é um bocado difícil planificar, principalmente quando há muitas coisas. Então agora com o trabalho de investigação! Sei lá, às vezes uma pessoa trabalha com equipas e, às vezes torna-se complicado. Aquele trabalho que tem a ver comigo, pronto, normalmente tenho cuidado em planeá-lo (não precisa de ser por escrito!) e estar bem esquematizado na minha cabeça o que vai ser feito, como, etc." (Beatriz)

" (...) é assim, com alguma frequência, mais do que a desejável vejo-me obrigado a reconhecer que não cumpro o que tinha planeado. Contudo, eu tenho os meus dias todos planeados. Nunca os planeio da mesma forma, sobretudo nunca os planeio com o mesmo conteúdo. Conto a inestimável agenda do meu telemóvel..." (Nuno)

E assim as coisas vão-se gerindo...

"Mas como tenho muita coisa em simultâneo tenho que fazer planeamento mesmo, senão acabo por ter um descontrolo total. Eu tenho muitas coisas em mãos. Acabo por ter de gerir bem. Tenho que dizer assim: o meu dia é este, o que é que eu vou fazer? E depois, vejo as prioridades. O que está em primeiro lugar e tento criar a prioridade em relação àquele trabalho em concreto, não é? E as coisas vão-se gerindo." (Alice)

¹¹⁵ Ver a obra: A. Giddens, *op cit*

Quadro IX - Isotopia - Tempo de Trabalho/Tempo livre

MUITO TRABALHO	POUCO TRABALHO
Tarefas diversificadas	Tarefas não diversificadas
Faz planos de trabalho /usa agenda	Não faz planos de trabalho/não usa agenda
Trabalha muitas horas	Trabalha poucas horas
Sente que o tempo passa depressa	Não sente que o tempo passa depressa
Dedica frequentemente fins-de-semana e feriados ao trabalho	Não dedica frequentemente fins-de-semana e feriados ao trabalho
Sentimento frequente de que deveria estar a fazer outra coisa noutra local.(remorsos)	Não existe o sentimento frequente de que deveria estar a fazer outra coisa noutra local (remorsos)
Abdica muito da vida pessoal/familiar em função da profissão	Não abdica muito da vida pessoal/familiar em favor da profissão
Pouco tempo livre	Muito tempo livre

5.3.2. A temporalidade do espaço e a espacialidade do tempo

" (...) quem fez estes gabinetes pensados só para uma pessoa ou então deveriam ter consultado um antropólogo para perceber qual a distância por nós aceitável, na nossa cultura, para estarmos, frente a frente a trabalhar... é preciso desenvolvermos uma relação muito íntima com os colegas do mesmo gabinete para depois partilharmos espaços."

(Nuno)

Como vimos anteriormente os professores vêem-se obrigados, pelos motivos já aqui explorados, a trabalhar depois do horário de trabalho dito "normal", sendo também um facto que, para além disso, ainda se vêm obrigados a levar trabalho para casa para executarem à noite e aos fins de semana. A casa surge assim como que um prolongamento do espaço que é a universidade, ou melhor, o gabinete de trabalho destes profissionais. Uma vez que o trabalho inerente à carreira universitária é caracterizado por picos de trabalho intenso, por fases diversificadas em termos de tarefas a desempenhar e por um conjunto de actividades de cariz intelectual/reflexivo, a escolha do espaço para trabalhar constitui-se como um factor fundamental ao nível da qualidade do trabalho desenvolvido e da própria gestão do tempo. É neste contexto que a casa surge como alternativa ao espaço que os professores têm na universidade para trabalhar: os seus gabinetes. Como vimos anteriormente, uma das desvantagens da profissão assinaladas pelos professores é, precisamente, a falta de condições para

desenvolverem o seu trabalho na universidade, com a qualidade desejável e num período de tempo adequado. Assim, naqueles dias em que as tarefas a realizar exigem mais concentração, como escrever artigos, preparar comunicações para apresentação em seminários, corrigir exames, etc., os professores preferem, maioritariamente, ficar em casa a trabalhar. Os discursos que se seguem ilustram bem esta realidade.

"Raramente trabalho aqui. Só cá estou quando falo atendimento aos alunos e quando tenho reuniões. (...) Efectivamente aqui tenho piores condições de trabalho, muito piores. Nós há bocado precisávamos de um gabinete e não dava, não é?! (...) Por proximidade física, quem fez estes gabinetes deveria ter pensado só para uma pessoa ou então deveriam ter consultado um antropólogo para perceber qual a distância por nós aceitável, na nossa cultura, para estarmos, frente a frente a trabalhar... é preciso desenvolvermos uma relação muito íntima com os colegas do mesmo gabinete para depois partilharmos espaços." (Nuno)

E continua dizendo que...

" (...) eu nos últimos tempos tenho vindo para cá à noite corrigir provas, para tratar de expediente ligado à direcção do curso e sinto também uma necessidade de ouvir música, então pensei: «vou trazer para aqui o meu mini HFI». Mas depois olhei para o espaço e pensei: «mas este espaço não é meu, não está decorado como eu gostaria, não me identifico com ele... (...) não, é preferível continuar a vir cá esporadicamente, de preferência à noite, mas sem vincular-me ao espaço." (Nuno)

Teresa recorda o tempo em que estava equiparada a bolseira para fazer o seu doutoramento, ou seja, o tempo em que não tinha mesmo que ir à universidade para trabalhar, porque estava dispensada de dar aulas. Sobre esse tempo ela diz-nos que optou por trabalhar essencialmente em casa fazendo um horário de acordo com o horário escolar dos seus filhos. Nas tardes em que os filhos estavam com ela em casa, Teresa escolhia tarefas de trabalho que fossem compatíveis com as solicitações constantes por parte deles. Ou seja, tarefas que exigem mais concentração, até porque ela dava apoio aos filhos nos deveres escolares, ao mesmo tempo que trabalhava no seu doutoramento. Como ela diz:

"Trabalhar em casa, essencialmente e fazer um horário muito de acordo com o horário escolar dos meus filhos. Isto é, na tarde que eles estavam os dois em casa, eu tinha que dar algum apoio em termos de deveres, eu também destinava para essa tarde, por exemplo, escrever no computador

notas que já tinha escrito à mão, fazer um trabalho (...) mais compatível com «mamã ajuda-me, mamã não sei quê...». De maneira que as manhãs rendiam-me bastante porque eles tinham horários de manhã. Portanto, tipo 8:15h eu estava sentadinha a trabalhar.» (Teresa)

Repare-se na alusão ao carácter “rentável” do tempo - “as manhãs rendiam-me bastante” - associado à ausência dos filhos em casa durante as horas em que Teresa devia estar a trabalhar no seu doutoramento. Ou seja, a vida familiar, sobretudo a existência das crianças, condicionava assim a forma como Teresa geria o seu tempo. Por esse motivo, não recorria à noite para trabalhar porque sabia que no dia seguinte não podia ficar a dormir, porque tinha que levar os filhos à escola. No entanto, Teresa teve necessidade de se isolar da vida familiar uma ou duas vezes, deixando as crianças com os avós e de ir para um sítio “calmo”, onde não houvesse interrupção nem solicitação que não os inerentes à sua tese de doutoramento.

“Eu podia recorrer às noites, às vezes à noite até me estava a render mas eu sabia que tinha que deitar-me porque no outro dia não podia ficar a dormir. Tinha duas crianças que tinha que pôr na escola. Portanto, tinha que, de certo modo.... Quando foi o arranque, o arranque da tese em que senti que precisava de acabar tudo e então numas férias da Páscoa, essencialmente nas férias da Páscoa, punha as crianças nos avós e ia com outra colega para um sítio, nunca foi mais do que oito dias, em que pudéssemos ter o nosso ritmo, deitarmo-nos quando nos apetecia e quando não nos apetecia, sem ter a rigidez dos horários dos miúdos. (...) um sítio calmo (...) a que tínhamos todo o tempo do mundo. Se não nos apetecesse almoçar não almoçávamos.” (Teresa)

Actualmente Teresa opta por trabalhar em casa, sempre que possível, como refere...

“ (...) acabo muitas vezes por ser interrompida [na universidade]. Depois eu não tenho gabinete só para mim. Partilho o meu gabinete com outro colega. Portanto, mesmo quando... só há um telefone, só um telefone, isto é, muitas vezes o telefonema não é para mim, mas sou eu que levanto o telefone e interrompo e passo o telefone. Mesmo que não me distraia acabo sempre digamos por ouvir a conversa da colega, ter mais algumas distrações. De maneira que, prefiro trabalhar em casa.” (Teresa)

Beatriz, por sua vez, tanto trabalha em casa como na universidade. No entanto, refere que a maior parte das vezes trabalha em casa. Prefere trabalhar em sua casa porque aí ela tem as suas “coisas”, os seus livros, o seu bom computador e além de

tudo mais não tem de dividir o espaço de trabalho com mais três pessoas, como acontece no gabinete da universidade.

"Algumas coisas em casa, outras coisas na Universidade. Heee... a maior parte das coisas em casa, se calhar será a maior parte... Ora, porque, por exemplo, preparar aulas, claro que prefiro fazer em casa! Um dia que eu não tenha que ir a Braga é muito mais rentável. Eu tenho os meus livros aqui em casa, eu sei onde é que as coisas estão, eu tenho um skanner para digitalizar texto ou imagem (conforme o que precise). Tenho um computador que... felizmente, posso ter um bom computador, onde posso trabalhar, portanto, onde posso preparar aulas (quer seja acetatos para aulas, quer seja slides, quer seja filmes, que seja o que eu quiser). Portanto, eu ganho tempo se estiver aqui em casa! (...) Há coisas que têm de se fazer mesmo lá e, portanto, essas faço no computador. Embora, hipoteticamente, numa situação mais ou menos idealizada, a Universidade do Minho (e ouvirá muita gente dizer isso), cada Doutorado tem o seu gabinete para poder trabalhar, mas nós somos três num gabinete! E eu, precisamente por isso, optei por ter um computador portátil. Portanto, o computador que eu tinha, na minha secretária, começou a precisar de ser reformulado e, nessa altura, eu optei por um computador portátil precisamente por isso! (Beatriz)

Beatriz interrompe algumas vezes o seu trabalho, quando está em casa, para fazer outro tipo de tarefas relacionadas com a casa e a família.

" - E não acha que, pelo facto de trabalhar em casa, acaba por interromper o trabalho mais facilmente para fazer outras coisas?

- Acontece, acontece... Acontece muitas vezes...

(...) Se não tenho que ir para Braga, geralmente, em vez de me levantar às 6h.45, levanto-me às 7h.30 e, geralmente – entre arranjar, tomar o pequeno almoço, dar duas voltas, arrumar não sei o quê (aquelas coisas que diz que uma pessoa, já que está em casa, faz isso) – por volta das 8h.30, geralmente... Se tenho alguma coisa muito específicas para fazer, – sei lá, uma intervenção que vou ter de ir fazer a um congresso qualquer – pronto, geralmente, pelas 8h.30 estou ali sentada no computador ou, pelo menos, ali naquela sala à volta com papeis a ver como é que vou organizar as coisas. A empregada, geralmente, chega por volta das 9h.30 e, geralmente, entre 10h.00/ 10h.30 é altura em que eu já encaminhei as coisas, normalmente, interrompo para poder combinar coisas com ela, porque há coisas para combinar, não é?(Beatriz)

Para além dos aspectos relacionados com as melhores condições para trabalhar que os professores referem possuir em suas casas, Isabel acrescenta ainda que, por outro lado, sente que estando na universidade acaba por preencher o tempo com mais tarefas administrativas.

"Sempre que posso trabalho em casa. (...) Estou mais tranquila. Aqui no gabinete há sempre... eu tenho a impressão que na Universidade do Minho há mais tarefas administrativas! Se calhar também é porque agora, como sou Auxiliar tenho mais responsabilidades do que tinha quando era assistente na França. Quando estou cá acabo por fazer qualquer coisa do tipo administrativo." (Isabel)

Outro aspecto que merece a nossa atenção refere-se ao facto da maior parte dos professores que referiram que optam por trabalhar mais em casa argumentaram que o ideal seria poderem trabalhar na universidade, ou seja, a opção pela casa prende-se especificamente com as condicionantes atrás referidas. Porque, como nos diz o Hélder, muitos professores também concordam que o local de trabalho deve ser na universidade, até por questões da "imagem" que transparece para o exterior. Mais uma vez a temporalidade social dominante prevalece sobre a temporalidade do conhecimento de que falámos no segundo capítulo deste trabalho.

"Eu acho que também se nós trabalhamos para a universidade o nosso local de trabalho deve ser este. Até por uma questão também de imagem para o exterior. Se uma determinada câmara municipal ou uma empresa nos quer contactar sabe que nós temos um horário de trabalho e estamos lá. Se não... os professores nunca estão... não sabem onde é que eles andam. Quer dizer, claro que estes que não estão aqui estão a fazer trabalho de campo ou estão em casa a trabalhar. Mas acho que não contribui muito para ... (referindo-se à imagem que não se deve passar do professor). (Hélder)

Quadro 10 – Isotopia – A questão do Espaço

TRABALHAR EM CASA	TRABALHAR NA UNIVERSIDADE
Melhores condições físicas	Piores condições físicas
Mais tranquilidade	Menos tranquilidade
Menos interrupções	Mais interrupções
Distrai-se com tarefas do foro doméstico	Não se distrai com tarefas do foro doméstico
Não divide o espaço com ninguém	Divide o espaço com alguém
Opta por trabalhar em casa	Opta por não trabalhar em casa

5.3.3. O género e as estratégias de apropriação do tempo.

"Em geral, a mulher, talvez faça os dois investimentos [na carreira e na família] e sinta em ambas a perda."

(Carlota)

Recordando o contributo de Edward Hall¹¹⁶ no que se refere ao facto deste autor considerar que ao tempo/espço interior corresponde o tempo/espço feminino, por oposição ao masculino que se caracteriza pela exterioridade, podemos agora também afirmar que os discursos aqui em análise vão igualmente nesse sentido. Ou seja, apesar das mulheres que estão na carreira académica terem, como todas as mulheres que estão na esfera profissional, acedido ao tempo/espço exterior a verdade é que a esse facto não corresponde o abandono do espço/tempo interior. Na verdade, os professores entrevistados são unânimes em considerar que a mulher continua a assumir quer os papéis inerentes à esfera profissional, os relacionados com o mundo da produção, quer os papéis no interior do espço doméstico.

Este reconhecimento de que a mulher continua a ter um papel fundamental dentro da esfera familiar não significa necessariamente que a questão do género, por si só, seja motivo de discriminação dentro da carreira universitária. Sobre este aspecto, tanto as opiniões de professoras solteiras, como casadas, como ainda as opiniões dos colegas de género masculino, vão no sentido de que o que mais condiciona negativamente a carreira profissional é o ter ou não ter filhos, a partir daí, havendo filhos, pode-se então concluir que, de facto, a mulher sai mais penalizada.

Alice fala-nos enquanto mulher solteira, sem filhos...

"Naturalmente que se eu tivesse uma vida familiar diferente daquela que eu tenho, não é? Porque eu posso me dar ao luxo, entre aspas, de chegar a casa às nove horas da noite, nove e meia da noite. O horário normal do jantar é às dez, dez e meia. é o horário normal do jantar. Naturalmente que tendo uma vida pessoal diferente não iria ter esse horário a partir do momento em que há crianças. Evidentemente que uma pessoa, a esse nível, não tem a disponibilidade que, neste caso concreto, eu posso ter. Ou quem diz isso, por exemplo, a nossa actividade em termos de investigação, vamos

¹¹⁶ Ver a Obra: Edward Hall(1996). *A dança da vida: a outra dimensão do tempo*. Lisboa: Relógio d'Água.

para conferências, etc., implica deslocações ao exterior com alguma regularidade. Naturalmente há pessoas que têm mais facilidade do que outras. Se me disser as mulheres têm mais problemas que os homens. Tudo depende da pessoa. Há aquelas mulheres que o facto de ser mulher, o facto de ter a família em casa pode funcionar como condicionante e dizer eu estou disposta a ficar, não ir para fora, e há outras que não se importam e naturalmente têm alguém que as apoiam com certeza. Mas quer dizer, eu acho que o facto de ser mulher não impede. Depende muito de nós próprios. Não é o facto de ser mulher que vai prejudicar ou não vai prejudicar.” (Alice)

A nível do futuro, Alice manifesta claramente a vontade de pertencer a esse grupo das mulheres com filhos. Contudo, reconhece que isso a obrigará a mudar a sua forma de viver o trabalho, ou pelo menos, a forma como “abusa” no que concerne ao uso excessivo do seu tempo para o trabalho profissional. O abrandamento vai ser inevitável...

“Pretendo ter a minha vida naturalmente, não é? E isso é óbvio que vai ter outro tipo de exigências que não tem... até costumo dizer que se diz que é tarde quando se vê que é noite, mas digamos que é um lado que não quero por de lado, não. Não quero pôr de lado de maneira alguma. As pessoas não podem dizer que vai acontecer porque podem as coisas não penderem para esse lado. Mas sem dúvida que quero ter a minha vida familiar organizada. E naturalmente aí, em termos profissionais, há coisas que... eu não digo sair da actividade profissional, até porque eu não consigo. Repare, eu não tenho mesmo perfil, não tenho espírito de estar quieta, não me dá para estar quieta. E é evidente que isso vou continuar a manter. Agora é óbvio que o abuso que eu faço de mim recentemente não o farei nessa altura.” (Alice)

Hélder reconhece também que as coisas se complicam para as mulheres...

“ (...) As minhas colegas, pelo menos aqui a maior parte delas são casadas e não têm filhos, etc. Têm as mesmas possibilidades que eu e podem gerir o tempo da forma que quiserem. Aquelas que são casadas e têm filhos, aí acho que na sociedade em que vivemos acho que há uma certa diferença. É a mulher que vai buscar os filhos à escola, que cozinha mais que o homem... (...) a mulher tem muito mais um papel activo em casa do que o homem, não é? Quer dizer, não quer dizer que quando eu casar que faça isso, mas no geral acho que sim. Eu vejo isso pelas minhas colegas que muitas têm que ir embora às cinco da tarde porque têm que ir buscar os filhos depois têm que estar a fazer os deveres com os filhos, etc. e isso condiciona muito. Porque o horário em vez de ser das nove às sete é das nove às quatro e meia. E depois não podem trabalhar à noite e aos fins-de-semana também não e as coisas complicam.” (Hélder)

A expressão utilizado por Alexandra "Ocupar o espaço mental com duas profissões" remete-nos também para a questão da sobreposição de tempos, como ela própria diz... divide-se... entre o ser mãe e o "resto".

"Acho que é um facto de que os filhos estão muito mais nas costas das mães do que das dos pais. Quer dizer, eu nunca senti essa segregação no trabalho pelo facto de ser mulher ou homem (...) mas que realmente os lugares onde trabalho têm normalmente uma grande predominância de homens, isso é um facto. Mas isso eu acho que se deve a duas coisas: a mulher tem que ter uma disponibilidade para a família diferente da que tem que ter o homem e, por exemplo, no meu caso, o meu marido é absolutamente excepcional, quer dizer não é excepcional que é ele que vai cozinhar, não sei quê... não sei que mais... mas é uma pessoa que se eu dizer não posso sair, não reclama, fica, não se importa. Agora desde o momento em que eu entro em casa... (...) ele diz-me «olha que a miúda precisa de ver não sei quê» (...) Eu chego a casa e começo logo outra profissão (...) obviamente é diferente até porque eu tenho que ocupar o meu espaço mental com duas profissões. (...) Eu divido-me entre aqui e a minha tarefa de mãe e o resto não tenho tempo, e sinto pena."(Alexandra)

Para além desta explicação relacionada com a posse ou não de filhos, existe outra causa à qual atribuem a forma diferenciada com que as mulheres lidam com o tempo e que se relaciona com questões de ordem cultural, com os *habitus*. Nalguns discursos, a inclinação para a realização das tarefas domésticas, por exemplo, é considerada natural, precisamente pela força do *habitus* feminino que faz com as mulheres sejam mais facilmente atraídas, porque historicamente preparadas nesse sentido, para as tarefas da casa.

O trabalho de Alice, tal como acontece com todos os professores universitários, tem alturas, picos, de trabalho mais intenso. No entanto, mesmo nesses picos de trabalho mais intenso Alice reconhece que não consegue ignorar essas tarefas do foro doméstico. Considera isso como algo intrínseco a si mesma e à própria condição de ser "mulher" surgindo no seu discurso o recurso à expressão "Não é?" Que traduz a suposta cumplicidade entre ela e a entrevistadora, que também é mulher, e por isso "é suposto" saber disso.

"Eu acho que isso já faz parte de mim. Ainda que eu tenha testes para corrigir e saiba que têm de ser corrigidos nesses dois dias eu não consigo. Repare, se eu não fizer aquilo não estou bem comigo



mesma e acabo por nem faço uma nem faço outra. Eu acho que, de uma forma geral, a mulher não consegue desligar-se dessas tarefas, não é?" (Alice)

Apesar de ter empregada doméstica Alice tem necessidade de fazer alguma coisa relacionada com a casa, como ela diz, é uma espécie de desculpa ou de fuga que encontra para ela própria. Nesse aspecto considera que se diferencia dos homens.

"Eu faço isso, eu acho que é uma fuga que nós encontramos para nós próprios. Ou seja, eu estar a trabalhar e arranjar aquela desculpa de que tenho que fazer aquilo relacionado com a casa. E pronto, quando fico em casa mais tempo estou sempre a descobrir o que tenho que fazer." (Alice)

Comparando-se com os homens diz-nos ainda que...

"Eu acho que eles estão ali com o trabalho e é o trabalho e pouco se importam. Aquilo caiu ao chão, não faz mal. Depois apanha-se. Enquanto que nós não. Nós temos mais... sabemos que estamos a trabalhar e estamos concentrados no trabalho, mas, de repente lembramo-nos "espera aí" ainda não fiz isto ainda, ou ainda não fui à geladeira ver o que é que lá tinha, o que é que vou arranjar agora? Ou seja, há sempre alguma coisa que nos puxa para a casa." (Alice)

Na mesma linha de pensamento de Alice surge a o discurso de Isabel. Quando questionada sobre a sua opinião a respeito da influência do género na carreira académica, Isabel responde prontamente que não sente diferenças. No entanto, o seu discurso vai no sentido de que as mulheres têm mais trabalho mas por uma questão do foro cultural. Ou seja, na sua opinião, existem mais dificuldade para as mulheres do que para os homens, no entanto, isso não se atribui à instituição académica mas sim a uma questão cultural.

"Há uma dificuldade mas não vem da instituição académica. Vem do facto de eu... por exemplo, suponha que eu, por educação, tudo o que é tarefas de casa faço. Os meus colegas masculinos, ou bem que as fazem as namoradas ou bem... simplesmente não fazem. Isso significa um bocado menos de organização. Por exemplo, os meus colegas masculinos jantam quase sempre fora... é uma questão cultural. Eu não consigo, por exemplo aos sábados, desde o momento em que passo o dia a limpar, estou cansada mas estou descontraída. Nenhum dos meus colegas faz isso... Há pressão, mas não é uma pressão académica. No departamento de matemática, não. Mas há um fundo cultural, que eu acho que sim, que faz com que as mulheres tenham mais trabalho, em geral, do que os homens." (Isabel)

Este aspecto referido pelas entrevistadas de não conseguirem “desligar” (expressão usada por alguns entrevistados) relaciona-se com a já falada policronia que Edward Hall¹¹⁷ nos fala precisamente porque a mulher continua de facto a assumir a duplicidade de papéis como intrínsecos à sua identidade como mulher. O facto do tempo/ espaço feminino ser predominantemente policrono resulta na dificuldade, por demais já referida neste texto, de separar o tempo de trabalho do tempo livre, a esfera profissional da esfera pessoal. Esta realidade coloca a mulher numa posição ambivalente, na medida em que exige um esforço acrescido ao nível da sua auto-disciplina e auto-organização. As palavras de Teresa ilustram bem este problema:

“Eu tenho pensado na carreira, tenho pensado na minha profissão, mas também não consigo deixar de pensar noutras coisas. Portanto, às vezes venho de Braga e venho a pensar e a fazer uma lista mental do que tenho para fazer antes de chegar a casa. Portanto, tenho que ir às compras, isto.... fazer aquilo...., buscar o meu filho, levar aquilo...” (Teresa)

E continua reforçando a sua ideia...

“Imaginemos... eu tenho que acabar de ver os relatórios de estágio. Tudo bem, tenho que dar notas esta semana. Mas a minha filha vai ter exame amanhã, vai ter exame de psicologia. Portanto uma coisa que eu sei, se ela me pedir apoio... eu digo: ponho os relatórios de lado, vou dar apoio que ela necessita. E depois, das duas uma, ou olho para os relatórios em diagonal e atiro uma nota ou se quero fazer o meu trabalho bem feito, depois vou fazer uma noitada para acabar de fazer aquilo que não fiz.” (Teresa)

Teresa chega a comparar-se com colegas seus que não têm filhos e que não têm que fazer viagens para reafirmar a sua capacidade de auto-disciplina, referindo ainda que esta capacidade foi-se adquirindo devido ao seu percurso profissional anterior fora da carreira académica.

“Eu vejo colegas meus que não têm filhos e que não têm que fazer viagens e andam sempre a dizer que não têm tempo. Mas depois eu pergunto-lhe o que é que fizeste ontem: «olha eu fui ao cinema, era Quarta-feira». E eu digo: «do que é que não te queixas? Passaste a tarde no cinema, estás a trabalhar à noite.» Portanto realmente isto deve-se a eu ter tido muitos anos de trabalho não na carreira docente e isso de certo modo ajudou-me a auto-disciplinar.” (Teresa)

¹¹⁷ Ver a Obra: Edward Hall, *op cit*

Carlos também é da opinião que “quem paga a factura” ao nível das tarefas domésticas é a mulher...

“De uma maneira geral as mulheres são muito mais sacrificadas nessa questão, de uma maneira geral. (...) O que é que eu posso dizer, no meu caso concreto, em termos de dar apoio ao meu filho mais velho, eu faço exactamente metade da semana (...) portanto, em relação a isso procuramos um certo equilíbrio. Agora, fora isso, as chamadas tarefas domésticas, aí quem paga a factura é a minha mulher.” (Carlos)

Beatriz introduziu uma variável nova na reflexão sobre o género, a idade, ou seja o ciclo de vida da mulher. Quando questionada sobre a influência do género na carreira académica e a provável discriminação, o discurso de Beatriz vai no sentido de que existe discriminação mas não é linear. Ou seja, existe mais no início da carreira académica porque tem também a ver com a fase do ciclo de vida das pessoas e isso difere de homem para mulher. Beatriz explica a sua ideia dando o exemplo da idade para a maternidade. Além de que Beatriz considera também que os problemas familiares afectam mais a carreira académica quando ela está na sua fase inicial. Na sua opinião a universidade funciona por núcleos e que, em onze ou doze escolas, existe uma presidente de escola, sendo todos os restantes presidentes homens.

“Há discriminação... deixe ver se eu lhe consigo explicar o que é que eu sinto... Há alguma discriminação, mas não é uma discriminação linear. No início da carreira, de uma maneira geral, há alguma discriminação, por várias razões, não é por ser no início. Por várias razões: porque é o início e, no início, todas as pessoas tendem a ser mais pressionadas do que a partir de uma certa altura. As pessoas sentem-se menos à vontade, não conhecem ainda muito bem os meandros das coisas e, portanto, as pessoas acabam por ser pressionadas. Por outro lado, o início da vida académica faz-se numa idade em que ser mulher ou ser homem faz alguma diferença, por razões várias: ou pelo velho problema da maternidade, o início de vida dá menos estabilidade para uma pessoa ter pessoas que a ajudem no trabalho de casa e não pode depender muito do outro cônjuge (isto serve tanto para um, como para o outro!). Acontece. Isto no percurso normal... Agora, de uma maneira geral, a partir de certa altura as pessoas começam a sentir-se mais seguras, por um lado. Por outro lado, começam a chegar a uma idade, em que os problemas familiares já não afectam tanto, heee, a carreira e o percurso profissional. Na carreira académica sinto que, na instância superior, há também alguma discriminação que, como ainda não cheguei lá, nem tenciono chegar porque hei de reformar-me, nunca saberei. Porque a carreira académica funciona muito por núcleos e muito fechados... Mas, se eu for pensar que a Universidade, neste momento, tinha sete Escolas, a Escola da Saúde (oito), mais a escola do Direito (nove), mais a arquitectura (dez), neste momento

acho que já são onze ou doze e lá uma Presidente de Escola! Os outros são todos homens, Presidentes de Escola.” (Beatriz)

Se existem mais mulheres que homens como professores universitários, Beatriz questiona porque é que só os homens vão parar a presidentes de escola, a reitores, etc.

“Mas, a esses níveis, eu penso que há uma discriminação, porque senão... repare, há muitíssimo mais mulheres do que homens, a nível de professores, na Universidade! Então porque é que só os homens é que vão parar a Presidentes de Escola, não é? Por outro lado, ao nível mais alto ainda, ao nível da Reitoria, eu acho que é uma questão de preconceito! Na Universidade do Minho nunca se viu uma Reitora, existem Vice Reitoras...” (Beatriz)

Sérgio manifesta a sua opinião dizendo que essa diferença, homem/mulher, hoje em dia, já não faz sentido, mas que ainda há diferenças.

“Eu acho que, hoje em dia, essa diferença já não faz sentido, mas ainda há... ainda há diferenças! (...) Portanto, eu acho que, apesar de tudo ainda é... talvez não tanto como noutras carreiras, mas ainda é uma carreira penalizadora para a mulher.” (Beatriz)

Quadro XI – Isotopia – A questão do género

O GÉNERO INFLUENCIA A PROGRESSÃO NA CARREIRA	O GÉNERO NÃO INFLUENCIA A PROGRESSÃO NA CARREIRA
Ciclo de vida penaliza as mulheres profissionalmente – maternidade	Ciclo de vida não penaliza as mulheres profissionalmente – maternidade
As mulheres assumem mais do que os homens as tarefas domésticas	As mulheres não assumem mais do que os homens as tarefas domésticas
É mais difícil para as mulheres separar tempo de trabalho de tempo livre	Não é mais difícil para as mulheres separar tempo de trabalho de tempo livre
Existem menos mulheres que homens no topo da hierarquia académica	Não existem menos mulheres que homens no topo da hierarquia académica.
A carreira é mais penalizante para a mulher	A carreira não é mais penalizante para a mulher

5.3.4. O tempo do futuro

"Eu acho que a prioridade número um na minha vida é ... é isso... o lado pessoal que tenho descurado... eu acho que daqui a dez anos, ou daqui a quinze anos, ainda estou muito a tempo de montar uma empresa, mas daqui a dez já não vou a tempo de ter os meus filhos e essas coisas que a idade ... não perdoa!"

(Henrique)

A forma como fomos reflectindo as questões do tempo ao longo deste documento, deu-nos a oportunidade de nos situarmos no passado (ao nível, por exemplo, das memórias e recordações relativamente ao que foi a fase de elaboração da tese de doutoramento), no presente, pela problematização das vivências actuais dos tempos e das estratégias que usam para lidar com ele, e agora é chegada a hora de dar a conhecer o que esperam os nossos entrevistados do futuro.

Podemos dizer que as preocupações ou expectativas relativamente ao futuro passam maioritariamente por questões inerentes à própria carreira profissional, tais como, a progressão na carreira e a estabilidade profissional, por questões de cariz pessoal/familiar (constituir família, por exemplo) e ainda por factores de ordem individual, como os problemas que se relacionam com a saúde. A atravessar todas estas dimensões da vida surge também o desejo de conseguirem mudar a forma como lidam com o tempo, porque existe a consciência da inter-relação entre a dimensão temporal da vida, incluindo a sua finitude, e todas as outras dimensões.

Seguem-se algumas palavras que ilustram estas inter-relações e as preocupações dos nossos entrevistados, por exemplo, com a carreira.

Henrique reconhece a competitividade no meio académico e relaciona essa competitividade com a investigação e com as penalizações relativamente a quem se dedica mais ao ensino chegando mesmo a temer pelo seu futuro profissional e a revelar a necessidade de gerir melhor a sua carreira:

"Olha a nível profissional o que é que posso dizer, é claro que me preocupa continuar a ser competitivo, se a gente quer progredir na carreira a gente tem de estar constantemente a investir na investigação e às vezes é difícil porque como eu gosto muito das aulas acabo por ser

prejudicado... às vezes eu sinto que estou prejudicando um pouco a minha carreira, pode ser que eu não consiga arrumar depois vaga para associado e... (...) O que eu sinto é que não faço a gestão da minha carreira profissional como devia em termos de progressão na carreira, ou seja, eu se fosse um camarada... eu vejo muito pouco as coisas pelo lado do que é mais proveitoso para mim e tenho um pouco de receio de depois ser mandado embora no fim do contracto, etc."(Henrique)

Como objectivo próximo a atingir, Carlos refere a passagem a professor associado... que, no seu discurso, acaba por se revelar mais como uma expectativa... cuja concretização passa necessariamente pelo reconhecimento do seu trabalho por parte da instituição.

"O próximo objectivo é passar a professor associado. Quer dizer, eu não faço disto um objectivo. Eu quero passar a professor associado daqui a dois ou três anos, mesmo que a passagem seja naturalmente! Ou seja, eu não estou a trabalhar para ... estou a trabalhar (...) faço aquilo que gosto, tenho compromissos com o projecto, agora, não é tanto um objectivo é mais uma expectativa. Eu espero que, se aquela actividade em que eu estou envolvido decorrerem normalmente, a minha expectativa é que a instituição reconheça o meu trabalho e eu passe a professor associado."(Carlos)

Jorge também se preocupa sobretudo com a sua estabilidade profissional, principalmente porque tem família.

"A única coisa que me preocupa é um dia destes não ter emprego e ter que sustentar as minhas crianças. É única coisa que me preocupa. (...) Porque se eu estivesse sozinho, era muito mais fácil uma pessoa (...) é claro que tenho que pensar na minha mulher e nos meus filhos."(Jorge)

Para o futuro Henrique pretende mudar a sua forma de agir perante a sua profissão.

" (...) dedicar mais tempo à minha vida pessoal mas primeiro tenho que conseguir otimizar o tempo, tenho que conseguir fazer uma gestão melhor do tempo, e ser mais produtivo, a produção está boa mas produtividade é que está baixa, eu tenho é que conseguir a mesma produtividade mas com menos horas de dedicação em cada uma delas."(Henrique)

E continua dizendo que...

"O que me mete mais medo na minha vida é o lado pessoal, entende? Uma pessoa sozinho não consegue o incentivo, o ânimo... para tomar certas opções. (...) acho que não posso continuar a

sacrificar a vida pessoal. (...) Eu acho que a prioridade número um na minha vida é... é isso... o lado pessoal que tenho descurado... eu acho que daqui a dez anos, ou daqui a quinze anos, ainda estou muito a tempo de montar uma empresa, mas daqui a dez já não vou a tempo de ter os meus filhos e essas coisas que a idade ...não perdoa!" (Henrique)

Quanto ao futuro o que o discurso de Alexandra revela como principais preocupações são: continuar a trabalhar com entusiasmo e ser boa mãe.

"Em casa, preocupa-me ser boa mãe, portanto, aquelas coisas...." (...) há montes de coisas que me preocupam, quer dizer, a nível profissional preocupam-me... gostaria e preocupo-me e não sei se vou conseguir, e portanto isso preocupa-me continuar a trabalhar aqui até ao futuro com qualidade e entusiasmo. (...) Percebe? Com a mesma qualidade, eu já não digo com o mesmo entusiasmo de agora porque eu já não tenho tanto entusiasmo como tinha porque estou cansada. (...) até porque os sistemas... a gente pensa, e portanto a pessoa vai sendo menos idealista (...). Porque estar sem entusiasmo francamente... Também... portanto aguentar a pedalada do trabalho com qualidade e entusiasmo." (Alexandra)

No que diz respeito à profissão propriamente dita acrescenta que:

"Em termos profissionais eu destacaria o facto de estar a dirigir uma licenciatura e provavelmente o que mais me preocupa neste momento é a preparação e o início do próximo ano. (...) Além disso, tenho uma outra prioridade – que talvez não seja tão imediata – mas que é importante que é ter maior produtividade em termos científicos nomeadamente, escrevendo artigos e publicando artigos. Essa é outra grande prioridade" (Jorge)

Quanto a grandes planos e a preocupação em relação ao futuro, Jorge refere que não tem grandes planos e que a grande preocupação, talvez passe pela questão da saúde.

"No muito longo prazo estamos todos mortos, dizem os economicistas. (risos)(...) Em termos profissionais é facilmente previsível, porque a carreira diz como é que é. Em termos que não sejam profissionais, em termos mais pessoais, confesso que não tenho feito...[grandes planos] talvez a grande preocupação seja a saúde, a questão da saúde." (Jorge)

Retomando o que dissemos anteriormente, no ponto 2.2 deste trabalho, não podemos esquecer que os seres humanos são fundamentalmente temporais e que eles

próprios encontram o sentido para a sua existência no carácter limitado da sua vida, pelo nascimento e pela morte, logo pelo seu passado, presente e futuro.

Assim os planos de vida, tal como nos alerta Giddens¹¹⁸ incluem metas e projectos a serem alcançados, sendo no entanto imprescindível o acesso aos recursos, tendencialmente muito escassos, que são o tempo e o espaço.

Quadro XII – Isotopia – O Futuro

O QUE QUER PARA O FUTURO	O QUE NÃO QUER PARA O FUTURO
Gerir melhor o tempo	Não gerir melhor o tempo
Ter mais tempo para a vida pessoal	Não ter mais tempo para a vida pessoal
Ter saúde	Não ter saúde
Atingir estabilidade profissional	Não atingir estabilidade profissional
Constituir família	Não constituir família
Abrandamento do trabalho	Não abrandamento do trabalho
Continuar a trabalhar com qualidade	Não continuar a trabalhar com qualidade

5.3.5 – Conclusões

Este ponto da nossa análise tentou promover a reflexão e o conhecimento sobre a forma como os professores auxiliares lidam, no dia-a-dia, com o tempo, quer na esfera profissional quer na esfera familiar e pessoal. A este nível podemos concluir que, sem excepção, todas as entrevistas possuem vestígios de uma relação problemática com o tempo, sendo evidente a dificuldade em gerir/separar o tempo de trabalho do tempo livre.

Por detrás deste problema de alocação do tempo estão factores de ordem organizacional, na medida em que a forma como a universidade está estruturada em termos de distribuição de tarefas, por exemplo, e em termos do próprio espaço, contribui para que a fronteira entre os diversos tempos seja ténue. Para além destes factores inerentes à própria temporalidade institucional existem factores externos, tais como, o próprio tempo social que acaba por ser sentido como legítimo por parte dos professores auxiliares, fazendo com que as estratégias que utilizam para lidarem com o tempo se assemelhem ao sistema temporal dominante, ou seja, o da produtividade

¹¹⁸ Ver a obra: A. Giddens, *op cit*

industrial. Estas estratégias são incompatíveis com a temporalidade do conhecimento, com o trabalho intelectual, motivo pelo qual os professores sofrem esta ambiguidade e dizem possuir uma “má relação com o tempo”.

De realçar que esta tendência para se agir de acordo com o esperado (a temporalidade social dominante) não é devida exclusivamente a factores de ordem individual/comportamental, mas também ao facto das relações de poder que se estabelecem dentro do campo académico levarem os professores a agirem de acordo, para não serem expulsos do “Jogo” (utilizando a terminologia de Bourdieu).

Perante estas especificidades da carreira académica, a flexibilidade de horários surge como algo que cria alguma tensão diária nos docentes, na medida em que os obriga a um maior investimento ao nível da auto-disciplina.

Por outro lado, porque existe a referida flexibilidade de horários e a correspondente autonomia relativa, os professores podem trabalhar em casa, e assim preferem, na medida em que na universidade não possuem as condições ideais para garantir a máxima qualidade no trabalho que realizam. Neste aspecto verificamos, mais uma vez, que o espaço não é neutro e que ele próprio dá qualidade ao tempo.

Concluimos ainda que a variável género, por si só, não é um factor discriminante dentro do campo académico, no entanto, a maternidade, o ter filhos, condiciona negativamente a progressão na carreira. De facto, verificou-se uma certa unanimidade relativamente à opinião que a carreira académica é mais penalizadora para as mulheres, quer porque, por questões culturais, dedicam-se mais às tarefas do lar do que os homens, vendo assim o seu tempo ainda mais fragmentado, quer porque a maternidade exige delas uma disponibilidade e dedicação aos filhos, que os homens assumem ainda não exercer.

Relativamente ao que os professores esperam do futuro, podemos concluir que as suas expectativas passam por questões de ordem profissional, tais como, progredir na carreira, adquirir o mérito académico, o reconhecimento do valor do seu trabalho, a estabilidade passando também por questões de ordem pessoal e familiar. De facto, é bastante frequente a referência ao desejo de virem a ter mais tempo para a família, para

si próprios, para os filhos, para o que lhes dá prazer, focando por isso mesmo a necessidade de mudarem a forma de gerirem o tempo com vista à concretização destes objectivos.

A noção de finitude humana está bem presente nos discursos pois a saúde e a preocupação, em não se garantir o futuro dos filhos (sobretudo devido à própria instabilidade profissional) surgem também como principais preocupações.

VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qualquer investigação social possui, em si mesma, uma certa incompletude, na medida em que a realidade social que lhe serviu de âncora constrói-se e reconstrói-se sucessivamente. Este estudo não é excepção, tanto mais que nos fala de "discursos" e de "falas" situadas num tempo e num espaço próprios. Falas que, por vezes, são silêncios, ocultando as verdades mais profundas. Assim, não falaremos em termos de conclusões definitivas mas em termos de orientações discursivas, não negligenciando também as respectivas singularidades.

Na altura em que iniciamos a análise dos discursos tentamos, desde logo, compreender a relação entre auto identidade, auto conceito (profissional) e as experiências e concepções do tempo. A este nível a docência e a investigação surgem como as dimensões da profissão que mais contribuem para a auto-identidade dos docentes, na medida em que se consideram, acima de tudo, professores e investigadores. Estas duas vertentes do trabalho universitário constituem o que se poderia chamar de essência da carreira docente, realçando-se aqui o peso mais acentuado da vertente pedagógica.

Apesar de os professores considerarem que o ensino é a razão de ser da carreira académica, existe uma unanimidade relativamente à preferência pela investigação enquanto principal fonte de realização pessoal, sendo que uma das grandes vantagens que os docentes identificam na carreira académica é, precisamente, o acesso contínuo ao conhecimento, seguindo-se a flexibilidade de horários e a autonomia. De notar que o interesse, e mesmo a paixão pela investigação, bastantes vezes verbalizada, constitui o factor profundamente determinante ao nível da opção pela carreira académica, uma vez que apesar da vertente pedagógica se encontrar também noutros níveis de ensino (público ou privado) a oportunidade de fazer investigação concentra-se de forma mais sistemática no contexto universitário.

Apesar da questão da complementaridade entre a docência e a investigação ter sido igualmente assinalada, na medida em que os professores reconhecem que não se poderá exercer a docência com qualidade se não existir a actualização constante dos

conhecimentos, tudo indica, que os nossos entrevistados, “sentem-se” professores mas “preferiam” ser investigadores, na maior parte do seu tempo.

Os conflitos entre as expectativas criadas relativamente à carreira universitária e a realidade vivida no quotidiano destes professores, surgem quando eles próprios começam a sentir que não “controlam” o tempo de forma adequada, não o “usam” a seu favor, ou da forma como gostariam de poder usar. Este aspecto prende-se com o facto de os professores auxiliares terem um conjunto de outras responsabilidades de foro administrativo e de gestão da própria universidade, que os obrigam a fragmentarem demasiado o tempo, quer pelo excesso de trabalho, quer pelo carácter diversificado que as diferentes funções assumem. O facto de terem de “saltar” constantemente de uma tarefa de cariz mais intelectual para outra de cariz mais operativo, por exemplo, põe em causa a rentabilização do tempo, pois que a transição de umas tarefas para as outras provoca cortes, rupturas, ao nível do fio condutor do trabalho, que se pagam bem caras no momento de retomar a tarefa que se abandonou ou interrompeu. Não é só a quantidade de trabalho que é posta em causa, mas também, e sobretudo a qualidade do mesmo. Por este motivo, muitos professores chegam mesma a referir que, em termos de produção científica nacional e internacional, nunca seremos suficientemente competitivos porque não possuímos um corpo de investigadores a cem por cento nas nossas universidades, nos nossos centros de investigação.

A qualidade do trabalho é posta em causa sobretudo quando falamos das actividades inerentes ao trabalho científico, com forte pendor de reflexão e de criatividade, na medida em que as suas especificidades não se coadunam com os pressupostos da produção em série, ou da produtividade industrial. De facto, os professores sentem na pele o dilema inerente ao facto de terem constantemente que lidar com interrupções sucessivas nos momentos de escritas de artigos, de escrita de relatórios, ou de leituras científicas, por exemplo. A reflexividade que este tipo de trabalho exige não se compadece com horários de trabalho rígidos, nem com planificações muito fechadas, porque a inspiração, a capacidade criativa e um certo isolamento e tranquilidade são factores fundamentais que se reflectem não só nas propriedades do trabalho que se desenvolve como também na rentabilização do tempo que se despende para o realizar.

Por outro lado, uma vez que as actividades, de cariz mais administrativo, se caracterizam por prazos e *timings* mais apertados os professores acabam por penalizar a dimensão do seu trabalho que adquire maior flexibilidade e autonomia a esse nível, ou seja, reduzindo ao mínimo o tempo que dedicam à investigação. A docência propriamente dita acaba por não ser tão penalizada, (a não ser na medida em que fica em causa a já referida circularidade de informação sobre conhecimentos mais actualizados) uma vez que estão contemplados os períodos normais de aulas, horários e *timings* próprios.

A agregar a esta falta de tempo para produzir conhecimento através do desenvolvimento de investigação científica, existe uma condicionante inerente ao contexto universitário que lança os professores auxiliares para situações de desmotivação, pois são contratados como professores mas são avaliados como investigadores. Ou seja, no campo científico o capital valorizado é a produção de conhecimento, motivo pelo qual será com base nesses critérios que os professores serão avaliados ao longo da sua carreira. Isto cria um dilema: por um lado os professores sabem que os seus pares e os superiores esperam que eles façam boa investigação, por outro, a forma como a universidade está organizada não fornece os recursos necessários para que a produção do conhecimento seja uma realidade. Perante estes factos os professores auxiliares sentem necessidade de “investir” mais tempo na investigação. No entanto, pelos motivos atrás referidos, que se prendem com o volume de tempo que dedicam à realização das tarefas administrativas e de cargos de gestão, por um lado, e com as más condições físicas de trabalho, bastante referidas pelos nossos entrevistados, por outro, vêm-se obrigados a fazer investigação nas horas livres, a levar trabalho para casa, sacrificando o seu tempo pessoal, porque sabem que vivem, profissionalmente, num campo de lutas internas no qual as estratégias que se utilizam para rentabilizar o tempo (sobretudo o que é dedicado à investigação) condicionam a forma como se vai subindo na carreira.

Os professores auxiliares consideram-se um pouco o “Pau para toda a colher” (utilizando a expressão de alguns entrevistados) na medida em que logo após a conclusão do doutoramento, com a entrada na categoria actual, viram-se na situação acima descrita, de sobrecarga de trabalho, sendo que as actividades que desenvolvem

não se relacionam com a área de investigação em que se especializaram, nem com a possibilidade de se especializarem noutras áreas do saber.

O título de “Doutor” trouxe consigo mais autonomia, mais autoridade científica, mais poder de decisão, mas, em contrapartida, menos tempo para a concretização de actividades que faziam parte das expectativas que criaram para o período pós-doutoral. Sobre este assunto os professores dizem que esperavam uma diminuição da pressão que então viviam em termos de prazos, com o consequente aumento do tempo livre, o aumento do tempo para si próprios, assim como mais tempo para fazerem a sua própria investigação, aquela da qual provem a satisfação pessoal inerente ao desafio que é a procura do conhecimento.

Nos discursos analisados encontramos referencia a uma enorme pressão do sentido de dedicação total à profissão (descurando-se, não poucas vezes, ou colocando para segundo plano, outras dimensões da vida, como a familiar) muita competitividade e muitas rivalidades dentro da comunidade científica, quer porque os professores referem que sentem que estão constantemente a ser avaliados, formal e informalmente, pelo pares e superiores hierárquicos, devido aos próprios *timings* inerentes á carreira, quer porque a forma como a progressão na carreira está delineada não valoriza o mérito próprio havendo desigualdade de tratamento consoante a área disciplinar ou a escola a que se pertence (em função do numero de vagas), criando muita tensão assim como sentimentos de insegurança e de instabilidade.

Assim, ao contrário do que esperavam que viesse a acontecer com a entrada na categoria de professor auxiliar, os docentes vêm o tempo para si, para a família, condicionado pelo tempo de trabalho, o qual entra, com um carácter quase permanente, nas suas casas e nas suas vidas privadas.

A juntar a estes aspectos os professores identificam ainda um conjunto de outras desvantagens da profissão por comparação com algumas similares no sector privado, e que se relacionam com o facto de na universidade terem de cumprir o requisito da dedicação exclusiva, associado a baixos salários, más condições de trabalho (falta de equipamentos, equipamentos obsoletos, gabinetes de trabalho pequenos e em relação aos quais se tem de dividir o espaço com outros colegas, etc) e

ainda o facto da universidade se fechar em si própria, não desenvolvendo a sua competitiva para o exterior.

Perante todas estas dificuldades os professores assinalam a necessidade de se contratar um corpo de técnicos das áreas da gestão e administração para assegurarem as tarefas que os "sobrecarregam" no dia a dia, sendo por eles consideradas uma forma de desaproveitar competências tão elevadas como as que possuem e que deveriam ser rentabilizadas ao nível da investigação científica. Por tudo isto consideram a sua profissão muito exigente e, ao mesmo tempo, frágil devido ao grau de incerteza de que se imbuí os seus futuros profissionais.

Apesar destes constrangimentos à acção que nascem dentro do campo académico, os discursos dos professores revelam-nos, não poucas vezes, que apesar de tudo não pensão em mudar de profissão, porque têm paixão pelo conhecimento e porque gostam muito do que fazem. No entanto temem perder o entusiasmo e o prazer pelo trabalho que desenvolvem precisamente devido ao volume desmesurado de actividades em que se vêm envolvidos. Ainda sobre este envolvimento nas actividades inerentes à gestão da própria universidade, salienta-se a incapacidade que alguns professores assumem de dizerem "não faço", ou "não posso aceitar mais cargos ou mais responsabilidades". Isto relaciona-se com as expectativas que os "outros" elementos do campo científico esperam _"deles", ou melhor com o que esperam uns dos outros.

A já referida dificuldade em gerir os tempos prende-se, directamente, com uma variável muito importante inerente ao quotidiano destes docentes que é a flexibilidade de horários. O facto dos professores terem alguma flexibilidade para gerirem o tempo como quiserem, cria sentimentos de culpa e, por vezes até de vergonha, sempre que não conseguem atingir os objectivos em termos de execução das tarefas em determinados prazos. Se, por um lado, a flexibilidade de horários é vista como uma das principais vantagens da profissão, pela autonomia que implica e pela maior margem de liberdade para organizar os dias, por outro lado ela surge identificada, ao mesmo tempo, como uma grande desvantagem, na medida em que exige uma capacidade de auto-controle e auto-disciplina muito apurada. Para além disso, consideram a flexibilidade de horários "enganosa" precisamente porque não só trabalham muito

mais do que os que têm um horário típico (das 9 às 17.30h) como também vêm as fronteiras entre tempo de trabalho e tempo livre esbaterem-se, na medida em que, como já referimos em cima, este ultimo vê o seu volume reduzir-se sistematicamente.

Perante estas ambivalências os professores esforçam-se por impor a si próprios horários de trabalho que eles estabelecem, sobretudo para os dias em que estando em casa, porque aí, à partida, possuem menos esquemas disciplinantes. Perante isto, podemos de facto afirmar, no mesmo sentido da nossa hipótese de trabalho, que o grau de controlo do tempo por parte dos docentes universitários depende de tácticas de gestão do tempo como é o caso da elaboração de planos de trabalho. Estes planos de trabalho traduzem-se ao nível do preenchimento da agenda, sendo que esta acção foi referida praticamente por todos os entrevistados como um hábito, uma rotina. No entanto, apesar do carácter disciplinador e controlador que a agenda possa ter, a verdade é que a maioria dos professores dizem que nem sempre, conseguem cumprir o que tinham planeado, não deixando, apesar de tudo, de ser uma táctica de controle e gestão do tempo pois os professores dizem que se não apontam na agenda é o caos... porque têm imensa coisa em que pensar ao mesmo tempo e imensa coisa para fazer, ao mesmo tempo. Estamos portanto a falar da policronia que, também neste estudo, surge mais associada às mulheres, reforçando o que dissemos em cima da maior predisposição para sobreporem os tempos e para tentarem fazer várias coisas concomitantemente.

A questão dos horários flexíveis reflecte-se na opção que alguns professores assumem de trabalharem, maioritariamente, em casa, sempre que as tarefas a desenvolver não o obriguem a deslocar-se à universidade. Esta opção baseia-se nas melhores condições que dizem possuir nas suas casas, sendo que consideram ser o "seu espaço" por oposição ao espaço "impessoal", e algumas vezes denominado de "estranho", que é o gabinete na universidade e que, aliás, é partilhado, na maioria dos casos, com outros colegas. Mais uma vez a contradição inerente à vantagem da ausência de rigidez horária: por um lado é bom poderem trabalhar em casa, terem as "suas coisas" perto deles e tranquilidade para desenvolverem o seu trabalho, mas por outro lado esta situação cria ambivalências ao nível da sobreposição dos tempos e dos espaços, pois que o escritório de casa se transforma num prolongamento da universidade, no sentido em que se torna permeável aos assuntos profissionais. Porque

esta situação acontece com muita frequência os professores queixam-se de trabalhar muito à noite e aos fins-de-semana, sacrificando a família e o bem estar de todos. Uma análise mais profunda às entrevistas faz-nos concluir que alguns professores fizeram questão de dizer que o local de trabalho deveria ser na universidade, isso era o ideal para eles, porque é aí que devem estar a exercer a sua profissão e deixam claro que só não o fazem porque não têm nesse espaço as devidas condições.

Podemos nesta altura afirmar que, de facto, tal como prevíamos na fase de levantamento das hipóteses de trabalho, a forma como se apropria o espaço (enquanto tática de organização temporal) condiciona o modo como se usa o tempo. Com base nos discursos analisados, o “ir trabalhar para casa” e a forma como os professores apropriam o espaço com o qual se identificam, porque trata-se do “seu Espaço” condiciona a forma como se usa o tempo, na medida em que pode torná-lo mais rentável ao tomar essa opção (os professores referem que nos gabinetes da universidade estão constantemente a ser interrompidos, etc, etc.), mas, por outro lado, condiciona também a forma como se usa o tempo na medida em que as características do espaço condicionam as nossas acções. Se estivermos em casa sabemos que podemos utilizar o tempo tanto para trabalhar como para ver televisão ou fazer outras tarefas inerentes ao espaço doméstico, por exemplo. No caso da universidade verifica-se, segundo os testemunhos recolhidos, que o facto de os professores estarem na universidade, ou de irem lá, faz com que acabem por usar a maior parte do tempo para realizarem as já referidas tarefas administrativas e de gestão.

Trabalhar em casa exige mais auto-disciplina, aspecto este mais assinalado pelas mulheres, na medida em que existe a tendência para se distraírem mais com as tarefas domésticas, o que a maioria dos nossos entrevistados considerou ser uma questão do foro cultural. A este nível existe uma certa unanimidade relativamente à opinião de que as mulheres não são discriminadas directamente por questões de género dentro dos espaços académicos, mas que a grande maioria reconhece que para elas a carreira torna-se mais penalizadora na medida em que, pelas questões de ordem cultural já assinaladas e pela própria questão biológica inerente à maternidade, acabam por se dividir mais entre a vida profissional e a familiar, existindo fases da vida em que deram mais prioridade à carreira e outras fases que valorizaram mais a família. Estas fases têm, portanto, a ver com o próprio ciclo de vida da mulher, a idade para ter os

filhos, a trajectória biográfica, portanto, e com a trajectória profissional já que, como sabemos, a carreira universitária está ela própria dividida em etapas, correspondendo a cada uma delas níveis diferentes de empenhos, dedicações e esforços para subirem a patamares superiores.

De notar que mais do que o género, é sobretudo, a posse ou não de filhos que vai influenciar a forma como se lida com o tempo e, conseqüentemente, como se está na carreira académica. Sendo assim, e recordando a nossa hipótese segundo a qual as estratégias de acção sobre o tempo são condicionadas pela variável género, podemos dizer que o género em si não condiciona tão fortemente essas estratégias como o “ter filhos”. Ou seja apesar da questão cultural levar as mulheres a acumularem ambos os papéis, de profissional e de dona de casa, por exemplo, a verdade é que as conseqüências são mais desastrosas quando existem filhos, e ainda mais quando estes são pequenos. Esta questão prende-se com o facto de o tempo deixar de ser organizado a pensar em nós e passar a ser organizado a pensar na criança, com os ritmos e exigências que lhes são próprias.

A possibilidade dos professores gerirem o tempo de uma forma relativamente autónoma cria as condições para o surgimento de representações sociais sobre o professor universitário, por parte de quem está fora da carreira académica, que não correspondem à auto-imagem que os docentes possuem. Assim, relativamente à nossa hipótese de trabalho, segundo a qual as representações sociais positivas face à profissão dependem sobretudo da possibilidade dos docentes gerirem o tempo de uma forma autónoma, podemos afirmar que, em certa medida, tal se verifica. Segundo os discursos dos nossos entrevistados, quem está “fora da carreira académica” acredita que os professores têm uma vida privilegiada na medida em que podem trabalhar em casa, por exemplo, sendo que ao trabalhar em casa se associa o “não fazer nada”. Para além disso, consideram-nos uma classe muito bem remunerada e portadora de atributos de forte pendor intelectual. De facto, todos estes aspectos se podem incluir no que chamaríamos representações positivas face à profissão, no sentido das vantagens que lhes atribuem.

Também o futuro foi alvo na nossa reflexão, na medida em que os professores foram falando sobre as suas preocupações e projectos. A este nível podemos concluir

que as suas expectativas passam pela concretização de projectos profissionais e pessoais, sendo muito evidente a noção do tempo num continuo de vida... e que todos caminhamos para um fim. Perante esta noção de limite temporal, muitos referem preocupações com a própria saúde ou com a saúde dos filhos, assim como com a estabilidade, sobretudo pelos entrevistados que possuem a sua própria família já constituída.

Em termos profissionais, a progressão na carreira, a aquisição de mérito académico, o reconhecimento pelos pares, e a já referida estabilidade, surgem a par do que consideram ser um grande desejo, assumido quase como promessa: desenvolver estratégias para melhor gerir o tempo. Tal promessa não deriva da necessidade de investirem tempo no trabalho mas terem mais disponibilidade para a família e o lazer.

Perante as dificuldades a este nível verificamos existir uma tendência para se auto-culpabilizarem, considerando depender exclusivamente deles a mudança de rumo da sua vida e carreira, sendo que alguns professores associam essa dificuldade em lidar com o tempo a uma questão de treino, pelo que antevêem, para o futuro, melhorias a este nível.

6.1. Sugestões para futuros estudos no âmbito da sociologia do tempo:

Ao longo da elaboração do presente trabalho de investigação fomos pondo de parte algumas ideias e, ao mesmo tempo, recebendo outras, de forma a tornar o trabalho exequível, por um lado, e coerente, por outro. Assim, existem vários aspectos pertinentes para eventuais estudos futuros na área da sociologia do tempo,

- Um aspecto considerado importante mas o qual não conseguimos explorar, diz respeito às origens de classe, e aos percursos biográficos, pois poderão afectar as estratégias usadas pelos actores a fim de gerirem os tempos, uma vez que essas estratégias são, certamente, condicionadas pelos processos de socialização;

- Tal como a origem de classe, o cruzamento com as identidades religiosas também nos poderiam trazer novos contributos ao nível das formas como se pode viver o tempo e agir sobre ele.
- As questões de género, por si só, justificariam um estudo com o enquadramento da área da sociologia do tempo.
- Ainda dentro da carreira académica, será muito interessante uma análise profunda relativa às diferenças que se vivem dentro/e entre as diferentes áreas disciplinares, pois que o uso do tempo e do espaço da universidade por parte de um cientista social diferirá bastante do uso do tempo e do espaço por parte de um investigador de laboratório, ou das ciências exactas.
- A realização de estudos sobre os usos e percepções do tempo noutras profissões com horários de trabalho rígidos, na indústria, no comércio, por exemplo, sendo também considerado importante a realização de estudos deste género em profissionais que trabalhem por turnos, os enfermeiros, por exemplo, uma vez que a própria representação dos dias e das semanas trará, com certeza, novos contributos a este nível.
- Consideramos igualmente fundamental que se desenvolvam estudos nos quais se articule a sociologia do tempo com a sociologia da exclusão social, na medida em que consideramos o tempo como forte estruturador social.

Esperamos, com este trabalho contribuir, de algum modo, para aumentar o conhecimento sobre as estratégias que os actores sociais utilizam, no dia-a-dia, para lidarem com o tempo e, conseqüentemente, com a sua própria história, assim como deixar algumas pistas de análise... para futuras descobertas nos meandros do tempo!

VII – Bibliografia

- ADAM, B. (1995). *Timewatch: the social analysis of time*. Oxford, Polity Press.
- ADAM, B. (1990). *Time and social theory*. Oxford: Polity Press.
- ALMEIDA, J. e PINTO, J. M. (1991). *A investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa, Editorial Presença, pp. 86-87.
- AMÂNCIO, L. (1993). "Género - Representações e Identidades" *Sociologia - Problemas e Práticas* 14: 127-140.
- AMÂNCIO, L., Patrícia; CARAPINHEIRO, Graça; COSTA, António F.; MACHADO, Fernando L., PATRÍCIO, Maia T. ; STOLEROFF, Alan & VALA, Jorge (1995). *A Comunidade Científica Portuguesa: nos finais do século XX*.
- AMÂNCIO, L. e ÁVILA, P. (1995) "O género na ciência", Jesuíno, J. C., *A comunidade científica portuguesa*, Oeiras: Celta: pp. 135-161.
- ARAÚJO, E. R. (2004) *Fases – relatório parcial do projecto Relatório Parcial do projecto 3367/POCTI/SOC/99 – ritmos camuflados nos usos e representações do tempo: o caso da dispensa para doutoramento*. Núcleo de Estudos em Sociologia: Braga: Universidade do Minho
(<http://www.ics.uminho.pt/sociologia/doc/era/publ/fases.pdf>)
- ARAÚJO, E. R. (2004a). "A sevicia das categorias – breve contribuição para o estudo dos usos e representações do tempo por parte das mulheres académicas", *Sociedade e Cultura* 5, Cadernos do Noroeste, Série de Sociologia, 21 (1-2). Braga: Universidade do Minho: 107-140.
- ARAÚJO, E. R. (2004 b) "Representações sobre a ascensão na carreira académica em Portugal", *Comunicação apresentada no VII Congresso de Sociologia*, Braga: Universidade do Minho, 14 – 17 de Maio

- ARAÚJO, E. R. (2004c). "A (a)sincronia dos tempos e a flexibilidade: algumas reflexões", comunicação apresentada no seminário "Novos desafios à flexibilidade". Realizado na Universidade da Beira Interior, no dia 2 de Março (a publicar pelo CES / UBI).
- ARAÚJO, E. R. (2003). "A sevicia das categorias - breve contribuição para o estudo dos usos e representações do tempo por parte das mulheres académicas", *Sociedade e Cultura 5, Cadernos do Noroeste, Série de Sociologia*, 21 (1-2), Braga: Universidade do Minho: 107-140.
- ARAÚJO, E. R. (2002). "Dispensa para doutoramento e latência dos quadros temporais: contributos para a compreensão das acções de controlo do tempo II". *Revista Teoria e Prática da Educação: Universidade Estadual de Maringá*, Vol. 5, n.º 11: 73-97.
- ARAÚJO, E. R. (2002). "Orientação e tempo de dispensa de serviço docente para doutoramento", Costa, J. Adelino, Neto-Mendes, Ventura, A. et al (orgs), *Avaliação de organizações educativas: actas do II simpósio sobre organização e gestão escolar*: pp. 397-415.
- ARAÚJO, E. R. (2001). *New visions of society: a rewinding experience*. ESA conference: Helsinque, Finland.
- ARAÚJO, E. R. (2000), "Tele-trabalho e articulações temporais Vidal Sasson", *Sociedade e Cultura 1, Cadernos do Noroeste, Série de Sociologia*, 13 (1), pp.157-180.
- BERGMANN, W.(1992). "The problem of time in sociology: in overview of the literature on state". *Time and Society*. 1: 81 -134.
- BERGSON, H. (1992) *Durée et Simultanéité*. Paris: Presses Universitaires de France.
- BOURDIEU, P. (1999). *A Dominação Masculina*. Celta Editora.

- BOURDIEU, P. (1990). "The attitude of the Algerian peasant towards time".
Sociology of Time. London: Macmillan.
- BOURDIEU, P. (1984a). *Homo Academicus*. Paris: Ed. Minuit.
- BOURDIEU, P. (1984b). *Le Sens Pratique*. Paris: Seuil.
- BOURDIEU, P. (1983) "O campo científico" in Ortiz R. (org) *Pierre Bourdieu- Sociologia*. S. Paulo, Ática: 122-157
- BRANDÃO, Ana Maria, MARQUES, Ana Paula, ARAÚJO, Emília (orgs.) (2004).
Formas Identitárias e Modernidade Tardia: Actas de encontros em sociologia. Braga: Universidade do Minho/Núcleo de Estudos em Sociologia.
- BRUNI, J. Carlos (1991). "Tempo e trabalho intelectual". *Tempo Social - Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, 3 (1-2): 155-68.
- BUNZEL, D. (2002). "The Rhythm of the Organization: Simultaneity, Indentity, and Discipline in an Australian Coastal Hotel". *Making Time: Time and Management in Modern Oraganizations*. B. A. a. I. S. Richard Wipp. Oxford: Oxford University Press: 168-181.
- CASTELLS, M. (1992). *A sociedade em rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: Serviço de Educação e Bolsas.
- CONNERTON, PAUL (1993). *Como as Sociedades Recordam*, Oeiras, Celta Editora.
- CRANE, D., (1988). *Invisible colleges*. Midway
- DELAMONT, S., Atkinson, Paul (2001). "Doctoring uncertainty: mastering craft knowledge." *Social Studies of Science* 31(1): 87-107.

- DUBAR, Claude, (1991). *La socialization: construction des identités sociales et professionnelles*. Paris: Armand Collin
- DUBOIS, P. (1999). "Rationalization du temps universitaire", *Sociologia del Lavoro - Temps, Statut et conditions du travail - speciali VII Journées de Sociologie du travail*, Bolonh: 17-18-19 Jun, Vol. 74-75: pp. 211-228.
- DUMAZEDIER, J. (1982). "Travail et temps libre." *Sociologie du Travail* n.º 4/82: 479-483.
- DURKHEIM, É. (/1994/1915). *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: Quadrige, PUF
- ELIADE, M. (1973). *Mito do eterno retorno*. Lisboa: Edições 70.
- ELIAS, N. (1997). *Du temps*. Lisboa: Difel
- ELIAS, N. (1992). *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. (1969). *The Nuer* (first published 1940). Oxford: Oxford University Press.
- FORTUNA, Carlos. (1995). "As cidades e as identidades: patrimónios, memórias e narrativas sociais", in Maria de Lourdes Lima dos Santos (coord), *Cultura e Economia*. Lisboa: ICS: 211.
- FOUCAULT, M. (1971). *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, M. (1969). *L'archeologie du savoir*. Paris: Gallimard.
- GHIGLIONE, R. e MATALEN, B. (1993). *O inquérito - teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora

- GIANNOTTI, J. Artur. (1986). *A universidade em ritmo de barbárie*. São Paulo: Brasiliense: 43.
- GIDDENS, A. (1995). *A Contemporary critic of historical materialism*. London: Macmillan Press.
- GIDDENS, A. (1991). *Modernidade e Identidade Pessoal/Modernity and self-identity*. Oeiras: Celta Editora.
- GURVITCH, G. (1964). "The spectrum of social time". *Sociology of Time*. J. H. ed. London: MacMillan: 35 - 44.
- HAGSTROM (1972). "Gift giving as an organizing principle in science", in B. Barnes (org.), *Sociology of science*. Harmondsworth, Penguin.
- HALL, E. (1996). *A dança da vida: a outra dimensão do tempo*. Lisboa: Relógio d'Água.
- HARVEY, A., Fisher, Kimberly, Gerhusuny, Jonathan, Akbari, Ather (2000). "Examining working time arrangements using time use survey data,." *working paper, ISER: www.iser.essex.ac.uk/pubs/workpaps/wp2000-22.php*
- HASSARD, J. (1990). *The sociology of time*. London: MacMillan Press.
- HASSARD, J. (1989). "Un paradigm qualitative du temps de travail", *Revue Internationale des sciences sociales* 119, 97-110.
- HEIDDEGER, M. (1989/1998). *The concept of time*. London: Blackwell Publishers.
- HIERNAUX, J.P. (1997). "Análise Estrutural de conteúdos e modelos culturais: aplicação a materiais volumosos", in Luc Albarello et al., *Práticas e Métodos de Investigação em ciências sociais*, Gradiva Lisboa, 1997, p. 156-202

- HORNING, K. and A. M. M. e. GERHARD (1995). *Time Pioneers, Flexible Working time and new Lifestyles*. Cambridge: Polity Press.
- HUBERT, M. C. (1999). *Construire le temps – norms et usages chronologiques. Du Moyen Âge à l'époque contemporaine*. Champion.
- INE (2001). *Inquérito à ocupação do tempo*, INE.
- INGLEHART, R. B., Wayne E. (2000). "Modernization, cultural change, and the persistence of traditional values." *American Sociological Review* 65: 19-51.
- JESUINO, Jorge Correia, et al, (1995). *A Comunidade Científica Portuguesa nos finais do século XX*. Celta Editora: 3.
- KARL, H. et al. (1995). *Time Pionners, flexible working time and new lifestyles*. Plity Press.
- LAUER, R. H. (1981). *Temporal Man. The Meaning and Uses of Social Time*. New York: Praeger.
- LE FEUVRE, N. (1994). "Leisure, Work and Gender: a Sociological study of Woman's time in France". *Time and Society* 3: 151-78.
- LE FEUVRE, N. (1991). *The Production of Space*. Oxford: Blackwell.
- LUHMANN, N. (1995). *Social Systems*. Stanford: Stanford University Press.
- LUHMANN, N. (1976). "The Future cannot Begin". *Social Research*.
- MAFFESOLI, M. (1983). "Épistémologie De La Vie Quotidienne (Vers un «formisme» sociologique." *Cahiers Internationaux de Sociologie* LXXIV.
- MEAD, G. H. (1934). *Mind, self and society*. Chicago: University of Chicago Press.

- MERCURE, D. (1995). *Les temporalités sociales*. Paris: L'Harmattan Mirchandani.
- MERTON et SOROKIN (1937). "Social-time: a methodological and functional analysis". *American Journal of Sociology* vol. 42: 615 - 29.
- MERTON, R. K. (1984/70). *Ciencia, tecnologia y sociedad en la Inglaterra del siglo XVII*. Madrid: Alianza Editorial.
- MICHELSON, W. (1999). "Time pressure and Human Agency in Home based employment." *Society and Leisure* 21: 455-472.
- MOORE, W. E. (1963). *Man, time and society*. New York: Wiley.
- PAIS, J. M. (2001). *Ganchos, tachos e biscates*. Porto: Ambar.
- POLANYI, M. (1962). *Personal Knowledge: Towards a Post-critical philosophy*, London.
- PRIGOGINE, Ilya (1993). *El nacimiento del tiempo*. 2ª ed. Barcelona: Tusquets Editores.
- PROST, A. (1991). "Fronteiras do privado". *História da vida privada*. G. Duby. Lisboa: Afrontamento.
- QUIVY, R. (1992). *Manual de Investigação em ciências sociais*. Gradiva.
- SIMMEL, G. (1991). "The Problem of Style." *Theory, Culture & Society* 8: 63-71.
- TAP, Pierre. (1986). *Identités collectives et changements sociaux*. Toulouse. Privat.
- THOMPSON, E. P. (1998 /1979). *Tradición, revuelta y consciencia de clase. Estudios sobre la crisis de la sociedad industrial*. Barcelona: Editorial Crítica.

- THOMPSON, E. P. (1967). "Time, Work-discipline and Industrial Capitalism". *Past and Present* 36: 52-97.
- TOBLER, C. (1996). "Procreation time: pregnancy and childbirth in EC sex equality law." *Time and Society* 5 (3): 363-383.
- TOFFLER, A. (1980). *The Thrid Wave*. William Morrow.
- TORGAL, L. R. (1999). *A Universidade e o Estado Novo: O Caso de Coimbra 1926-1961*. Coimbra: Minerva.
- TOULOUSE, L.M.J.-M. (1993). *A investigação nas ciências sociais*. Presença.
- TURNER, B. S., Ed. (1996). *Teoria Social*. Miraflores: Difel.
- URRY, J. et SHELLER, M. (2003). "Mobile transformations of "public" and private Life", *Theory, Culture and Society* Vol. 20 (3): 107-125.
- URRY, J. (2002). "Mobility and proximity", *Sociology*, vol. 36(2): 255-274
- URRY, J. (2000). *Sociology beyond societies: mobilities for the twenty-first century*. London: Routledge (International library of sociology).
- WEBER, M. (1948/1997). "The meaning of discipline". *From Max Weber: essays in sociology*. H. G. a. C. W. Mills. London: Routledge: 253-265.
- WEBER, M. (1905). *L'Ethique protestante et l'esprit du capitalisme*. Paris: Plon.
- WHITROW, G. J. (1988). *Time in History: Views of Time from Prehistory to the Present Day*. Oxford: University Press
- YLIJOKI, O.-Helena et Mäntylä, H. (2003). "Conflicting Time Perspectives in Academic Work", *Time and Society*, 12(1): 55-78
- ZARIFIAN, F. (2000). *Temps et Modernité*. Paris: Harmattan.

ZERUVABEL, E. (1985). *The seven day cycle*. Chicago: The University of Chicago press.

ANEXOS

HIPÓTESES DE TRABALHO

Relação com o tempo:

- O grau de controlo do tempo por parte dos docentes universitários depende de tácticas de gestão do tempo como é o caso da elaboração de planos de trabalho.
- A forma como se apropria o espaço (enquanto táctica de organização temporal) condiciona o modo como se usa o tempo.
- As estratégias de acção sobre o tempo são condicionadas pela variável género.

Relação com a Carreira/profissão:

- As representações sociais positivas face à profissão dependem sobretudo da possibilidade dos docentes universitários gerirem o tempo de uma forma autónoma.

GUIÃO DE ENTREVISTA

(PROFESSORES AUXILIARES)

- **Percurso Profissional**

- . ano de entrada na U. Minho
- . categoria com que entrou na universidade
- . percurso profissional anterior
- . motivos da escolha da profissão
- . Provas, mestrado, doutoramento....
- . tempo que esperou para entrar nesta categoria depois do doutoramento

- **Representações da profissão**

- . especificidades: vantagens/desvantagens
- . comparação com outras profissões/áreas/categorias/género, etc.
- . opinião sobre a prática da docência, investigação, funções administrativas ou de gestão, etc.
- . o que mudaria ao nível do regulamento da carreira académica
- . pensa mudar de profissão ou não

- **A prática da profissão / tempo de trabalho**

- . funções que desempenha na instituição
- . (quantidade de) projectos em que está envolvido
- . locais onde desenvolve o seu trabalho
- . tempo que dedica às diferentes actividades profissionais (por imposição, necessidade, prazer...)

. percepção do tempo (passa depressa, devagar, não controla, controla, o relógio... etc.)

. as especificidades inerentes á categoria em que se encontra (o que mudou em termos de tarefas, de formas de organização dos tempos, o que aconteceu ás expectativas que eventualmente tinha, vantagens e desvantagens que esta categoria implica)

. a importância que teve a conclusão do doutoramento (o título, o reconhecimento, status, etc.?)

. principais dificuldades da profissão (ou da categoria)

. grau de planificação das actividades

. a questão da rotina / irregularidade das práticas

. O género: opinião sobre...

. a questão da autonomia (se gosta de (ou pode) tomar as decisões sozinha, sente-se muito controlada ou não...

. a questão da competição...

. continua a sentir que está a ser avaliada pelo seu trabalho, ou não? Que tipo de avaliação. (o que acha que esperam de si)

• **Tempo privado/ tempo de lazer**

. quantidade de tempo dedicado a tarefas do lar ou á família

. quantidade de tempo dedicado ao lazer (o que é para si tempo de lazer)

. actividades extra profissionais (lazer, tempo para si, pertença a associações, etc.)

. facilidade/dificuldade em separar tempo de trabalho do tempo de não trabalho.

. o dia típico /ou a semana típica / fim de semana... (a questão da rotina...)

. o género: opinião sobre ... (a questão dos filhos, da casa, do marido ou companheiro, etc...)

. se fez “sacrifícios” em função da profissão, quais, porquê? Quais os mais dolorosos...?

- **Percepção do Futuro**

. Faz planos (a curto, longo ou médio prazo)

. o que mais o preocupa

. se está ainda a prever ter que vir a abdicar de muita coisa em função da profissão...(se está disposto a isso)

- **Caracterização social**

. Habilitações / profissão do conjugue/companheiro

. profissão e habilitações dos pais

. Profissão/habilitações de irmãos, etc.

etc.

QUADRO DE ISOTOPIAS

CATEGORIA A - PERCURSSO PROFISSIONAL:

SEM ISOTOPIAS

CATEGORIA B- REPRESENTAÇÕES DA PROFISSÃO

ISOTOPIA B1 - ESCOLHA DA PROFISSÃO

ISOTOPIA B2 - VANTAGENS DA PROFISSÃO

ISOTOPIA B3 - DESVANTAGENS DA PROFISSÃO

ISOTOPIA B4 - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA PROFISSÃO

CATEGORIA C - CATEGORIA PROFISSIONAL

ISOTOPIA C1- O QUE MUDOU COM A ENTRADA NA CATEGORIA

CATEGORIA D - RELAÇÃO COM O TEMPO/ESPAÇO

ISOTOPIA D1 - TEMPO DE TRABALHO/TEMPO LIVRE

ISOTOPIA D2 - A QUESTÃO DO GÊNERO

ISOTOPIA D3 - ANTES E DEPOIS DO DOUTORAMENTO

ISOTOPIA D4 - A QUESTÃO DO ESPAÇO

ISOTOPIA D5 - O FUTURO

**ESQUEMAS DE ISOTOPIAS
DAS
ENTREVISTAS**

**ESQUEMA DE ISOTOPIAS
E1 - ALICE**

CATEGORIA B - REPRESENTAÇÕES DA PROFISSÃO

Isotopia B1 – Escolha da Profissão

Antes da licenciatura	Depois da licenciatura
Não queria ser professora	Queria ser professora universitária
Não pensava na carreira académica como opção	Pensava na carreira académica como opção
Não pensava na investigação	Pensava em fazer investigação
Ensino secundário sem vertente investigação	Ensino superior com a vertente de investigação

Isotopia B2 – Vantagens da Profissão

Horários de trabalho flexíveis	Horários de trabalho rígidos
Autonomia na gestão do tempo	Falta de autonomia na gestão do tempo
Sentimento de ser “dona do tempo”	Sentimento de “não ser dona do tempo”

Isotopia B3 – Desvantagens da Profissão

Horário flexível	Horário rígido
Sobreposição de tempos (dificuldade em “desligar”)	Separação de tempos (mais facilidade em “desligar”)
exige mais auto-controle/auto-disciplina	Exige menos auto-controle/auto-disciplina
Mais responsabilidade	Menos responsabilidade
Avaliação constante	Avaliação não é constante

Isotopia B4 – Representações da profissão

Representações coincidem com a sua auto-imagem	Representações não coincidem com a sua auto-imagem
Privilegiados pelo horário flexível	Não privilegiados pelo horário flexível
Podem trabalhar em casa	Não podem trabalhar em casa
Bons vencimentos	Maus vencimentos
Prestígio social (tratados com distinção, intelectualidade)	Prestígio social ausente (não tratados com distinção, intelectualidade)

CATEGORIA C - CATEGORIA PROFISSIONAL

Isotopia C1 - O que mudou com a entrada na categoria

Após entrada na categoria	Antes da entrada na categoria
Maior reconhecimento académico	Menor reconhecimento académico
Acesso a redes sociais internas à universidade	Isolamento relativamente a certas redes sociais internas à universidade
Maior envolvimento em actividades administrativas e de gestão (acrécimo de trabalho)	Menor envolvimento em actividades administrativas e de gestão (acrécimo de trabalho)
Menos tempo para dedicar à investigação	Mais tempo para dedicar à investigação
Decepção face às expectativas criadas relativamente à disponibilidade para investigar	Expectativas relativamente à disponibilidade para investigar alcançadas
Mais reuniões	Menos reuniões
Menos tempo livre	Mais tempo livre

CATEGORIA D - RELAÇÃO COM O TEMPO E O ESPAÇO

Isotopia D1 - Tempo de Trabalho / Tempo livre

Carga horária muito elevada	Carga horária não elevada
Dedica frequentemente fins-de-semana e feriados ao trabalho	Não dedica frequentemente fins-de-semana e feriados ao trabalho
Sentimento frequente de que deveria estar a fazer outra coisa noutro local.(remorsos)	Não existe o sentimento frequente de que deveria estar a fazer outra coisa noutro local (remorsos)
Necessidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo	Não tem necessidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo
Abdica muito da vida pessoal em função da profissão	Não abdica muito da vida pessoal em favor da profissão
Tempo livre muito escasso	Tempo livre suficiente

Isotopia D2 - A questão do género

Ser mulher casada ou solteira não influencia em nada o percurso académico e a forma como se gere o tempo	Ser mulher casada ou solteira influencia negativamente o percurso académico e a forma como se gere o tempo
Ser mãe com filhos a seu cargo condiciona negativamente a carreira académica e a forma como se gere o tempo.	Ser mãe com filhos a seu cargo não condiciona em nada a carreira académica e a forma como se gere o tempo.

Isotopia D3 - Antes e depois do doutoramento

Antes do doutoramento	Depois do doutoramento
Maior autonomia na gestão do tempo	Menor autonomia na gestão do tempo
Espectativas positivas face ao aumento de tempo livre	Expectativas negativas face ao aumento do tempo livre
Tempo pouco fragmentado	Tempo muit fragmentado
Sensação de que o tempo passa devagar	Sensação de que o tempo passa depressa
Necessidade de prolongar o tempo de trabalho~para a noite e fins-de-semana não existente	Necessidade de prolongar o tempo de trabalho para a noite e fins-de-semana
Menor esforço ao nível da auto-disciplina	Maior esforço ao nível da auto-disciplina

Isotopia D4 – A questão do Espaço

Trabalhar em casa sempre que não tem solicitações na universidade	Nunca trabalhar em casa
No espaço domestico corre-se o risco da dispersão devido às tarefas domésticas	No espaço doméstico não se corre o risco de dispersão
Espaço do gabinete na UM sujeito a constantes interrupções	Espaço do gabinete na UM não sujeito a interrupções

Isotopia D5 – O futuro

Constituir família	Não constituir família
Ter filhos	Não ter filhos
Abrandamento no trabalho	Não abrandamento no trabalho

**ESQUEMA DE ISOTOPIAS
E2 – HELDER**

CATEGORIA B – REPRESENTAÇÕES DA PROFISSÃO

Isotopia B1 – Escolha da Profissão

Antes de iniciar o doutoramento no estrangeiro	Depois de iniciar o doutoramento no estrangeiro
Não via a carreira académica como opção	Via a carreira académica como opção
Pretendia permanecer no estrangeiro	Não pretendia permanecer no estrangeiro
Pressão da família para regressar ao seu país	Não pressão da família para regressar ao país
Entrada na UM antes de terminar o doutoramento no estrangeiro	Não entrada na UM antes de terminar o doutoramento no estrangeiro

Isotopia B2 – Vantagens da Profissão

Horário de Trabalho flexível	Horário de trabalho rígido
Facilidade no acesso ao conhecimento	Dificuldade no acesso ao conhecimento
Salário bom	Salário fraco
Possibilidade de trabalhar em casa	Impossibilidade de trabalhar em casa
Não necessita de dar satisfações a muita gente (autonomia)	Necessita de dar satisfações a muita gente (falta de autonomia)

Isotopia B3 – Desvantagens da Profissão

A carreira no sector privado oferece	A carreira no sector público
Oferece melhores condições (físicas) de trabalho	Não oferece melhores condições físicas de trabalho

Isotopia B4 – Representações da profissão

Existe uma representação positiva da sua profissão	Existe uma representação negativa da profissão
Professor universitário visto como uma pessoa estudiosa, um expert	Professor universitário visto como uma pessoa não estudiosa, não é um expert
Existe a ideia de que os professores universitários têm muito tempo livre	Existe a ideia de que os professores universitários não têm muito tempo livre
Viagens de trabalho associadas a passeios	Viagens de trabalho não associadas a passeios

CATEGORIA C - CATEGORIA PROFISSIONAL

Isotopia C1 – O que mudou com a entrada na categoria

Antes de entrar na categoria	Depois de entrar na categoria
Sentia muita pressão relativamente à sua situação na universidade	Sentiu alívio relativamente à sua situação na universidade
Investigação de grande porte	Pequenas investigações
Sobrecarregado de tarefas	Ainda mais sobrecarregado de tarefas
Manos reuniões	Mais reuniões

CATEGORIA D - RELAÇÃO COM O TEMPO E O ESPAÇO

Isotopia D1 – Tempo de Trabalho / Tempo livre

Estabelece um horário de trabalho	Não estabelece um horário de trabalho
Planifica o tempo livre	Não planifica o tempo livre
Tempo passa depressa	Tempo não passa depressa
Existem períodos de trabalho críticos	Não existe períodos de trabalho críticos
Trabalha à noite e fins-de-semana	Não trabalha à noite nem aos fins de semana

Isotopia D2 – A questão do género

A mulher tem mais dificuldade em conciliar a vida familiar e profissional do que os homens.	A mulher tem a mesma dificuldade em conciliar a vida profissional e familiar do que os homens.
A carreira é mais difícil para mulheres com filhos	A carreira não é mais difícil para mulheres com filhos

Isotopia D3 – Antes e depois do doutoramento

Antes do doutoramento	Depois do doutoramento
Quem faz o doutoramento no estrangeiro tem mais disciplina.	Quem faz o doutoramento em Portugal não tem tanta disciplina.
Possuía muito tempo	Possui pouco tempo
Mais liberdade de acção	Menos liberdade de acção

Isotopia D4 – A questão do Espaço

Trabalhar em casa	Trabalhar na universidade
Há sossego	Não há sossego
Mais condições físicas	Menos condições físicas
Distrai-se mais com tarefas domésticas	Distrai-se menos da universidade
Está menos contactável	Está mais contactável

Isotopia D5 – O futuro

Preocupa-se com o aumento das tarefas administrativas	Não se preocupa com o aumento das tarefas administrativas
Preocupa-se com a qualidade do seu trabalho	Não se preocupa com a qualidade do seu trabalho
Pretende ter mais tempo para a investigação	Não pretende ter mais tempo para a investigação

**ESQUEMA DE ISOTOPIAS
E3 – TERESA**

CATEGORIA B – REPRESENTAÇÕES DA PROFISSÃO

Isotopia B1 – Escolha da Profissão

Antes da entrada na UM	Depois da entrada na UM
Professora em colégio particular	Professora universitária
Não tinha a vertente de investigação	Tem a vertente de investigação
Optou por sair do colégio privado	Optou por entrar na carreira universitária

Isotopia B2 – Vantagens da Profissão

Carreira no privado	Carreira na universidade
Acesso vedado à informação das bibliotecas da universidade	Acesso livre à informação das bibliotecas da universidade
Não mestrado/não doutoramento	Mestrado/doutoramento
Não abre portas ao saber	Abre as portas ao acesso ao saber
Projectos não ligados à universidade	Projectos ligados à universidade

Isotopia B3 – Desvantagens da Profissão

Carreira no privado	Carreira na universidade
Rede de amigos	Ausência de amigos
Pouca competição	Muita competição
Progressão por mérito	Progressão sem ser por mérito
Vale a pena ser bom profissional	Não vale a pena ser bom profissional
Não exige muita auto-disciplina	Exige muita auto-disciplina
Não exige dedicação exclusiva	Exige dedicação exclusiva
Não impede a aplicação da teoria à prática	Impede a aplicação da teoria à prática

Isotopia B4 – Representações da profissão

Falta de reconhecimento do esforço que a carreira exige, por parte dos que estão fora dela.	Reconhecimento do esforço que a carreira exige, por parte dos que estão fora dela.
Professores universitários vistos como privilegiados devido à questão da flexibilidade de horários.	Os Professores universitários não são vistos como privilegiados devido à questão da flexibilidade de horários.

CATEGORIA C - CATEGORIA PROFISSIONAL

Isotopia C1 – O que mudou com a entrada na categoria

Depois da entrada na categoria actual	Antes da entrada na categoria actual
Acréscimo de reuniões pouco produtivas	Não acréscimo de reuniões pouco produtivas
Menos tempo para dedicar à investigação	Mais tempo para dedicar à investigação
Assumiu responsabilidades científicas pelas cadeiras que leccionava	Não assumiu responsabilidade científica pelas cadeiras que leccionava

CATEGORIA D - RELAÇÃO COM O TEMPO E O ESPAÇO

Isotopia D1 – Tempo de Trabalho / Tempo livre

Não necessita trabalhar à noite	Necessita trabalhar à noite
Não trabalha fins-de-semana	Trabalha fins-de-semana
Auto-disciplina	Flata de auto-disciplina
Não sobret-posição de tempos	Sobreposição de tempos
Desliga-se facilmente do trabalho	Não se desliga facilmente do trabalho
Tempo para aproveitar	Tempo para recuperar

Isotopia D2 – A questão do género

Ter filhos	Não ter filhos
Ter filhos é o factor que mais condiciona a forma como se vive os tempos	Ter filhos não é o factor que mais condiciona a forma como se vive os tempos.

Isotopia D3 – Antes e depois do doutoramento

Antes do doutoramento	Depois do doutoramento
Medo na gestão do tempo	Não medo na gestão do tempo
Medo de dispersar	Não medo de dispersar
Estabelecer um horário	Não estabelecer um horário
Adaptar as horas de trabalho às exigências dos filhos	Não adaptar as horas às exigências dos filhso
Necessidade de grande auto-disciplina	Não necessidade de auto-disciplina

Isotopia D4 – A questão do Espaço

Trabalhar na universidade	Trabalhar em casa
Não trabalhar bem	Trabalhar bem
Distrai-se com colegas de gabinete e com chamadas telefónicas	Não se distrai com colegas de gabninet nem com chamadas telefónicas
Não se distrai com outras coisas	Distrai-se com outras coisas
Divide o espaço de trabalho	Não divide o espaço de trabalho
Prefere trabalhar na universidade	Prefere trabalhar em casa

Isotopia D5 – O futuro

Preocupação com problemas com os filhos	Não preocupação com problemas com os filhos
Insegurança financeira	Segurança financeira
Filhos não sabem aquilo que querem ser	Filhos sabem aquilo que querem ser
Não reformada	Reformada
Não trabalhar directamente com crianças (consulta psicológica)	Trabalhar directamente com crianças(consulta psicológica)

**ESQUEMA DE ISOTOPIAS
E4 – CARLOS**

CATEGORIA B – REPRESENTAÇÕES DA PROFISSÃO

Isotopia B1 – Escolha da Profissão

Antes de entrar na um	Depois de entrar na um
Não previa carreira universitária	Prevvia carreira unviersitária
Iniciou carreira no privado	Não iniciou carreira no privado
Concorreu à UM antes de defender o doutoramento	Entrou na UM antes de defender o doutoramento

Isotopia B2 – Vantagens da Profissão

Acesso Ao Conhecimento e à Auto-Formação	Não Acesso Ao Conhecimento e à Auto Formação
Muito contacto com pessoas mais novas	Pouco contacto com pessoas mais novas
Estabilidade profissional	Instabilidade profissional
Flexibilidade de horários	Inflexibilidade de horários
liberdade ao nível da escolha da área de trabalho	Não liberdade ao nível da escolha da área de trabalho

Isotopia B3 – Desvantagens da Profissão

Dentro da carreira académica	Fora da carreira académica
Está-se constantemente a ser avaliado	Não se está a ser constantemente avaliado

Isotopia B4 – Representações da profissão

Profissão fácil	Profissão difícil
Docentes universitários vistos como intelectuais	Docentes universitários vistos como não intelectuais

CATEGORIA C – CATEGORIA PROFISSIONAL

Isotopia C1 – O que mudou com a entrada na categoria

Antes da entrada na categoria	Depois da entrada na categoria
Não podia orientar trabalhos	Podé orientar trabalhos
Não era convidado para fazer parte de Júris	E convidado para fazer parte de júris
Menos tarefas administrativas	Mais tarefas administrativas

CATEGORIA D – RELAÇÃO COM O TEMPO E O ESPAÇO

Isotopia D1 – Tempo de Trabalho / Tempo livre

Planifica o tempo	Não planifica o tempo
Trabalha demais	Não trabalha demais
Pensa no trabalho durante o tempo livre	Não pensa no trabalho durante o tempo livre
Má relação com o tempo	Boa relação com o tempo

Isotopia D2 – A questão do género

A mulher é mais penalizada com tarefas domésticas do que o homem.	A mulher não é mais penalizada com as tarefas domésticas do que o homem.
---	--

Isotopia D3 – Antes e depois do doutoramento

Antes do doutoramento	Depois do doutoramento
Não tinha filhos	Tem filhos
Fazia desporto	Não faz desporto
Trabalhava à noite e ao fim de semana	Não trabalha à noite nem ao fim de semana
Tinha mais tempo	Tem menos tempo

Isotopia D4 – A questão do Espaço

Em casa	Na universidade
Não precisa de se deslocar	Precisa de se deslocar
Tem um espaço só para si	Não tem um espaço só para si
Mais livros e mais acessíveis	Menos livros e menos acessíveis
Mais possibilidade de se concentrar	Menos possibilidade de se concentrar

Isotopia D5 – O futuro

Deseja subir de categoria profissional	Não deseja subir de categoria profissional
Deseja mais reconhecimento profissional	Não deseja mais reconhecimento profissional

**ESQUEMA DE ISOTOPIAS
E5 – ALEXANDRA**

CATEGORIA B – REPRESENTAÇÕES DA PROFISSÃO

Isotopia B1 – Escolha da Profissão

Sempre gostou na docência e investigação	Nunca gostou da docência e investigação
Planeou a sua entrada na carreira académica	Não planeou a sua entrada na carreira académica

Isotopia B2 – Vantagens da Profissão

Na carreira académica	Fora da carreira académica
Possibilidade de fazer investigação	Impossibilidade de fazer investigação

Isotopia B3 – Desvantagens da Profissão

Muita competição científica	Pouca competição científica
Dificuldade em conciliar a investigação e docência	Facilidade em conciliar investigação e docência
Excesso de solicitações de trabalho	Poucas solicitações de trabalho
Exige grandes sacrifícios pessoais e familiares	Não exige grande sacrifícios pessoais e familiares
Corre-se o risco de se trabalhar sem prazer (sem gostar do que faz)	Não se corre o risco de se trabalhar sem prazer (sem gostar do que faz)

Isotopia B4 – Representações da profissão

Para os amigos ela trabalha muito	Para os amigos ela trabalha pouco
Para os desconhecidos os professores universitários trabalham pouco	Para os desconhecidos os professores universitários trabalham muito
Para as pessoas de extractos sociais mais baixos os professores universitários são vistos como "iluminados"	Para as pessoas de extractos sociais mais baixos os professores não são vistos como "iluminados"

CATEGORIA C – CATEGORIA PROFISSIONAL

Isotopia C1 – O que mudou com a entrada na categoria

Já entrou na UM com a categoria	Não entrou na UM com a categoria
Depois de entrar na UM	Antes de entrar na UM
Muitas tarefas administrativas	Poucas tarefas administrativas
Pouco tempo para investigar	Muito tempo para investigar

CATEGORIA D – RELAÇÃO COM O TEMPO E O ESPAÇO

Isotopia D1 – Tempo de Trabalho / Tempo livre

Trabalha demais	Não trabalha de mais
Chega sempre tarde a casa	Não chega tarde a casa
Usa a agenda para planificar os seus dias de trabalho	Não usa a agenda para planificar os seus dias de trabalho
Inclui na agenda compromissos familiares	Não inclui na agenda compromissos familiares

Isotopia D2 – A questão do género

As mulheres valorizam mais a família	As mulheres não valorizam mais a família
É mais difícil para as mulheres gerir o tempo	Não é mais difícil para as mulheres gerir o tempo
As mulheres casadas têm menos tempo para a carreira profissional	As mulheres casadas não têm menos tempo para a carreira profissional

Isotopia D3 – Antes e depois do doutoramento

Antes do doutoramento	Depois do doutoramento
Conseguia impor disciplina a si própria	Não consegue impor disciplina a si própria
Tinha tempo para si	Não tem tempo para si
Lia livros não técnicos	Não lê livros não técnicos
Mais entusiasmo pelo trabalho	Menos entusiasmo pelo trabalho
Mais tempo livre	Menos tempo livre

Isotopia D4 – A questão do Espaço

Em casa	Na universidade
Distrai-se mais	Distrai-se menos
Sente que devia estar noutra local quando está em tempo de lazer 8e vice-versa)	Não sente que devia estar noutra local quando está em tempo de lazer (ou vice-versa)

Isotopia D5 – O futuro

Preocupa-a ser boa mãe	Não a preocupa ser boa mãe
Continuar a trabalhar na UM	Não se preocupa em continuar a trabalhar na UM
Preocupa-se em manter a qualidade no trabalho	Não se preocupa em manter a qualidade no trabalho

**ESQUEMA DE ISOTOPIAS
E6 – CARLOTA**

CATEGORIA B – REPRESENTAÇÕES DA PROFISSÃO

Isotopia B1 – Escolha da Profissão

Antes da entrada na faculdade (licenciatura)	Depois da entrada na faculdade (licenciatura)
Não pretendia seguir a carreira académica	Pretendia seguir a carreira académica
Não possui muito interesse pela área da investigação	Possuía muito interesse pela área de investigação

Isotopia B2 – Vantagens da Profissão

Na carreira académica	Fora da carreira académica
Maior autonomia (liberdade de acção)	Menor autonomia (menor liberdade de acção)
Mais diversidade de tarefas a desempenhar	Menos diversidade de tarefas a desempenhar

Isotopia B3 – Desvantagens da Profissão

Na carreira académica	Fora da carreira académica
Não existe horário fixo	Existe horário fixo
Maior descontrolo da gestão do tempo	Menor descontrolo na gestão do tempo
Muito volume de trabalho	Pouco volume do trabalho
Insegurança na carreira	Segurança na carreira
Trabalha-se sobre pressão (prazos)	Não se trabalha sobre pressão (prazos)
Muita competição	Pouca competição

Isotopia B4 – Representações da profissão

Dentro da carreira universitária	Fora da carreira universitária
Gosta da profissão	Não gosta da profissão
Mais vantagens que desvantagens	Mais desvantagens que vantagens
Muita competição	Pouca competição
Mais insegurança	Menos insegurança
Exige abdicar de muitas coisas importantes	Não exige abdicar de muitas coisas importantes

CATEGORIA C - CATEGORIA PROFISSIONAL

Isotopia C1 – O que mudou com a entrada na categoria

Depois de entrar na categoria	Antes de entrar na categoria
Tempo passa muito depressa	Tempo não passa muito depressa
Mais diversidade de tarefas	Manos diversidade de tarefas
Menos protecção	Mais protecção
Mais conflitos	Menos conflitos
Mais exigências no trabalho	Menos exigências no trabalho
Mais segurança	Menos segurança
Mais autonomia	Menos autonomia
Mais trabalho	Menos trabalho
Menos tempo	Mais tempo

CATEGORIA D - RELAÇÃO COM O TEMPO E O ESPAÇO

Isotopia D1 – Tempo de Trabalho / Tempo livre

Faz planos para o dia e para a semana	Não faz planos
Trabalha aos fins de semana e à noite	Não trabalha ao fim de semana e à noite
Não consegue separar o tempo pessoal/familiar do profissional	Consegue separar o tempo pessoal/familiar do profissional

Isotopia D2 – A questão do género

Carreira mais penalizadora para a mulher	Carreira não é mais penalizadora para a mulher
A mulher investe na família e na carreira ao mesmo tempo	A mulher não investe na família e na carreira ao mesmo tempo

Isotopia D3 – Antes e depois do doutoramento

Antes do doutoramento	Depois do doutoramento
Boas expectativas relativamente ao que ia fazer profissionalmente	Más expectativas relativamente ao que vai fazer profissionalmente
Pensava não ter de trabalhar aos fins-de-semana e a noite depois do doutoramento	Trabalha os fins-de-semana e a noite
Menos tarefas burocráticas	Mais tarefas burocráticas
Mais tempo apra investigação	Menos tempo para investigação
Facilidade em se auto disciplinar	Dificuldade em se auto disciplinar

Isotopia D4 – A questão do Espaço

Em casa	Na universidade
Mais privacidade	Menos privacidade
Pouca gente	Muita gente
Distrai-se mais	Distrai-se menos

Isotopia D5 – O futuro

Preocupa-se com a segurança	Não se preocupa com a segurança.
-----------------------------	----------------------------------

**ESQUEMA DE ISOTOPIAS
E7 - HENRIQUE**

CATEGORIA B - REPRESENTAÇÕES DA PROFISSÃO

Isotopia B1 – Escolha da Profissão

Antes da licenciatura	Depois da licenciatura
Não pensava na carreira académica como profissão	Pensava na carreira académica como profissão
Engenheiro no privado	Docente universitário

Isotopia B2 – Vantagens da Profissão

Na Universidade	No privado
Maior acesso ao conhecimento	Menor acesso ao conhecimento
Pode ensinar	Não podia ensinar
Pode investigar	Não podia investigar
Faz palestras	Não fazia palestras
Maior possibilidade de conhecer pessoas	Menor possibilidade de conhecer pessoas

Isotopia B3 – Desvantagens da Profissão

Na unviersidade	No rpivado
Exige muitas horas de trabalho	Não exige muitas horas de trabalho
Exihe mais auto controle	Exige menos auto controle
Pior salário	Melhor salário
Muita competitividade	Pouca competitividade
Não reconhecimento do esforço (om o ensino e tarefas administrativas)	Reconhecimento do esforço

Isotopia B4 – Representações da profissão

Hetero-representação – docentes universitários têm muito tempo livre	Hetero-representação – docentes unviersitarios não têm muito tempo livre
Auto-representação - desprestigiante	Auto-representação - prestigiante

CATEGORIA C - CATEGORIA PROFISSIONAL

Isotopia C1 – O que mudou com a entrada na categoria

Após entrada na categoria	Antes da entrada na categoria
Maior reconhecimento académico	Menor reconhecimento académico
Acesso a redes sociais internas à universidade	Isolamento relativamente a certas redes sociais internas à universidade
Maior envolvimento e perda de tempo com actividades administrativas e de gestão (acréscimo de trabalho)	Menor envolvimento e perda de tempo com actividades administrativas e de gestão (acréscimo de trabalho)
Menos tempo para dedicar à investigação	Mais tempo para dedicar à investigação
Decepção face às expectativas criadas relativamente à disponibilidade para investigar	Expectativas relativamente à disponibilidade para investigar alcançadas
Mais reuniões	Menos reuniões
Menos tempo livre	Mais tempo livre

CATEGORIA D - RELAÇÃO COM O TEMPO E O ESPAÇO

Isotopia D1 – Tempo de Trabalho / Tempo livre

Trabalha demais	Não trabalha de mais
Não tem agenda, mas escreve o k tem de fazer	Tem agenda e não escreve o k tem de fazer
Pretende fazer um curso de gestão do tempo	Não pretende fazer um curso de gestão do tempo
Má relação com o tempo	Boa relação com o tempo
Trabalha ao fim de semana	Não trabalha ao fim de semana
Não sabe dizer “chega” ou “não”	Sabe dizer “chega” ou “não”
É muito frequente levar trabalho para casa	Não é muito frequente levar trabalho para casa

Isotopia D2 – A questão do género

Depende do perfil da pessoa	Não depende do perfil da pessoa
Quem dedica mais tempo à família é penalizado na carreira porque tem menos tempo para investigar	Quem dedica mais tempo à família não é penalizado porque isso não se reflecte no tempo para investigar.

Isotopia D3 – Antes e depois do doutoramento

Antes do doutoramento	Depois do doutoramento
A sua opinião não era considerada	A sua opinião é considerada
Não tinha acesso a cargos de direcção	Tem acesso a cargos de direcção

Isotopia D4 – A questão do Espaço

Em casa	Na universidade
A maior parte das vezes trabalha em casa	A maior parte das vezes trabalha na UM
Escolhe o espaço em função das actividades	Não escolhe o espaço em função das actividades
Mais sossego	Menos sossego

Isotopia D5 – O futuro

Pretende ter mais tempo livre	Não pretende ter mais tempo livre
Pretende constituir família	Não pretende constituir família
Mais tempo para a vida pessoal	Menos tempo para a via pessoal
Ter filhos	Não ter filhos

**ESQUEMA DE ISOTOPIAS
E8 - NUNO**

CATEGORIA B – REPRESENTAÇÕES DA PROFISSÃO

Isotopia B1 – Escolha da Profissão

Antes da entrada na carreira	Depois da entrada na carreira
Professor no secundário	Professor no ensino superior
Ausência da vertente de investigação	Vertente de investigação

Isotopia B2 – Vantagens da Profissão

Dentro da carreira académica	Fora da carreira académica
Mais oportunidades de realização pessoal	Menos oportunidades de realização pessoal
Maior facilidade para exercer investigação (um desafio, uma paixão)	Menor facilidade para exercer investigação

Isotopia B3 – Desvantagens da Profissão

Na carreira académica	Fora da carreira académica
Meio muito fechado em si mesma	Meio pouco fechado em si mesmo
Dificuldade em contactar com o exterior	Facilidade em contactar com o exterior
Meio Elitista	Meio não elitista

Isotopia B4 – Representações da profissão

Docentes universitários	Docentes não universitários
Professores com boa remuneração	Professores com má remuneração
Sanem muito - intelectuais	Não sabem muito – não são intelectuais

CATEGORIA C - CATEGORIA PROFISSIONAL

Isotopia C1 – O que mudou com a entrada na categoria

Antes da entrada na categoria	Depois da entrada na categoria
Menos tarefas burocráticas	Mais tarefas burocráticas

CATEGORIA D - RELAÇÃO COM O TEMPO E O ESPAÇO

Isotopia D1 – Tempo de Trabalho / Tempo livre

Faz planos	Não faz planos
Nem sempre cumpre o planeado	Cumpe sempre o planeado
Trabalha á noite	Não trabalha à noite

Isotopia D3 – Antes e depois do doutoramento

Antes do doutoramento	Depois do doutoramento
Trabalhou por impulsos	Não trabalhou por impulsos
Trabalha aos fins de semana	Trabalha aos fins de semana
Não colaborava na gestão da Um	Colabora na gestão da UM
Menos poder de decisão	Mais poder de decisão

Isotopia D4 – A questão do Espaço

Em casa	Na universidade
Trabalha mais em casa	Trabalha mais na universidade
Melhores condições físicas	Piores condições físicas
Tem um espaço só para ele	Não tem um espaço só para ele

Isotopia D5 – O futuro

Pretende concretizar planos de domínio editorial	Não pretende concretizar planos no domínio editorial
Pretende concretizar planos de investigação	Não pretende concretizar planos de investigação
Pretende ter mais tempo para a família	Não pretende ter mais tempo para a família

**ESQUEMA DE ISOTOPIAS
E9 - MARIANA**

CATEGORIA B – REPRESENTAÇÕES DA PROFISSÃO

Isotopia B1 – Escolha da Profissão

Teve outras oportunidades profissionais	Não teve outras oportunidades profissionais
Optou pela carreira académica	Não optou pela carreira académica

Isotopia B2 – Vantagens da Profissão

Horário flexível	Horário fixo
Satisfação pessoal	Não satisfação pessoal

Isotopia B3 – Desvantagens da Profissão

Carreira muito exigente (alguns sacrifícios)	Carreira pouco exigente (sem sacrifícios)
Esforço não reconhecido	Esforço reconhecido
Horário flexível	Horário rígido
Instabilidade profissional	Estabilidade profissional
Muitas horas de trabalho horária	Poucas horas de trabalho
Muita competição	Pouca competição

Isotopia B4 – Representações da profissão

Autonomia	Falta de autonomia
Muito tempo livre	Pouco tempo livre

CATEGORIA C – CATEGORIA PROFISSIONAL

Isotopia C1 – O que mudou com a entrada na categoria

Antes da entrada na categoria	Depois da entrada na categoria
Não tinha cargos administrativos	Tem cargos administrativos
Preocupava-se so com um tipo de tarefa	Preocupa-se com vários tipos de tarefas
Mais tempo livre	Menos tempo livre
Mais tempo apra investigação	Menos tempo para investigação

CATEGORIA D - RELAÇÃO COM O TEMPO E O ESPAÇO

Isotopia D1 – Tempo de Trabalho / Tempo livre

Trabalha demais	Não trabalha demais
Leva trabalho para casa	Não leva trabalho para casa
Difícil separar os dois tempos	Fácil separar os dois tempos
As vezes trabalha aos fins de semana	Nunca trabalha aos fins de semana
Não faz planos em termos de horas mas define os objectivos que pretende atingir	Faz planos em termos de horas
Tempo passa depressa	Tempo passa devagar
Está sempre muito ocupada	Não está sempre muito ocupada

Isotopia D2 – A questão do género

A carreira é mais fácil para os homens	A carreira não é mais fácil para os homens
Imagem de que os homens são mais disponíveis profissionalmente	Imagem de que os homens são menos disponíveis profissionalmente
A carreira é mais difícil para mulheres que têm filhos	A carreira não é mais difícil para mulheres que têm filhos

Isotopia D3 – Antes e depois do doutoramento

Antes do doutoramento	Depois do doutoramento
Sentia-se isolada, sozinha	Não se sente isolada nem sozinha
Dificuldade em gerir o tempo porque tinha filhos pequenos	Não dificuldade em gerir o tempo porque não tinha filhos pequenos
Não tinha cargos administrativos	Tem cargos administrativos
Preocupava-se so com um tipo de tarefa	Preocupa-se com vários tipos de tarefas
Mais tempo livre	Menos tempo livre
Mais tempo para investigação	Menos tempo para investigação
Não tinha voz nos órgãos de decisão	Tem voz nos órgãos de decisão

Isotopia D4 – A questão do Espaço

Prefere a casa	Prefere a universidade
Tem mais tranquilidade	Não tem tranquilidade
Consegue concentrar-se	Não consegue concentrar-se
Escolhe o espaço em função das tarefas	Não escolhe o espaço em função das tarefas

Isotopia D5 – O futuro

Preocupa-se com a insegurança no trabalho	Não se preocupa com a insegurança no trabalho
Pretende chegar a professora catedrática	Nã pretende chegar a professora catedrática
Pretende dedicar mais tempo à investigação	Pretende dedicar amis tempo à investigação
Pretende ter mais tempo para a família	Não pretende ter mais tempo para a família
Pretende ter mais tempo para si	Não pretende ter mais tempo para si

**ESQUEMA DE ISOTOPIAS
E10 - SÉRGIO**

CATEGORIA B - REPRESENTAÇÕES DA PROFISSÃO

Isotopia B1 – Escolha da Profissão

Na carreira académica	Fora da carreira académica
Mais oportunidades para fazer investigação	Menos oportunidades para fazer investigação

Isotopia B2 – Vantagens da Profissão

Na carreira académica	Fora da carreira académica
Flexibilidade de horários	Inflexibilidade de horários
Maior autonomia	Menor autonomia
Maior contacto com o conhecimento	Menor contacto com o conhecimento

Isotopia B3 – Desvantagens da Profissão

Na carreira académica	Fora da carreira académica
Falta de recursos para o exercício da investigação	Não existe falta de recursos para o exercício da investigação
Falta de recursos para o exercício da docência	Não existe falta de recursos para o exercício da docência
Trabalha-se muito produz-se pouco (organização errada do tempo)	Trabalha-se pouco produz-se muito (organização errada do tempo)

Isotopia B4 – Representações da profissão

Os que estão dentro da carreira	Os que estão fora da carreira
Tendência a ver só as desvantagens	Tendência a ver só as vantagens

CATEGORIA C - CATEGORIA PROFISSIONAL

Isotopia C1 – O que mudou com a entrada na categoria

Antes de entrar na categoria	Depois de entrar na categoria
Não tinha cargos administrativos	Vai ter cargos administrativos

CATEGORIA D - RELAÇÃO COM O TEMPO E O ESPAÇO

Isotopia D1 – Tempo de Trabalho / Tempo livre

Trabalha de mais	Não trabalha demais
Chega muitas vezes tarde a casa	Não chega muitas vezes tarde a casa
Não consegue separar os dois tempos	Consegue separar os dois tempos
Leva trabalho para fazer em casa	Não leva trabalho para fazer em casa
Tempo passa depressa	O tempo não passa depressa
O tempo condiciona a competitividade	O tempo não condiciona a competitividade

Isotopia D2 – A questão do género

Existe discriminação por género	Não existe discriminação por género
A carreira é mais penalizadora para as mulheres	A carreira não é mais penalizadora para as mulheres

Isotopia D3 – Antes e depois do doutoramento

Antes do doutoramento	Depois do doutoramento
Mais fácil gerir o tempo	Mais difícil gerir o tempo
Só fazia uma coisa (investigação)	Faz várias coisas ao mesmo tempo
Sentia falta de tempo	Sente muito mais falta de tempo

Isotopia D4 – A questão do Espaço

Em casa	Na universidade
Não tem o laboratório	Tem o laboratório
Não tem material didáctico	Tem material didáctico
Não tem computador	Tem computadores

Isotopia D5 – O futuro

Preocupa-se com a instabilidade profissional	Não se preocupa com a instabilidade profissional
Preocupa-se com a família	Não se preocupa com a família
Responsabilidade com a investigação	Não responsabilidade com a investigação

**ESQUEMA DE ISOTOPIAS
E11 - FRANCISCO**

CATEGORIA B - REPRESENTAÇÕES DA PROFISSÃO

Isotopia B1 – Escolha da Profissão

Não planeou entrar na carreira	Planbeou entrar na carreira
Tinha boas classificações	Não tinha boas classificações
Concorreu e entrou na carreira	Não concorreu, não entrou na carreira

Isotopia B2 – Vantagens da Profissão

Na carreira académica	Fora da carreira académica
Maior oportunidade para progredir a nível científico	Menor oportunidade para progredir a nível científico
Existe a troca de saberes/acesso ao conhecimento	Não existe a troca de saberes/acesso ao conhecimento
Não existe rotina quotidiana	Existe uma rotina quotidiana

Isotopia B3 – Desvantagens da Profissão

Na carreira académica	Fora da carreira académica
Forçados a desempenhar funções de gestão	Não forçados a desempenhar funções de gestão
Maior dificuldade em controlar/gerir o tempo	Menor dificuldade em controlar/gerir o tempo

Isotopia B4 – Representações da profissão

Para quem está no meio académico	Para quem não está no meio académico
Existe a noção do esforço que se tem que fazer (na profissão e na elaboração das teses em particular)	Não existe a noção do esforço que se tem de fazer (na profissão e na elaboração das teses em particular)

CATEGORIA C - CATEGORIA PROFISSIONAL

Isotopia C1 – O que mudou com a entrada na categoria

Antes da entrada na categoria	Depois da entrada na categoria
Menos tarefas administrativas	Mais tarefas administrativas

CATEGORIA D - RELAÇÃO COM O TEMPO E O ESPAÇO

Isotopia D1 – Tempo de Trabalho / Tempo livre

Planifica a semana e os dias	Não planifica as semanas nem os dias
Utiliza os fins-de-semana para trabalhar	Não utiliza os fins-de-semana para trabalhar
Existem fases de trabalho mais apertadas	Não existem fases de trabalho mais apertadas

Isotopia D2 – A questão do género

Não consegue avaliar	Não consegue avaliar
----------------------	----------------------

Isotopia D3 – Antes e depois do doutoramento

Antes do doutoramento	Depois do doutoramento
Conseguia conciliar tempo livre e tempo de trabalho	Não consegue conciliar tempo livre e tempo de trabalho
Tinha tempo suficiente	Não tem tempo suficiente

Isotopia D4 – A questão do Espaço

Em casa	Na universidade
Melhores condições físicas	Piores condições físicas
Mais equipamentos	Menos equipamentos
Tem as “suas” coisas	Não tem as “suas” coisas
Mais sossego	Menos sossego
Menos interrupções	Mais interrupções
Está no seu espaço	Não está no seu espaço

Isotopia D5 – O futuro

Pretende apresentar provas para Prof. associado	Não pretende apresentar provas para Prof. associado
Pretende apresentar provas de agregação	Não pretende apresentar provas de agregação

**ESQUEMA DE ISOTOPIAS
E12 - JORGE**

CATEGORIA B - REPRESENTAÇÕES DA PROFISSÃO

Isotopia B1 – Escolha da Profissão

Antes de entrar na carreira	Depois de entrar na carreira
Optou pelo privado no estrangeiro	Não optou pelo privado no estrangeiro
Concorreu para a carreira por proximidade à residência	Não concorreu à carreira por proximidade à residência

Isotopia B2 – Vantagens da Profissão

Na carreira académica	Fora da carreira académica
Flexibilidade de horários	Inflexibilidade de horários
Maior autonomia	Menor autonomia
Maior contacto com o conhecimento	Menor contacto com o conhecimento

Isotopia B3 – Desvantagens da Profissão

Na carreira académica	Fora da carreira académica
Fraca remuneração	Boa remuneração
A pressão da avaliação é constante	A pressão da avaliação não é constante
Os critérios de avaliação não são claros	Os critérios de avaliação são claros
Existe muita rivalidade e competição	Não existe muita rivalidade e competição

Isotopia B4 – Representações da profissão

Para quem está no meio académico	Para quem não está no meio académico
Não existe a ideia que o professor universitário faz o que quer quando quer	Existe a ideia que o professor universitário faz o que quer quando quer
A imagem do professor não se tem deteriorado com o tempo	A imagem do professor universitário tem-se deteriorado com o tempo

CATEGORIA C - CATEGORIA PROFISSIONAL

Isotopia C1 – O que mudou com a entrada na categoria

Antes da entrada na categoria	Depois da entrada na categoria
Não tinha funções de gestão	Tem funções de gestão
Não ocupada o tempo com tarefas administrativas	Ocupa o tempo com tarefas administrativas
Tinha tempo para investigar	Não tinha tempo para investigar
Pensava vir a fazer investigação avançada	Não faz investigação avançada
Tarefas não cansativas	Tarefas cansativas

CATEGORIA D - RELAÇÃO COM O TEMPO E O ESPAÇO

Isotopia D1 – Tempo de Trabalho / Tempo livre

Trabalha muito fora de horas actualmente	Não trabalha muito fora de horas actualmente
Trabalha aos fins-de-semana	Não trabalha aos fins-de-semana
Não consegue separar o tempo livre do tempo de trabalho	Consegue separar o tempo livre do tempo de trabalho
Sente o tempo como não acumulável	Não sente o tempo como não acumulável
Faz planos para os dias	Não faz planos para os dias
Não consegue cumprir sempre os planos	Consegue cumprir sempre os planos
O tempo é um recurso não acumulável	O tempo é um recurso não acumulável

Isotopia D2 – A questão do género

Não identifica diferenças	Identifica diferenças
---------------------------	-----------------------

Isotopia D3 – Antes e depois do doutoramento

Antes do doutoramento	Depois do doutoramento
Mais disciplinado	Menos disciplinado

Isotopia D4 – A questão do Espaço

A opção em termos de espaço depende do tipo de tarefas	A opção em termos de espaço não depende do tipo de tarefas
Em casa	Na universidade
Mais fácil escrever artigos	Mais difícil escrever artigos
Não sofre muitas interrupções	Sofre muitas interrupções

Isotopia D5 – O futuro

Preocupa-se com a saúde	Não se preocupa com a saúde
Pretende preparar a nova casa	Não pretende preparar a nova casa
Pretende ter mais tempo para tratar do jardim	Não pretende ter mais tempo para tratar do jardim
Preocupa-se com a produtividade científica	Não se preocupa com a produtividade científica
Preocupa-se em dirigir a licenciatura com qualidade	Não se preocupa em dirigir a licenciatura com qualidade

**ESQUEMA DE ISOTOPIAS
E13 - BEATRIZ**

CATEGORIA B - REPRESENTAÇÕES DA PROFISSÃO

Isotopia B1 – Escolha da Profissão

Carreira académica	Carreira não académica
Possibilidade de exercer investigação	Impossibilidade de exercer investigação
Estabelecimento de novos contactos	Não estabelecimento de novos contactos

Isotopia B2 – Vantagens da Profissão

Na carreira académica	Fora da carreira académica
Flexibilidade de horários	Inflexibilidade de horários
Maior autonomia	Menor autonomia

Isotopia B3 – Desvantagens da Profissão

Na carreira académica	Fora da carreira académica
Sobrecarga de tarefas administrativas	Não sobrecarga de tarefas administrativas
Fraca remuneração	Boa remuneração
Obrigação de exclusividade	Não obrigação de exclusividade
Muita competição	Pouca competição

Isotopia B4 – Representações da profissão

Profissão exige sacrifícios	Profissão não exige sacrifícios
Profissão muito competitiva	Profissão pouco competitiva

CATEGORIA C - CATEGORIA PROFISSIONAL

Isotopia C1 – O que mudou com a entrada na categoria

Antes da entrada na categoria	Depois da entrada na categoria
Já tinha cargos administrativos	Manteve os cargos administrativos
Não sente diferenças	Não sente diferenças

CATEGORIA D - RELAÇÃO COM O TEMPO E O ESPAÇO

Isotopia D1 – Tempo de Trabalho / Tempo livre

Planifica o que tem de fazer	Não planifica o que tem de fazer
Nem sempre cumpre o plano	Cumpr sempre o plano
Pouco tempo livre	Muito tempo livre
Não consegue separar os tempos de trabalho e tempo de lazer	Consegue separar os tempos de trabalho e tempos de lazer
Dispersa com facilidade	Não dispersa com facilidade
Está sempre ocupada	Não está sempre ocupada
O tempo passa depressa	O tempo não passa depressa

Isotopia D2 – A questão do género

Existe discriminação profissional por género	Não existe discriminação profissional por género
Existe mais discriminação no início da carreira	Não existe mais discriminação no início da carreira
Ciclo de vida penaliza as mulheres profissionalmente - maternidade	Ciclo de vida não penaliza as mulheres profissionalmente - maternidade
Problemas familiares afectam mais no início da carreira	Os problemas familiares não afectam mais no início da carreira
Mais homens como presidentes de escola	Menos homens como presidentes de escola
Não existem reitoras	Existem reitoras

Isotopia D3 – Antes e depois do doutoramento

Antes do doutoramento	Depois do doutoramento
Trabalhava nos fins-de-semana	Não trabalha nos fins-de-semana

Isotopia D4 – A questão do Espaço

Trabalha em casa	Trabalha na UM
Tem as suas coisas	Não tem as suas coisas
Tem os seus livros	Não tem os seus livros
Espaço só seu	Espaço não é só seu
Distrai-se mais com outras coisas	Não se distrai mais com outras coisas

Isotopia D5 – O futuro

Pretende ter mais tempo para as coisas que gosta de fazer	Não pretende ter mais tempo para as coisas que gosta de fazer
Preocupa-se com a saúde da filha	Não se preocupa com a saúde da filha

**ESQUEMA DE ISOTOPIAS
E14 - ISABEL**

CATEGORIA B - REPRESENTAÇÕES DA PROFISSÃO

Isotopia B1 – Escolha da Profissão

A carreira universitária sempre foi a sua primeira opção	A carreira unviersitária não foi a sua primeira opção
Agrada-lhe trabalhar e estudar ao mesmo tempo	Não lhe agrada trabalhar e estudar ao mesmo tempo
Saiu do seu país	Não saiu do seu país
Entrou na UM	Não entrou na UM

Isotopia B2 – Vantagens da Profissão

Na carreira académica	Fora da carreira académica
Maior acesso ao conhecimento	Menor acesso ao conhecimento
Flexibilidade de horários	Inflexibilidade de horários
Possibilidade de trabalhar em casa	Impossibilidade de trabalhar em casa

Isotopia B3 – Desvantagens da Profissão

Na carreira académica	Fora da carreira académica
Horários não rígidos	Horários rígidos
Necessidade de levar trabalho para casa	Não necessidade de levar trabalho para casa

Isotopia B4 – Representações da profissão

Só passa para o exterior as horas de trabalho das aulas	Não passa para o exterior só as horas de trabalho das aulas
Ideia de que os docentes universitários são privilegiados porque trabalham pouco	Ideia de que os docentes universitários não são privilegiados porque trabalham muito.

CATEGORIA C - CATEGORIA PROFISSIONAL

Isotopia C1 – O que mudou com a entrada na categoria

Antes da entrada na categoria	Depois da entrada na categoria
Mais tempo para investigação	Menos tempo para investigação
Mais capacidade organizativa	Menos capacidade organizativa

CATEGORIA D - RELAÇÃO COM O TEMPO E O ESPAÇO

Isotopia D1 – Tempo de Trabalho / Tempo livre

Faz planos para a semana	Não faz planos para a semana
Pouco auto-disciplina	Muito auto-disciplina
Pouco tempo para investigação	Muito tempo para investigação
Dificuldade em separar os tempos	Facilidade em separar os tempos
Trabalha aos fins-de-semana	Não trabalha aos fins-de-semana
Perde tempo em reuniões e tarefas administrativas	Não perde tempo em reuniões e tarefas administrativas
Pouco tempo livre	Muito tempo livre

Isotopia D2 – A questão do género

Não há discriminação no trabalho	Há discriminação no trabalho
Mulheres têm mais trabalho por motivos culturais	As mulheres não têm mais trabalho por motivo cultural

Isotopia D3 – Antes e depois do doutoramento

Antes do doutoramento	Depois do doutoramento
Mais tempo para investigação	Menos tempo para investigação
Mais capacidade organizativa	Menos capacidade organizativa

Isotopia D4 – A questão do Espaço

Em casa	Na universidade
Mais tranquilidade	Menos tranquilidade
Não perde tempo com tarefas administrativas	Perde tempo com tarefas administrativas
Distrai-se mais com outro tipo de tarefas	Dispersa menos com outro tipo de tarefas

Isotopia D5 – O futuro

Pretende voltar ao seu país	Não pretende voltar ao seu país
-----------------------------	---------------------------------

DIÁRIO DE UM DIA TÍPICO

TEMPO (Horas do Dia)	Que actividade estava a fazer? Escreva a actividade para cada uma das horas do dia.	Onde estava ? Ex.: em casa (dizer em que divisão da casa), na universidade (no gabinete, etc.)	Essa actividade consistia em ajudar alguém? Assinale <i>Sim</i> com X	O que estava a fazer ao mesmo tempo? Ex: ouvir musica, cozinhar, tomar conta do filho(s), ver TV, etc.	Estava Só? Assinale <i>Sim</i> com X	Estava Com outros membros da família? Assinale <i>Sim</i> com X	Estava Com Outras pessoas que conhece? Assinale <i>Sim</i> com X	Quantas pessoas? Escreva o número de pessoas com quem estava.
01.00-02.00h								
02.00-03.00h								
03.00-04.00h								
04.00-05.00h								
05.00 -06.00h								
06.00-07.00h								
07.00-08.00h								
08.00-09.00h								
09.00-10.00h								
10.00-11.00h								
11.00-12.00h								

12.00-13.00h								
13.00-14.00h								
TEMPO (Horas do Dia)	1 Que actividade estava a fazer? Escreva a actividade para cada uma das horas do dia.	2 Onde estava ? Ex.: em casa (dizer em que divisão da casa), na universidade (no gabinete, etc.)	3 Essa actividade consistia em ajudar alguém? Assinale Sim com X	4 O que estava a fazer ao mesmo tempo? Ex: ouvir musica, cozinhar, tomar conta do filho(s), ver TV, etc.	5 Estava Só? Assinale Sim com X	6 Estava Com outros membros da família? Assinale Sim com X	7 Estava Com Outras pessoas que conhece? Assinale Sim com X	8 Quantas pessoas? Escreva o número de pessoas com quem estava.
14.00-15.00h								
15.00-16.00h								
16.00-17.00h								
17.00-18.00h								
18.00-19.00h								
19.00-20.00h								
20.00-21.00h								
21.00-22.00h								
22.00-23.00h								

Discursos do Tempo Sentido

23.00-24.00h								
24.00-01.00h								

DATA DE PREENCHIMENTO DO DIÁRIO: ____/____/____.

*Dia da Semana :*_____.

Motivo da escolha deste dia:

OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO.

P R O F I S S Õ E S

Guia de Caracterização Profissional



LISTA DAS PROFISSÕES

Página inicial ▼

PROFESSOR DO ENSINO SUPERIOR

Natureza do trabalho

Os professores do ensino superior têm como principais funções a docência e a investigação, sendo também significativa a componente de participação na administração académica. A docência envolve a transmissão de conhecimentos a alunos (jovens e adultos), através de aulas ministradas em cursos de bacharelato, licenciatura, mestrado e doutoramento, bem como através de outros cursos que não conferem grau académico (cursos de formação avançada, cursos livres, pós-graduações, cursos de verão, seminários, conferências, etc.). A investigação consiste no aprofundamento teórico de uma determinada área do saber, através de um trabalho organizativo, de gestão, teórico e metodológico, com o objectivo de desenvolver o conhecimento científico, actividade a que muitos professores do ensino superior dedicam grande parte da sua vida.

O trabalho destes professores pode incluir a leccionação de aulas teóricas - centradas na divulgação dos conhecimentos; aulas práticas - centradas na aplicação dos conhecimentos adquiridos nas aulas teóricas; aulas teórico-práticas - compostas pelas duas vertentes. Para além de ministrarem aulas, estes profissionais podem supervisionar e avaliar os trabalhos individuais e de grupo realizados pelos alunos, incluindo seminários, projectos e relatórios de estágio. São, também, responsáveis por elaborar e disponibilizar aos alunos sumários descritivos das matérias leccionadas e trabalhos actualizados (artigos, livros, monografias e outros materiais de apoio), bem como por orientar mestrados e doutoramentos. Incumbe-lhes, igualmente, a orientação, o acompanhamento ou a direcção de trabalhos de laboratório e de campo. Podem, ainda, participar na coordenação do trabalho desenvolvido no âmbito de disciplinas, grupos de disciplinas ou departamentos, o que implica, por exemplo, coordenar o trabalho de outros professores, definir currículos de cursos, elaborar e actualizar programas de disciplinas e determinar métodos de ensino.

No campo da investigação, dedicam-se ao estudo de matérias

relacionadas com determinadas disciplinas com vista ao aprofundamento do conhecimento científico e à sua potencial aplicação concreta aos problemas do quotidiano. Podem também ser responsáveis, por exemplo, pela definição de programas e métodos de investigação e pela participação na coordenação de equipas que sobre estes se debrucem.

Os professores do ensino superior, designadamente os que exercem funções em escolas públicas, desempenham igualmente funções de administração académica em domínios como a distribuição do trabalho docente e planeamento dos calendários escolares; a organização dos trabalhos e provas académicos; o estímulo à participação de docentes e alunos na vida institucional; a organização de serviços à comunidade (como por exemplo estágios ou colaborações em projectos de ciência aplicada); a administração financeira e patrimonial (como a elaboração de propostas de orçamento ou de candidaturas a apoios financeiros); a representação institucional, como o estabelecimento de protocolos e parcerias com outras entidades.

As actividades de docência e investigação, embora se encontrem centradas nas escolas a que os professores do ensino superior estão vinculados, são frequentemente exercidas, a título remunerado ou gratuito, a convite de outras instituições, sejam elas escolas do ensino básico, secundário ou superior, fundações, organizações governamentais e não governamentais, sindicatos, partidos políticos, etc.

Nas suas actividades de docência, os professores devem ter sempre a preocupação de estimular e desenvolver a autonomia de pensamento, sentido crítico, iniciativa e capacidade de análise dos seus alunos. Deverão, também, contribuir para a formação científica e pedagógica de todos os docentes com quem trabalham.

Para desempenharem as suas funções, é fundamental terem apetência para ensinar, grande capacidade de comunicação e gosto por partilhar conhecimentos de forma criativa, sobretudo nas exposições em aula e em conferências e seminários. Neste âmbito, é importante o domínio de recursos didácticos, tais como equipamentos audiovisuais e meios multimédia. É igualmente importante ser metódico e persistente, designadamente no que se refere à investigação, bem como dominar o recurso à Internet, uma vez que a sua utilização é hoje em dia uma forma complementar e cada vez mais importante de armazenamento e pesquisa de informação científica. Para além disso, todos os que enveredem por esta profissão deverão possuir profundo interesse pelo conhecimento científico e vontade e disponibilidade para se manterem permanentemente actualizados. Outra característica relevante é a flexibilidade para alternar trabalho solitário com trabalho em equipa, em conjunto com profissionais da mesma especialidade ou de outras especialidades, sobretudo no que se refere à investigação.

Os professores do ensino superior universitário e politécnico públicos são trabalhadores por conta de outrem e gozam do mesmo estatuto dos demais funcionários públicos. No ensino superior particular e cooperativo, existe um contrato de trabalho típico que estabelece a relação laboral entre o docente e a entidade empregadora. Apesar destas diferenças de regime, as principais entidades empregadoras destes profissionais são as universidades e os institutos politécnicos, tanto públicos, como privados e cooperativos, havendo a possibilidade de um mesmo professor ter vínculos profissionais com instituições de ambos os sectores.

Os professores do ensino superior podem, em certas circunstâncias, acumular o exercício da sua actividade com o exercício de uma profissão liberal, bem como desempenhar funções como trabalhadores por conta de outrem noutras organizações. Sendo a dedicação exclusiva ao ensino, à investigação e à gestão administrativa das respectivas escolas o regime predominante no sector público, é, no entanto, possível encontrar, por exemplo, professores de economia que são economistas em empresas, professores de arquitectura que trabalham como arquitectos em gabinetes da especialidade, ou professores de engenharia que exercem a profissão de engenheiro nas mais variadas organizações. Por vezes ainda, os profissionais que se destacam no exercício de determinadas profissões são convidados a desempenhar funções de professor, ou os professores do ensino superior são convidados a permanecer nas escolas em regime de exclusividade, o que os impede de acumular funções noutras instituições.

Quanto à procura destes profissionais no mercado de trabalho, verifica-se actualmente uma redução do ritmo de admissões de professores. Após um período em que se registaram numerosas admissões de docentes – na sequência de um aumento da procura de cursos superiores por parte dos estudantes – assiste-se hoje a uma tendência para a redução global de efectivos. Este decréscimo na admissão de professores deve-se a uma evolução demográfica negativa nos grupos etários em idade de frequentar o ensino superior, bem como ao facto de os índices de abandono escolar nos níveis de ensino que precedem o ensino superior registarem ainda valores elevados.

Embora as admissões sejam decididas por cada instituição do ensino superior e o quadro legal permita a admissão de docentes unicamente habilitados com a licenciatura, começa a verificar-se, em muitos casos, uma atitude de maior exigência, em que tem sido dada prioridade de contratação a candidatos habilitados com o grau de doutor (para ingresso no corpo docente do ensino universitário), ou com o grau de doutor ou de mestre (para ingresso no corpo docente do ensino politécnico).

Formação e Evolução na Carreira

Embora a habilitação mínima legalmente exigida para a docência no ensino superior seja a licenciatura ou curso superior equivalente, o seu exercício é apenas possível, na maioria dos casos, com habilitações de mestrado ou doutoramento. No sector público, tanto nas universidades como nos institutos politécnicos, o acesso à profissão pode ser feito como docente de carreira e, em casos excepcionais, como docente especialmente contratado. No primeiro caso, o processo obedece a um concurso documental. No segundo, o processo pode ter por base um convite, quando o mérito científico ou técnico do indivíduo o justifique, como sucede com os professores convidados (ensino universitário) ou os equiparados às categorias da carreira (ensino politécnico).

Nas universidades, o acesso como docente de carreira faz-se na categoria de Assistente-Estagiário, celebrando-se um contrato anual renovável por três vezes, período após o qual só poderão permanecer no exercício das respectivas funções aqueles que tenham o grau de mestre ou requerido a admissão a provas de aptidão pedagógica e capacidade científica. Já na categoria seguinte, a de Assistente, os docentes têm um contrato de seis anos (que pode ser prorrogado por mais dois), durante os quais deverão concluir o doutoramento. Com a obtenção do grau de doutor, os docentes que optem pelo regime de tempo integral são imediatamente contratados como professores auxiliares. Na categoria de Professor-Auxiliar, os docentes celebram um contrato provisório de cinco anos, sendo que só depois se verifica um processo de nomeação definitiva, na sequência da apresentação de um relatório curricular sobre a actividade pedagógica e científica entretanto desenvolvida. Com a passagem por concurso público à categoria seguinte, a de Professor-Associado, o docente passa a integrar o quadro da respectiva instituição de ensino superior. Para se atingir o topo da carreira, como Professor-Catedrático, é necessário realizar uma prova pública de agregação e um concurso documental (cf. Estatuto da Carreira Docente Universitária, disponível, por exemplo, em <http://www.crup.pt/>).

Nos institutos politécnicos, a categoria inicial da carreira docente é a de Assistente, sendo celebrado um contrato trienal, renovável por igual período. Para permanecerem no exercício de funções docentes, os assistentes estão obrigados a obter um diploma de estudos graduados ou o grau de mestre até ao termo da renovação, ou seja, a deterem as habilitações necessárias para aceder à categoria de Professor-Adjunto. O acesso a esta categoria pode, igualmente, ser feito por concurso documental e concurso de provas públicas (entre outras, a discussão sobre dois temas relacionados com a área de ensino em causa). O provimento na categoria é, então, feito por nomeação provisória, por um período de três anos, após o

qual se pode tornar definitiva, caso obtenham aprovação do relatório que devem apresentar sobre a actividade pedagógica, científica e de investigação que realizaram durante esse período. O topo da carreira atinge-se com a categoria de Professor-Coordenador, que implica o exercício de funções durante três anos como Professor-Adjunto, bem como um concurso de provas públicas (por exemplo, a apresentação de uma dissertação). O provimento dos professores-coordenadores é, em tudo, semelhante ao dos professores-adjuntos (cf. Estatuto da Carreira do Pessoal Docente do Ensino Superior Politécnico, disponível, por exemplo, em <http://www.crup.pt/>).

Quanto ao sector particular e cooperativo, a evolução na carreira dever-se-á processar de forma similar à do sector público (cf. Estatuto do Ensino Superior Particular e Cooperativo, disponível, por exemplo, em <http://www.apesp.pt/>). Em ambos os sectores, a evolução na carreira está dependente da formação académica, pelo que os profissionais estão, por vezes, dispensados de leccionar para se dedicarem à investigação quando, por exemplo, realizam o doutoramento (nalguns casos, obtido no estrangeiro).

Para além desta visão da carreira profissional docente instituída pela lei, existe uma carreira académica que se inicia com o doutoramento, o qual atesta a capacidade para desenvolver investigação com autonomia. Essa carreira centra-se na realização de investigação científica, cujos resultados, sujeitos a avaliação regular, se materializam na participação em reuniões científicas, na publicação de comunicações, de artigos em revistas nacionais ou internacionais, de capítulos de livros ou livros inteiros, no concurso a projectos de investigação e a prémios, na aceitação de formas de reconhecimento público, na liderança de equipas de investigação e na atribuição de responsabilidades na administração científica de escolas e institutos de investigação. As provas públicas de agregação - prova de topo da carreira académica - permitem aferir a qualidade do currículo científico construído após o doutoramento, as competências de organização curricular em determinada área de especialidade e as competências científicas demonstradas no passado e com projecção no futuro.

Deve ainda ter-se em conta que, na lei actualmente em vigência, existem mecanismos que permitem o acesso directo à categoria de Professor, sem necessidade de passagem por uma fase de Assistente, desde que os candidatos estejam habilitados com o doutoramento (no caso do ensino universitário), ou com o mestrado ou o doutoramento (no caso do ensino politécnico). Por outro lado, a falta de vagas nos quadros de muitas instituições tem conduzido à admissão de profissionais na qualidade de docentes especialmente contratados que, pelo seu nível de dedicação à escola e habilitações científicas, reúnem as condições legalmente previstas de acesso à carreira, bem como à admissão de docentes em regime de substituição de outros que desempenham temporariamente cargos públicos ou que estão

dispensados de serviço lectivo.

Condições de Trabalho

Estes profissionais desenvolvem o seu trabalho em gabinetes (isolados ou partilhados), laboratórios, bibliotecas, salas de aulas ou anfiteatros, podendo o ambiente variar em função das matérias a que se dedicam.

O seu trabalho pode ser desenvolvido em tempo integral ou parcial. No sector público, por exemplo, os professores trabalham, por norma, em regime de tempo integral. No entanto, é normal que os professores convidados pratiquem um horário de tempo parcial, devido às suas actividades profissionais. O tempo integral corresponde à carga mínima de 6 horas e máxima de 9 ou 12 horas de aulas semanais, conforme se trate de docência em universidades ou politécnicos. Há ainda que acrescentar o período de apoio aos alunos e as horas dedicadas à investigação e avaliação, pelo que a carga horária semanal corresponde a 35 horas, podendo ser superior se se considerar a preparação das aulas, a correcção dos testes e a coordenação de disciplinas. Em relação ao tempo parcial, o horário varia entre as 8 e as 22 horas por semana.

Perspectivas

O mercado de trabalho dos professores do ensino superior é, neste momento, um mercado com reduzidas perspectivas, oferecendo situações precárias em termos contratuais, geradoras de instabilidade na carreira. As funções a exercer continuam, no entanto, a caracterizar-se por elevados graus de qualificação, exigência e responsabilidade.

Nos próximos tempos, o exercício da profissão sofrerá alterações decorrentes das directivas do Processo de Bolonha (no âmbito do qual se pretende criar um Espaço Europeu do Ensino Superior), que deverão influenciar as características do trabalho que o estudante deve realizar e criar novas regras e dinâmicas no ensino superior em Portugal. Além disso, o desenvolvimento tecnológico e o processo de globalização tenderão a influenciar as práticas pedagógicas e implicarão mudanças nos processos e situações de ensino-aprendizagem: é previsível, por exemplo, que a introdução de métodos de ensino à distância e de modalidades de *e-learning* (gravações, teleconferências e outros) venha a reduzir o tempo de contacto entre professor e alunos no regime de ensino presencial. Contudo, e apesar das alterações em perspectiva, o professor continuará a desempenhar um papel essencial em todo este processo.

Outras alterações poderão ocorrer em virtude do acolhimento no ensino superior de alunos com percursos formativos diferentes daqueles que normalmente possibilitam o acesso a este nível de

ensino, como, por exemplo, alunos que tenham terminado o ensino secundário há algum tempo, ou que tenham obtido certificação de experiência profissional e decidam iniciar a sua formação superior num momento adiantado da vida profissional. Estas alterações implicam uma esquematização e uma lógica curricular flexíveis de modo a que a oferta formativa do ensino superior possa ajustar-se às características desta nova população estudantil.

Contactos para Informações Adicionais

Existem várias entidades que podem fornecer informações adicionais sobre esta profissão, nomeadamente:

* **Direcção-Geral do Ensino Superior do Ministério da Ciência e do Ensino Superior**, Av. Duque de Ávila, 137, 1069-016 Lisboa, Tlf. 213 126 000, Fax 213126001. C. Electrónico: dges@dges.mcies.pt. Página na Internet: <http://www.dges.mcies.pt/>

* **FENPROF - Federação Nacional dos Professores**, R. Fialho de Almeida, 3, 1070-128 Lisboa, Tlf. 213819190, C. Electrónico: fenprof@fenprof.pt. Página na Internet: <http://www.fenprof.pt/>

* **SNESUP - Sindicato Nacional do Ensino Superior**, Av. 5 de Outubro, 104, 4.º, 1050-060 Lisboa, Número verde 800202826, Tlf. 217995660, Fax 217995661. C. Electrónico: snesup@snesup.pt. Página na Internet: <http://www.snesup.pt/>

* **FNE - Federação Nacional dos Sindicatos de Educação**, Escadinhas da Praia, 3 - 2.º Esq.º, 1200-796 Lisboa, Tlf. 213957499, Fax 213954738. C. Electrónico: fne@mail.telepac.pt. Página na Internet: <http://www.fne.pt/>

LISTA DAS PROFISSÕES



© DGERT.2004-2005

contacto: dgert@dgert.msst.gov.pt website:
<http://www.dgert.msst.gov.pt/>

Fonte: E:\PROFISSÕES Guia de Caracterização Profissional Professor do ensino superior.htm

